



31761 07828015 3











PENSAMENTOS,
REFLEXOENS,
E
MAXIMAS.

OBRAS POSTHUMAS

DO

R.^{mo} P. M. TRANSFIGURAÇÃO,

Franciscano Observante da Província de Portugal,
Professor P. de Philosophia, e de Historia Ec-
clesiastica, e Lente Jubilado da mesma Ordem.

TOM. I. (e sermão)

QUE CONTEM

OS SEUS PENSAMENTOS, REFLEXOENS,

E MAXIMAS,

DADO A' LUZ, E OFFERECIDO

AO ILL.^{mo}, E EX.^{mo} SENHOR

ANTONIO D'ARAUJO DE AZEVEDO,

Ministro, e Secretario d'Estado dos Negocios
Estrangeiros, e da Guerra, do Conselho de
Sua Alteza Real, e Conselheiro d'Estado,

POR

JOSE' PEDRO DA CUNHA COUTINHO,

Presbytero Secular Professo da Congregação de
Oliveira do Douro,

UNICO AMIGO DO AUTHOR.



P O R T O :

NA TYP. DE ANTONIO ALVAREZ RIBEIRO,

ANNO DE M. DCCC. VII.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

BX
890
T73
t.1

Ill.^{mo}, e Ex.^{mo} SENHOR.

*S*olicitei ancioso pela honra de pôr no Frontispicio deste Livro o respeitavel Nome de V. Ex.^o para grangear merecimento a huma Obra, de que V. Ex.^o acceitando a Dedicaçao, bavia de ser sem hyperbole hum habilissimo Censor em mais de tres partes do seu conteúdo por seus felizes conhecimentos: assim como tambem para renovar em V. Ex.^o a memoria de hum Author, que mereceo, ainda que ha bastantes annos, huma distincçao particular de sua alta

Be-

*Benevolencia. Como fui feliz, Se-
nbor, cabe-me, como a hum apai-
xonado Editor desta Obra, desejar
ardentemente huma occasião de bei-
jar as Maõs de V. Ex.^o em meu
nome, e de seu antigo favorecido:
e eu o farei promptamente, e com
gosto, logo que aprouve ao Alto
annuir a meus votos. Deos guar-
de a V. Ex.^o por muitos annos.
Na Congregaçao de Oliveira do
Douro em 23 de Março de 1806.*

O mais obrigado Servo de V. Ex.^o

José Pedro da Cunha Coutinho.

P R E F A Ç A Õ

D O E D I T O R.

O R.^{mo} Author deste Livro, ou fosse por humildade, ou por acanhamento, a pezar de bastantes subscrispçõens, que se lhe offerecerão, nunca pôde resolver-se a dar á luz alguns de seus Escriptos, principalmente dos que elle tinha trabalhado devagar, e com reflexão; e que seriaõ mais dignos do público apreço, do que tem sido esse horror de impressõens do Livro de *Carlos Magno*. Obrigado porém da razão, e motivo, que elle mesmo aponta na sua *Prefaçao*, assentou em fim mandar imprimir este Livro dos seus *Pensamentos*; e para isso cuidou em retocá-los, e ampliá-los: e já naõ faltava mais que dá-lo á

á luz ; mas naõ sei que occurrence o embaraçou de o fazer ; e assim esteve alguns annos ; até que esta inacção despertou de novo as antigas instigaçoens de seus Amigos. Ampliou outra vez ainda mais os seus *Pensamentos* ; e ao ponto de satisfazer aos impacientes desejos daquelles , (altos Juizos da Providencia !) deixou inexperadamente a esse abreviado Mundo , em que tinha vivido por trinta , e tantos annos : assim naõ pôde imprimi-lo naquelle estado , e ordem de cousas.

Ora , este *Padre* , como era muito meu amigo , como fiava muito de mim , porque na verdade eu , e elle eramos huma só alma , e posso dizer sem hyperbole , que eu a seu respeito fui est'outro eu , que elle chama n'hum de seus *Pensamentos* — o só verdadeiro , e unico amigo do homem ; — nas vesperas de sua partida

le-

legou-me todos os seus papeis, indicando-me os que podiaõ vêr a luz da impressaõ; mas impondo-me ao mesmo tempo de o naõ fazer sem primeiro os sujeitar á séria revisaõ de algum *Censor* habil, que os rectificasse novamente, os notasse, e refundisse sendo necessario, porque era homem, e podia, contra a sua mesma intençäo, ter errado, ter naõ pênsado justo, e ter-se opposto a si mesmo, a pezar de mil diligencias, que fizera para assim naõ acontecer.

Carreguei-me desta sua ultima vontade; e o executei já a respeito desse Livro dos *Pensamentos*, que ofereço em seu nome, e protesto de executar para o mais, que tiver de sahir em tempo opportuno. Entre tanto, como este Livro pela sua natureza naõ he para ser familiar dessa multidaõ de maõs, que tem revolvido de dia, e de noite, e até levado

para a cama para lá repetir de cór os portentosos feitos de *Roldaõ*, de *Oliveiros*, de *Ferrabraz*, e outros horriveis monstros de valor, parece-me que estou dispensado de rogar aos *Leitores racionaes*, que para isto assim lhes chamo, que perdoem á memoria do Author; maiormente depois de elle (querendo prevenir huma Critica demasiadamente severa, e hyperbolica,) dizer, como he pura verdade, que o pensar dos homens seguia a razão composta da extensaõ do espirito, da vastidaõ do genio, e da natureza dos primeiros princípios: porque deixado o vicio do temperamento, todos teriaõ a mesma igualdade d'alma, tendo o compostão daquellas tres razoens.

O *P. M. Transfiguraçao* só tinha contra si o ser pouco ambicioso: no mais, naõ lhe faltava vontade de acreditar-se, e no possivel ser util

aos seus Similhantes : elle sabia muito bem os deveres do homem ; e se naõ fez mais do que se vio , e ouvio nas principaes Cidades , e Vilas deste Reino , e ainda fóra , (1) naõ foi porque efficazmente naõ quizesse : elle era escrupoloso . . . seria por alguma razaõ bastante , que elle deixou ficar occulta. Como quer que fosse : o que ha por ora de demonstraõ para o Público , he este Livro dos seus *Pensamentos* , *Reflexoens* , e *Maximas* : e cuidarei , podendo , no mais , que tenho do *Author* para publicar ; e o farei , como elle me recommendou. Assim tenho dado a razaõ de se imprimir este Livro : que he o que se pede de hum *Editor* de Obras Posthumas.

DO

(1) Em 1790 , e 1791 appareceraõ no Porto duas folhas volantes impressas em *Francez* de huma Sociedade Literaria de *Wtrech* com elogios ao *Author* deste Livro por motivos.

DO A U T H O R

A QUEM LER.

NAõ he a fome do nome de *Au-
thor*, quem me faz dar á luz este Li-
vro: a boa satisfaçao, que eu tenho
do meu pequeno rancho, me poem
fóra de aspirar a huma gloria, que
dependendo da imparcial approvaçao
de mui poucos, ficaria balançando
entre a paixaõ dos Emulos, e dos
Amigos. He muito menos a vaidade
de entrar em parallello com *Francisco
VI.*, Duque de *Rochefoucauld*: sou
obrigado a confessar ingenuamente
a desmarcada distancia, que vai de
mim áquelle grande Homem. Foi sim
o parecer de alguns sujeitos, que pu-
deraõ, a meu pezar, vêr o meu tra-
ba-

balho, quem me determinou, não sei porque fim, a fazer pública huma Obra, que sendo o preço de muitas horas de soltas abstracçoens, estava taxada sómente para recompensar a minha imaginaçāo do trabalho, que tivera.

A quem tiver lido a Obra immortal dos *Pensamentos de Rochefoucauld* em hum pequeno Tomo de doze, parecerá talvez que esta minha huma pura transcripçāo daquella; mas não he: tenho a honra de aprender sómente a precisāo, que elle segue no seu Livro; e he com effeito liçaō, de que me confessarei sempre obrigado. Desde que o li a primeira vez, quadrou tanto ao meu genio, que entrei logo no designio de trabalhar sobre este plano; e não me foi de mui grande custo. Não devo ao Senhor de *Rochefoucauld* mais do que ensinar-me a imitá-lo: porque mui-
to

to antes de eu conhecer a este homem raro, e extraordinario, tinha eu já produzido em muitos dos meus Sermoens naõ poucos dos *Pensamentos* do meu Livro: naõ me atrevo com tudo a affirmar se com a mesma facilidade, que elle.

Rochefoucauld foi hum homem de hum genio grande, e sublime, tinha huma alma cheia de sentimentos nobres, e magnificos; huma imaginaçao viva, fecunda, e prompta; e depois de huma larga experienzia do Mundo, parece que nada lhe foi mais facil que sondar a fundo os corações de todos os homens. Para o trabalho porém de minha pequena Obra, depois de huma bem curta prática do Seculo, apenas descobri em meu coração o coração do homem de quasi todas as condiçoens. Naõ sei resolver-me agora, se faço bem em publicar estes meus *Pensamentos*: fique

ao cargo de quem a isso me obrigou
com tanta efficacia, o gloriar-se de
me ter constrangido a fazer manife-
sta a minha corrupçāo. Seja o que
fôr; fiquem certos os meus *Leitores*,
que me naô veráo jamais pegar da
penna para me justificar de alguma
crise; porque sendo verdade, que o
pensar de cada hum dos homens se
compoem directamente do espirito,
do genio, e das instituiçōens, cada
hum de meus *Leitores* deverá ser ra-
cional para me naô criminhar de eu
naô discorrer como elle: e para estes
he que eu deixo pésar hum trabalho,
em que só a boa fé teve toda a par-
te. Quanto aos *Censores* de lingua,
nem quero a sua approvaçāo, nem
temo as suas notas.

JUSTIFICAÇAÕ DO AUTHOR A PROPOSITO.

OS Pensamentos deste Livro olhaõ sómente para o Reino das paixõens , e para huma natureza corrompida. Os que parecem mais amplos , vaõ sempre caracterisados das expressões *de ordinario , commummente , muitas vezes , quasi sempre , algumas vezes , pela maior parte , &c.* e outros termos exceptivos , que deixaõ sempre a salvo a verdadeira virtude na ordem da Religiaõ , e na Civil. Ha Justos , ha Virtuosos , ha homens de bem , ha *Advogados de consciencia ,* ha *Medicos eruditos ,* ha *Ministros inteiros ,* ha *Mulheres fortes ,* e ha *Heroínas ,* que fazem honra ao seu sexo :

Deos

Deos nos livre , que aquelles *Pensamentos* fossem todos verdades sem excepçāo. O dizer-se que a corrupçāo , e a malicia he mui geral , naō he motivo de carga ; porque alli nunca se falla com a universalidade do *Ps. 13.* de *David* (1). Se com effeito parecer por força de miudeza , que se naō tem esta rational excepçāo , eu me remetto desde já a este respeito , que devo de justiça , a muitas pessoas de merecimento para Deos , e para os homens , que reconheço haver em todos os estados , e condiçōens. Eu quereria sem affectaçāo , que todos entrando ao fundo de si mesmos , achassem mentirosos todos os *Pensamentos* do meu Livro : supportaria de boamente a nota de Impostôr. Na pag. 201. tit. *Moral da Côrte* aquelles *Pensamentos* nem determinaō a Côrte pre-

(1) *Non est qui faciat bonum , non est usque ad unum.* Psalm. 13. v. 2.

cisa, nem he a minha intençāo comprehender debaixo daquelle nome a esta porçāo mais qualificada do Estado, nem deve assim tomar-se. A confusaō, e o barulho de huma Capital, aonde estaō de ordinario, como no seu centro, as desordens, fazem generalizar aquelles meus Pensamentos, sem com tudo tocar nem levemente huma só fimbria das sagradas vestiduras da innocencia, do merecimento, e da virtude: nem a corrupçāo geral da *Caldea* fez mal a *Abrahaō*, nem *Loth* deixou de ser justo no meio do commun libidinoso incendio de *Sodoma*.

E em geral; não sendo este Livro pelo seu conteúdo para occupar a certa especie de *Leitores*, a quem huma animosidade vaga preoccupa até o fastio de vêr as produçōens de *Autores* de algum seu voluntario resentimento; ou que por toda a curio-

riosidade o mais que fazem, he abrir hum Livro logo lá pelo meio, e sobre o primeiro periodo, que encontraõ, decidem soberanamente para já das sinistras intençoens do seu *Author*; mas sómente para entreter a hum *Leitor* racional de genio, e de habito, a quem importa menos o nome do *Author*, do que persuadir-se, desde a primeira *Prefaçaõ*, do objecto da Obra, do seu merecimento, e das intençoens de quem a produzio; quero dever-lhe, e espero, que naõ deitará nunca á má parte a algum dos meus sentimentos, que vaõ espalhados por este Livro; e que respeitaõ, ou á Policia geral, ou á Administraçaõ soberana da Justiça, ou á natureza das Leis em prática; na justa suposiçaõ de que eu naõ passo de hum Pensador particular, que nem teve as viagens, nem o uso, ou correspondencia das Côrtes, mas apenas

ima-

imaginaçāo , leitura , paciencia , e
trabalho a hum puro candieiro.

Naō temerei por tanto , que al-
gum mal affeijoado me crimine de
eu ter em vista os expedientes da
Côrte Soberana de minha feliz Patria.
Dou graças á Providencia , que do
meu pouco tempo tenho visto abo-
lidos bastantes abusos , que a igno-
rancia de huns , e a prepotencia de
outros em Seculos escuros , e de ferro
tinhaō introduzido : as grandes lu-
zes , e vastissimos conhecimentos do
Ministerio actual , e seu infatigavel
cuidado para o bem do Soberano , e
da Naçaō , me ensinaō , que meus
Concidadaōs vindouros haō de ser af-
fortunados até o ponto de naō haver
que invejar das Naçōens mais Poli-
ciadas da *Europa* ; mas vai devagar ,
e he com muita prudencia : huma re-
forma geral naō he a Obra de alguns
annos ; e a boa Administraçāo , que
se

se admira em alguns Estados Soberanos, naõ foi apenas imaginada, e executada logo sobre o campo, levou Seculos. Felicite o Ceo aquellas boas intençoens, naõ resta mais a desejar.

Mas eu, porque naõ sei presentemente a sorte deste meu Livro, a pezar mesmo de minha ingenuidade em fallar a verdade, naõ quero deixar o mais leve escrupulo para os Entendedores. Collige-se de alguns de meus *Pensamentos*, como lá se verá, que o Soberano representa a sua Naçao; e digo em outros, que elle representa a Deos, o Supremo Imperante dos Universos, e que he hum seu Lugar-Tenente sobre a terra: parece contradicçao; mas naõ he. Como os Imperantes Soberanos forao feitos para as Naçaoens, e pelas Naçaoens, representaõ aos seus Constituintes sem dúvida pela eleiçao; ou saõ,

saõ, propriamente fallando, a mesma Naçaõ em massa pela uniaõ das forças. Representaõ tambem ao Rei dos Reis, e tem a sua figura sobre a terra, isto he, pelo Respeito, e Podér; pôdem entaõ muito bem representar aqueles, por quem reinaõ os Reis, e figurar ao mesmo tempo a Naçaõ, que os elegeo, para a governar segundo Deos. Se eu tivesse a infelicidade de ser hum *Atheista* cégo, até faria o Soberano *Ministro* do povo; que era o mesmo que fazê-lo *Ministro* de si mesmo, naõ tendo a hum Deos, de quem o fazer *Ministro*. Mas, graças ao Céo, tenho a hum Deos, e tenho a sua Palavra. Assim peço de ser entendido, todas as vezes que parecer, que naõ vou coherente a este meu Systema; porque nem tenho outro, nem o quero;

T A B O A
 DOS
TITULOS, QUE SE CONTÉM
 NESTE LIVRO.

A.

<i>A Dvogado</i>	Pag. 18
<i>Affectaçao</i>	22
<i>Ambiçaõ</i>	42
<i>Amigo verdadeiro</i>	5-
<i>Amor</i>	74
<i>Amor proprio</i>	102
<i>Amor da Patria</i>	122
<i>Arrependimento</i>	142
<i>Artificio</i>	17-
<i>Assembléa</i>	182

B.

<i>Bem commum</i>	212
<i>Bens temporaes</i>	232

C.

<i>Capricho</i>	262
<i>Canz</i>	

<i>Cautéla</i>	- - - - -	28.
<i>Commercio</i>	- - - - -	29.
<i>Compaixaõ</i>	- - - - -	35.
<i>Conhecimento proprio</i>	- - - - -	37.
<i>Conselho</i>	- - - - -	38.
<i>Consciencia</i>	- - - - -	42.
<i>Conveniencia</i>	- - - - -	45.
<i>Conversaçao</i>	- - - - -	46.
<i>Crime</i>	- - - - -	49.
<i>Critica</i>	- - - - -	50.
<i>Cobiça</i>	- - - - -	53.

D.

<i>Dependencia</i>	- - - - -	55.
<i>Deveres do proprio estado</i>	- - - - -	56.
<i>Devoçao</i>	- - - - -	58.
<i>Dinheiro</i>	- - - - -	59.
<i>Direito Natural</i>	- - - - -	61.
<i>Discernimento</i>	- - - - -	67.
<i>Desculpa</i>	- - - - -	68.
<i>Discurso</i>	- - - - -	69.
<i>Disfarce</i>	- - - - -	70.
<i>Desgosto do proprio Estado</i>	- - - - -	71.
<i>Desgraça</i>	- - - - -	74.
<i>Distincçao</i>	- - - - -	76.
<i>Divertimento</i>	- - - - -	80.
<i>Dôr</i>	- - - - -	83.

E.

E.

<i>Educação</i>	- - - - -	85.
<i>Emulação</i>	- - - - -	90.
<i>Entendimento, Razaõ, Conselho</i>	- - - - -	91.
<i>Erro Commun</i>	- - - - -	94.
<i>Erro do Entendimento</i>	- - - - -	92.
<i>Escriptor</i>	- - - - -	95.
<i>Esmola</i>	- - - - -	97.
<i>Espirito malfeito</i>	- - - - -	99.
<i>Espirito pequeno</i>	- - - - -	100.
<i>Eternidade</i>	- - - - -	101.
<i>Experiencia</i>	- - - - -	105.

F.

<i>Fanatismo</i>	- - - - -	107.
<i>Philosophia</i>	- - - - -	109.
<i>Fingimento</i>	- - - - -	112.
<i>Formosura artificial</i>	- - - - -	114.
<i>Fortuna</i>	- - - - -	115.

G.

<i>Gosto do Seculo</i>	- - - - -	117.
<i>Governo</i>	- - - - -	118.
<i>Grandeza</i>	- - - - -	124.
<i>Guerra</i>	- - - - -	125.

H.

H.

<i>Heroísmo</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	131
<i>Hypócrita</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	132
<i>Homem</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	133
<i>Homem de bem</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	136
<i>Homenagem</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	138
<i>Humanidade</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	139
<i>Humildade</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	140

I.

<i>Ignorancia</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	144
<i>Imitação</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	147
<i>Imprudencia</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	149
<i>Incapacidade</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	151
<i>Inconstancia</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	152
<i>Ingratidão</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	153
<i>Inimigo</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	154
<i>Instrucción</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	157
<i>Interesse</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Ibid.
<i>Inveja</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	159
<i>Juizo temerario</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	161
<i>Justiça</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	162

L

M.

N.

1

Q.

P.

R.

<i>Respeito dos Soberanos</i>	-	-	-	-	-	-	279
<i>Respeito dos Templos</i>	-	-	-	-	-	-	283
<i>Riso</i>	-	-	-	-	-	-	285

S.

T.

V.

<i>Verdade</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	323.
<i>Vergonha</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	325.
<i>Vicios dos Velhos</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	326.
<i>Vileza</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	328.
<i>Vingança</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	331.
<i>Violencia</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	329.
<i>Ultimo desengano de hum Moço</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	332.
<i>Ultimo fim do homem</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	333.
<i>Virtude affectada</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	335.
<i>Urbanidade</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	337.
<i>Usura</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	339.

Z.

<i>Zélo</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	348.
<i>Zombaria</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	349.

F I M.

PENSAMENTOS,
REFLEXOENS,
E
MAXIMAS.

ADVOCADO.

三

Não saõ algumas vezes as difficultades, que o *Advogado* acha em Direito, quem faz que elle demore o desengano, que em consciencia deve dar á *Parte*, que o consulta: a difficultade maior estará talvez para alguns em calcular ao justo, se tiraráo bons emolumentos do trabalho, e habilidade de embrulhar a Causa, de modo, que a poucos passos se não saiba quem he o *Réo*, nem quem he o *Author*.

2.

Naõ he de ordinario a prova demonstrativa de hum *Advogado* inteiro o ter el-

A

16

le lucrado grandes cabelaes. Huma Causa defendida em hum mez , deixa muito menos , do que sendo arengada pelo espaço de hum anno : repartido ó lucro pelo tempo , he como 1 : 12 , ou como 30 : 365 com pouca diferença.

3.

He do *Advogado* como do *Medico* de alguma sorte. Hum , e outro escreve para se melhorar ; mas nem sempre se consegue a melhora : o *Medico* muitas vezes se engana ; o *Advogado* algumas vezes não se quer enganar.

AFFECTAÇÃO.

I.

Affectaçao he o desprezivel officio de huma alma impotente , ou por falta de luzes , ou pelo desmancho da máquina , e grosseria dos orgaõs.

2.

2.

O maior trabalho ; e fadiga dos homens está em affectar , que saõ o que parecem : todos querem ser o que representão ; e ninguem quer parecer o que he.

3.

No bom sentido , o homem affectado he mais ridiculo , do que era desprezivel pelos defeitos , que trabalha a encobrir. Ninguem he responsavel das irregularidades da natureza : e querer emendá-la pela affectaçao , despede em extravagancias , dignas de riso , e de escarneo.

4.

A affectaçao de espirito he hum viveiro de disparates ; e a de corpo , he outro de macaquices.

5.

O que mostra bem claramente , que era affectaçao em nós , e naõ grandeza

A 2

d'al-

d'alma a respeito dos bens, e dos males; he hum certo ar de impaciencia, que naõ podemos esconder, logo que nos fallaõ do revez, que apanhamos da fortuna.

AMBICAO.

1.

NEm sempre as virtudes moraes, e ci-
vís daõ em maõs limpas de interesse: a
ambiçaõ de nome faz a Christandade de-
huns, e o Machiavelismo de outros.

2.

Naõ he ás vezes algum rasgo de hu-
mildade em fugir aos louvores, quem de-
ve inculçar-nos de verdadeiro merecimen-
to: o demasiado conhecimento de nós me-
smos faz, que estudemos á porfia certas re-
gras, por onde se deixaõ facilmente en-
ganar os bons homens. Tambem a inveja
faz humildes.

3:

3.

He do ambicioso bem como do hydro-
pico : este por mais que beba , sempre
tem sêde ; aquelle por mais que tenha ,
sempre quer ter mais.

AMIGO VERDADEIRO:

I.

HUm amigo verdadeiro he huma pes-
dra preciosa ; pôde-se dar tudo para o topa.

2.

He taõ difficult achar-se hum amigo ver-
dadeiro , como he impossivel encontrar-se
outro *ess.*

3.

Naõ he ordinariamente o signal certo
de hum amigo verdadeiro , vêr ao que as-
sim

sim se nos inculca , abrir-se algumas vezes comnosco , revelando-nos hum grande segredo : ou o faz porque seguro já de suas perigosas consequencias , ou por saber de nós outro , que lhe seja talvez util na descoberta , e a nós perigoso.

4.

Em toda a vida do homem ha só hum caso de se provar o amigo verdadeiro ; que he o desconsolado momento de nossa desgraça. Em quanto somos felizes , he só o interesse quem nos faz roda. O commun dos amigos he bem como estas aves , a quem vêmos sómente na Primavera.

5.

A humanidade , e a razão bastariaõ a inclinar o homem a ser amigo verdadeiro dos seus similhantes , na ordem moral , e politica. A depravaçao tem feito quasi indispensavel huma boa provisaõ de hypotheses maliciosas , e de outras combinações sobre a experiençia para naõ succumbir facilmente a todo o engano.

AMOR.

A M O R.

1.

HUm amor sincero, e desinteressado, he huma das grandes maravilhas na geral condiçao do homem. De ordinario he o amor huma sêde insaciavel, a mais bem disfarçada de satisfaçoens ás vezes bem monstruosas, e irrationaes.

2.

Raras vezes se ama a hum objecto só porque elle he digno de amor; e quando se ama, consiste em certas expressoens sómente, que tem de officio encobrir a inveja.

3.

Amamos mais facilmente aos que se parecem comnosco no mal, do que no bem: quereriamos ser unicos nas boas qualidades;

e

é para o mal desejamos exemplo ; que nos cubra : como se diminuisse o nosso mal com o mal dos outros.

4.

Ordinariamente naõ expressamos o nosso amor a respeito de huma cousa amavel , porque queiramos ser justos ; mas porque queremos passar por bons avaliadores ; e nesta opiniao está a nossa recompensa.

5.

O amor menos suspeitoso de servil he o que se mostra menos com palavras : inculcá-lo muito he obrigar de avance a huma gratidaõ , que se naõ merece por hum só mover de beiços.

6.

Naõ deve reputar-se mais sincero o amor por ser mais ardente : este he bem como huma chamma ateada em espirito de vinho , que dura em quanto o come. Hum amor excessivo enfada.

7.

Naõ he bastante para enfraquecer hum
amor , que elle tenha sido mal pago : hum
amor generoso naõ espera retribuiçāo , e
huma alma grande paga-se de si mesma.

8.

O amor , que chegou a affroxar , ou naõ
era verdadeiro , ou naõ se tinha huma
idéa justa , e distincta do objecto amado.
He necessario , que o tempo naõ descu-
bra alguma qualidade , que faça arrepen-
der do sacrificio.

9.

O verdadeiro amor tem pensoens terri-
veis : huma por todas he acautelar hum
só momento , em que naõ pareça fingido.

10.

Amor verdadeiro , e permanente he só
o que se tem a Deos na Patria : só Deos
he

he capaz de fartar o appetite racional do homem. Todo o outro amor por mais verdadeiro que pareça , ou acaba , acabando o objecto ; ou porque este remettendo á alma os seus motivos por meio dos orgaõs externos , os fatiga de huma applicaõ importuna , e molesta. A inconstancia he o seu sustento.

AMOR PROPRIO.

I.

O Amor proprio he est'outro homem , que temos dentro de nós mesmos ; pôde sobre nós , se naõ temos forças para contradizer ás suas imprudencias.

2.

O nosso amor proprio he quem decide sobre a justiça dos meios , por onde os outros tem subido á elevaõ.

3.

3.

Quem dá todo o pezo ; e valor ás obras que partem do nosso genio , he o nosso amor proprio. He o maior amigo , que temos ; nunca nos desconsola.

4.

Nem sempre he hum vicio o amor proprio. O amor proprio regulado pela razão , e pela prudencia , he necessario ao homem para desempenhar os officios , a que vem obrigado a respeito de Deos , de si , e dos outros homens. Se fazemos acoens virtuosas na ordem da Religiao : que innocent gloria para nós , de naõ desincentir com nossos feitos a santidade de hum Christianismo , a que fomos chamados de graça ! Satisfazendo , quanto he possivel , aos deveres relativos de nossas condicōens párincipulares : quanto nos devemos estimar de naõ termos em inacção os talentos , que Deos , e a natureza repartirão comnosco tão liberalmente ! Quando empregamos todas as forças para promover a pública fe-

lícidade deste corpo , que nossos Pais ordenáraõ pela cessaõ de seus mais preciosos direitos : que santa vaidade deve ser a nossa de sermos dignos daquelles bons Cidadãos , que chegáraõ a sacrificarse pela honra , e pela defensa da Patria !

5.

Hum amor proprio em termos habeis he na verdade presumido , e com razão , até mesmo na Lei dos Christãos ; em que se manda , que amemos ao nosso proximo , como a nós mesmos. *Diliges proximum tuum , sicut te ipsum.*

AMOR DA PÁTRIA.

I.

NAõ há cousa mais frequente , do que ouvir fallar no amor da Patria. Se he necessário expôr hoje ao ultimo risco pela sua defensa ; até hontem todos quizeraõ pôr a vida por ella.

2.

2.

A Patria he huma especie de Mãi ; que merece todo o amor de seus Filhos , quando ella tem juizo para avaliar os seus trabalhos , e pagar-lhos : se ella he rustica para os conhecer , e injusta para os naõ recompensar , o homem livre he de toda a terra , naõ tem Cidade fixa.

3.

Naõ sendo a Patria outra cousa mais do que os individuos , que compoem o territorio do seu berço , he necessario que alguns sejaõ dispensados do dever de pôr a vida por ella : se morrerem todos defendendo-a , acabou-se a Patria ; e naõ resta mais , do que hum campo , em que já foi Troya.

4.

Nada parece mais extravagante , do que expôr huma vida , que nos foi dada para perder pela verdadeira Patria , por outra

Paz

patria , de que havemos de ser obrigados a despejar , queiramos , ou naõ queiramos.

5.

Chamaõ-se varoens assignalados os que se arriscáraõ por dous palmos de terra , ganhados ás vezes de bem má fé : e os que foraõ meter-se nas maõs dos inimigos da Religiao pela honra de Deos , saõ chamados freneticos , e indignos de huma vida , que naõ soubêraõ apreciar. A primeira linguagem he de fantasicos , ou Poetas : a segunda de animaes de carne , ou Materialistas.

ARREPENDIMENTO.

I.

O Arrepender de ter feito bem he só de escravos do interesse ; e de ter feito mal he de juizos precipitados. De naõ ter feito bem , podendo , he de negligentes : de naõ ter feito mal , podendo , he de vingati-

civos. He necessário fazer sempre bem, podendo, para se não arrepender de ter feito mal.

2.

A vaidade tem ás vezes a melhor parte em nossos arrependimentos: a vaidade de compassivos faz-nos arrepender de não ter feito bem: a vaidade de poderosos faz-nos arrepender de não ter feito mal.

3.

O arrependimento sendo a prova de hum erro commettido, que huma mal fundada opinião impede muitas vezes de confessar-se, não deixa de ser com tudo o sinal de huma alma de razão: he mais fácil o errar, do que o arrepender de ter errado.

4.

Muitas vezes o arrependimento de alguns não he a confissão sincera do erro commettido; he huma prevenção ardilosa para se lhes não imputar á erros, outros muitos,

tos , que deveriaõ ser sinceramente retratados ; mas impede-o o capricho.

5.

Fingimos algumas vezes de arrependidos dos antigos erros , ou porque queremos impôr de homens de hum maduro desengano ; ou porque a nossa situaçao actual naõ diz bem com os antigos desvaríos.

6.

Ainda sem fallar do arrependimento , que deve haver das iniquidades pelo medo do castigo deputado aos maos : ha de ser bem raro , o que se tiver pelo só desejo de naõ errar mais.

7.

Nem sempre se erra por fragilidade , ou por falta de luzes ; erra-se ás vezes de proposito : o nome de prudente , e de sabio he do paladar de huma carne presumida , que o arrependimento caracteriza.

8.

8.

O arrependimento de fazer bem ; nunca fez bem : o arrependimento de fazer mal , nunca fez mal. O arrependimento de não fazer bem , nunca fez mal ; o arrependimento de não fazer mal , nunca fez bem.

ARTIFICIO.

I.

A Humildade não he sempre huma virtude real no seu proprio fundo : he muitas vezes hum artificio para merecer a atençāo das gentes de bom discernimento : mas não tarda em dar-se a conhecer.

2.

He menos por virtude ás vezes o horor , que mostramos á maledicencia , do

B

que

que hum estudo artificio para evitar, que á força de descobertas, ou de tentativas, não venha a apontar-se com o dedo em nossos erros os mais bem disfarçados.

ASSEMBLEA.

I.

Esta indiferente mistura de gentes de ambos os sexos, de que se compoem ordinariamente as assembléas, a que se dá o nome de passatempo divertido, pelo espirito de sua descoberta tem poupado a estes grandes riscos, a que o escandalo, ou a temeridade faziaõ muitas vezes expôr para vencer a hum genio impertinente, ou a huma cautela incivil.

2.

Se a Lei não imputasse a crime, se não as obras expressamente irregulares, mui-

muitas assémléas seriaõ apenas dispendiosas no chá , no café , na Dança , na Orquestra , e no jogo.

3.

As sssembléas fazem dos desconhecidos amigos ; e dos amigos inimigos. Comunicaõ-se os que nunca se víraõ ; e aborrecem-se os presumidos , os desconfiados , e os zelosos.

4.

Depois das prendas da arte , o mais convivente das assembléas , he o mais picante , ou o mais equívoco : os prudentes , ou saõ estupidos , ou disfarçados.

5.

Passando no commum dos homens por fraco o juizo das mulheres , he cousa célebre ! assim mesmo (naõ sei porque) se faz gosto de perder tempo em assembléas de estatuas ás vezes mudas , aereas , e insípidas.

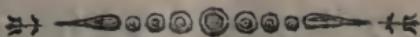
B 2

6.

6.

As assembléas teriaõ toda a innocencia, que se deseja, se dürasse sempre o simples pretexto da sociedade, e civilidade, que as inventou. A experiença das desordens pela confusaõ dos sexos apenas tem feito, que nas assembléas sejaõ os perigos, ou mais raros, ou mais bem cobertos, mas ordinariamente perigos.





BEM COMMUM.

I.

NAÓ ha cousa, que mais se exaggere do que o bem commum; quando se tracta de concorrer para elle, naó ha senão bem particular. Huma ambiçāo desmedida he quem faz, que o bem commum do Todo naó seja o bem particular de cada huma das suas partes.

2.

Ordinariamente os que mais fallaó do bem commum, ou naó tem bem, que sacrificar, ou estaó dispensados de o fazer, ou tem de offício sacrificar o bem alheio.

3.

A inveja faz muitas vezes o zelo do bem commum. Inquieta-se de huma guerra

1

ra intempestiva a huma Potencia para trazer a paz á Republica geral por meio da igualdade , ou do equilibrio ; que ainda até agora se naõ calculou em Arithmetica.

4.

O pretexto do bem commum cobre ás vezes grandes insolencias : faz a vingança do poderoso , faz a injustiça do Ministro , faz a ambiçaõ do avarento.

5.

O bem commum consiste em douos pontos precisos : no inviolavel mantém das Leis da parte do que tem a primeira authority ; e na prompta despesa de todo o Corpo de Naçaõ para occorrer ás necessidades geraes do Estado. O Principe naõ he por isto Monarcha para empenhar o seu Patrimonio até ficar pobre , em quanto a ambiçaõ dos vassallos esconde , e affirolha : desde estes até o Chefe devem todos entrar neste equilibrio de despesa ,

que

que assegure o interesse do Sceptro nas maõs do Monarcha , e do bem particular de cada membro , de que se compoem o interesse commum da Monarchia. No alternado sacrificio do bem particular está posto o bem público ; de que ninguem deve , ao que parece , ser dispensado. Esta maxima será talvez a mesma , ou a Suprema Authoridade seja confiada a hum só , ou a alguns ; ou a muitos.

BENS TEMPORAES.

I.

HE necessario ter huma alma puramente carnal para assentar a unica felicidade em huns bens ; que se ás vezes naõ saõ como a flor do campo , que o mesmo dia vê nascer , e desfolhar , toda a sua duraçao he para affligir. Feliz mil vezes esta especie de genios encolhidos , a quem vêmos a cada passo lastimarem-se de

de os apalparem os infortunios ! He muito menos naõ poder adquirí-los depois de grandes suores , do que vê-los ir ao despenhadeiro sem poder valer-lhes depois de se ter começado a tomar-lhes o gosto.

2.

O desapego de alguns aos bens temporaes naõ he sempre o fructo de os tem rem penetrado até além das apparencias : pôde ser , ou falta de genio , ou vaidade em deixar nome por hum estrondo de virtude.

3.

O uso dos bens temporaes naõ he incompativel com a pobreza do espirito. O seguir a Jesu Christo , depois de venderse tudo , he hum puro conselho do Evangelho ; e tem sahido grandes Santos do meio da abundancia. O ser rico naõ he peccado ; o coraçaõ só segue de perto ao thesouro , quando se naõ faz delle hum uso legitimo , e nas regras. He verdade que

que “ he mais facil entrar hum Camélo pelo fundo de huma agulha , do que entrar hum rico no Reino dos Ceos. ” Mas que rico ? he sómente aquelle , que affectando ignorar , que de Deos he , que recebeo o talento de ganhar cinco com cinco , ou dous com dous , consome em superfluidades o capital , e até aquelle mesmo juro , que pertence de Direito Di- vino a huns miseraveis , que naõ recebê- raõ nada , ou ainda abaixo de nada.





C A P R I C H O.

I.

Tudo está pendente do capricho dos homens. Huma ametade destes he ; o que he , em quanto assim o quer a outra ametade.

2.

Ordinariamente naõ reputamos homens de bom senso , senaõ aos que vaõ a par dos nossos juizos. Daqui vem , que a reputaçao dos que nos applaudem , he par- to do nosso capricho.

3.

Abaixamos algumas vezes do nosso ca- pricho louvando aos homens , naõ por- que sejamõs justos juizes do seu mereci- mento ; mas porque assim se naõ averi- gúa

gúa algum motivo de nosso rancôr ; nem somos notados de indignos por invejosos daquelle excesso de luzes.

4.

Ha duas qualidades de gentes para quem a Religiao he hum ponto de capricho. Huns para fugirem ao escandalo das almas piedosas , fazem que toda ella consista em certo ceremonial , a que se naõ pôde faltar sem a nota de impiedade : nos outros essa tintura de Religiao falla a mesma linguagem dos tempos , e dos interesses ; de sorte que facilmente seraõ Catholicos em *Portugal* , Judeos em *Hollanda* , Protestantes no *Norte* , Scismaticos na *Russia* , Idólatras na *China* , e Mahometanos em *Turquia* ; com tanto porém ; que dependa a fortuna desta variedade prodigiosa.

CAUTELA.

1.

A Pouca satisfaçao ; que algumas vezes mostramos a respeito das producções do nosso espirito , he huma prevenção subtil para que se impute a algum justo motivo ; o que em nós tinha sido esterilidade , e seccura.

2.

A naç haver a inspecção activa sobre gente conhecidamente fraca , a demasiada cautela faz ordinariamente mais mal , do que bem. A apprehensaçao de hum grande aperto faz lembrar o que huma liberdade innocent naõ advinhava : quando por outra parte a desesperação por huma vigilancia mal fundada naõ faz romper em grandes desatinos.

COM-

COMMERCIO.

I.

O Commercio he o nervo do Estado. He necessario, que haja miseria, e barbaridade aonde naõ ha commercio. Traz, depois da abundancia, a Civilidade, e a Politica; huma com o giro dos generos, e a outra com os costumes polidos das Naçoens. Hum commercio apenas interior, depois de naõ abastecer, pouca differençā poem entre a *Cafraria*, e a *Russia* até PEDRO GRANDE.

2.

O Commercio; parece; que naõ deve sahir da mais attenta circunspecçāo da Policia. He necessaria huma regra certa, e permanente, que córte pela desmedida ambiçāo de alguns particulares, a quem naõ da

1.

da interessa o bem , e a felicidade pública. Custa muito a vêr soffrer , que no Estado , aonde ha os generos de consumpçāo facil , e necessaria , haja delles penuria , e carestia , para os vêr ajuntar em monopolios , e enviá-los ao depois aos Paizes estrangeiros.

3.

Sendo , como he , pela experientia aturada de tantas falhas , incerta , e varia a fortuna do Commercio ; hum certo enca-deado de felicidades de alguns Commerciantes , que deraõ o nome á praça , mas naõ subscreveraõ com hum fundo sufficiente , que os cobrisse nas circumstancias adversas , deixa advinhar sobre a Justiça , com que lhes sopra hum vento favoravel. A fortuna ordinariamente naõ ajuda a atrevidos sem fôlgo : e hum edificio assentando em arêa , soffre até de huma branda viragaõ.

Alguns calculadores estaõ persuadidos , que a fortuna do Commercio he sempre na razaõ composta da actividade do Negociante , da abundancia dos generos de consumpçaõ , e do seu aturado circulo : eu diria , que ella he commummente na razaõ inversa da consciencia do Negociante ; mais consciencia , menos lucros ; menos consciencia mais ganhos : he hum prodigo vêr levantar huma grande cabeça a hum Negociante de boa fé ; mas naõ he impossivel. Eu perguntei a hum amigo meu , que acabava de hum lugar de Judicatura , quanto rendia aquella Administraçao ? Respondeo-me , que cinco a seis mil cruazados , se o Ministro fosse apenas huma vez á Confissaõ na Quaresma , ou se nunca lá fosse ; mas que confessando-se com frequencia , apenas tiraria quinhentos mil reis. Ora este Ministro era bastante jovial ; mas a triste experienca . . . e he desgraça ; que haja mais consciencia , e boa fé nos

Pai-

Paizes, em que nem ha Jubileos, nem a obrigaçao de satisfazer ao Cap. *Omnis utriusque* do Lateran. 4. de 1225.

5.

Naõ se pôde dizer, que he rico hum Estado se o seu Commercio está apenas no pequeno giro do negocio de alguns particulares. Naõ basta só que se naõ morra de fome; he necessario fundos permanentes para rechaçar a hum vizinho zeloso, ou inquieto. Saõ as Companhias de huma utilidade a toda a prova, observadas, que sejaõ á risca, como devem ser, as Leis da sua fundaçao. Os seus bancos saõ este certo, e prompto recurso, a que se deve ultimamente deitar a maõ para acudir ás necessidades do Estado. Os que murmurão absolutamente das Companhias, ou naõ tem o verdadeiro espirito do Commercio, ou naõ devem queixar-se da imposiçao dos Subsidios nos tempos de urgentes occurrencias. Saõ as Companhias o meio de se naõ esfolar a hum triste jornaleiro.

6.

6.

He necessario naõ ter luzes nenhumas do Commercio para vêr de bom animo, e até mesmo approvar a importaçāo, e exportaçāo dos generos em Navios (como dizem) á formiga. Pergunte-se aos entendedores o porque ?

7.

O banco roto ; que se vê fazer com frequencia o Commercio de alguns Nego- ciantes , naõ he muitas vezes hum fali- mento real , e verdadeiro. Poupa-se por esta habilidade de satisfazer a grandes pa- gamentos , que levariaõ de hum golpe to- da a massa circulante. He cousa admira- vel naõ se vêr a hum só destes falidos mendigando pelas portas ! Póde ser , que hum Direito natural de alguns Casuistas authorise a reserva do paõ futuro nestas subnegadas massas , que deveriaõ por to- do o direito repartir-se aos Crédores. Per-

gundo se saõ Ladroens estes assim falidos ;
e se saõ seus participantes os seus Dire-
ctores ?

8.

O Commercio sem Marinha será tal-
vez como hum corpo sem alma : naõ da-
rá hum só passo , naõ tendo quem lhe
franquêe huma desembargada passagem dos
mares. O Corsario de *Africa* he hum ini-
migo mui fraco para romper até duas pe-
quenas vélas , fronteiras ao seu continen-
te , e sahir a saquear os Comboys. A in-
veja da alheia fortuna , e a altivez por al-
gumas expediçoens Militares , talvez con-
tra o Direito das Gentes , a honra , e a
boa fé , pertendêraõ obrigar a crêr , que
naõ era taõ livre , como parecia , o dis-
parar hum só canhaõ em todo o Oceano
da *Europa* , naõ mostrando licença , ou
passaporte , naõ sei de quem. Lembro-me
ter lido isto ha muitos annos ; mas naõ
sei aonde. Como quer que seja ; sem se
respeitarem as bandeiras , he impossivel

Com-

Commercio livre ; e ainda mesmo Commercio ; a entenderem-se bem os termos.

COMP AIXAÓ.

I.

SE não fossemos criminosos de certos vícios , teríamos mais compaixaõ dos que nelles cahem por fragilidade , ou por malicia ; e na lembrança de que sendo da mesma carne , e sangue , somos devedores a grandes misérias.

2.

Naõ sei qual lie mais digno de compaixaõ , se o desgraçado , que gema debaixo da tyrannia , ou se o que manda com vara de ferro ? Aquelle tem ao menos a doce satisfaçao de vêr algumas vezes entrar para debaixo dos seus pés , e já sem vara , a hum flagello , que nunca

C 2

se

se persuadio , que a sua Authoridade naõ era sua , mas emprestada até certo tempo ; e daquelle mesmo , que a emprestou tambem a Pilatos para crucificar a hum Innocente.

3.

He para lastimar-se aquelle povo , que remettendo de huma vez livremente nas maõs de alguns de entre si todo o Direito da economia geral , naõ tem mais a entrada franca até estes Chefes ; a quem rodeiaõ ás vezes individuos , reputados , e de leve pela triste experientia , de lhes doer o bem público de todo o Corpo da Naçaõ : mas a inveja , e a avareza he tudo o que tem parte nos seus interesses. Os nossos Monarchas saõ nossos Pais ; e hum bom Pai nunca se nega a hum filho , ainda Pródigo.

CONHECIMENTO PROPRIO.

1.

SE os nossos conhecimentos principiassem todos pelo estudo profundo de nós mesmos, naõ travariaõ entre si hum divocio taõ implacavel a grandeza do Mundo, e a da Eternidade.

2.

Sem o proprio conhecimento perde a nobreza do tempo boas tres partes deste seu ar de opiniao, se chega a abaixar-se até á sorte das gentes de pequena estatura.

CON-

CONSELHO.

I.

OS conselhos dos velhos naõ saõ sempre o sazonado fructo da experientia de huns annos callejados: he ás vezes a inveja da habilidade, com que vem desfructar-se huma verdura, que elles naõ souberão, ou naõ poderão desfructar.

2.

Hum bom conselho perde a metade da sua efficacia, se naõ ha acompanhado do bom exemplo. Naõ ha cousa mais facil do que dar bons conselhos: o fallar consiste em articular sons, e palavras, que a vaidade faz deduzir muitas vezes de huma boa consciencia; e para obrar bem, obstaõ sempre as paixoes, que naõ custaõ pouco a vencer.

3.

3.

Em quanto as paixoes forem coévas ao homem , e inseparaveis de sua carne , e sangue , nunca elle terá huma só hora de obrar louvavelmente , que naõ seja guiado de huma boa consciencia , e hum juizo maduro : saõ os Conselheiros domesticos do homem particular : obrar de outra sorte he mover por maquinismo , como as bestas ; a quem se naõ louva na ordem moral por comer , beber , e dormir bem ; e muito menos por morder , e escoucinhar .

4.

Se ha a quem seja indispensavel , e de toda a necessidade hum conselho de tantas luzes , olhos , e providencias , quantas saõ as differentes complicaõens , que podem transtornar o curso das cousas na ordem da Sociedade , he ao Senhor Sobre-rano da Administraçao geral de hum Estado .

do. He huma Maquina de taõ embaraçadas molas , que muitas repartiçoens nunca seraõ muitas em demasia para assegurar a paz pública , que he a Lei Suprema , e o fim de toda a associaçao dos homens em corpo.

5.

Mandar sem conselho , e pelo só impulso do capricho , e de huma vontade ordinariamente mal instituida , ou sempre céga , era o caracter do Despotismo Oriental. Naõ ha muito ainda que em alguns Estados policiados da Europa se abrio os olhos para sacudir o pezado jugo de certo despotismo estrangeiro , que em seculos de ignorancia , e de terrores pánicos se desmascarou em Occidente ; apegado , (pelo que parece ,) do Codigo dos Califes de *Arabia* ; e trazido a *Constantinopla* em 1453 por MAHOMET II. na destruiçao do baixo Imperio : e que ainda he hoje a Lei Suprema do GRAN SENHOR.

6.

6.

Todos os homens nascem livres ; e por se acharem ao depois obrigados a certas Administraçoens , nem por isso ficaõ escravos. He necessario , a meu vêr , conselhos mui maduros para lhes Legislar de modo a cohibir o abuso de huma liberdade puramente animal : mas he a voz da Humanidade , o Direito da Natureza , e o bom sentido quem deve fallar pela boca dos membros de hum Concelho , que ha de ser ouvido , e votar na Legislaçāo. Manda-se a homens , que pelo menos naõ saõ ainda Selvagens , porque naõ quizerão ; e porque conviéraõ entre si , e estaõ ainda tacitamente convindo , das Santissimas Regras de huma Administraçāo de Racionaes.

CON-

CONSCIENCIA.

1.

A Meditação séria, e contínua do homem sobre si mesmo he o primeiro, e o mais sólido fundamento do seu feliz destino para a vida Civil, e da Religião. Faz, que elle seja humano, como deve, para os individuos da sua especie, que saõ seus similhantes, e iguaes naturalmente: e faz tambem que elle seja humilde para a necessaria imitação do Author do Christianismo. Assim pôde ser feliz nas duas ordens para que o destinou a Providencia.

2.

Nada he taõ raro, como encontrar a quem gaste tempo em estudar-se a fundo. Daqui vem haver na Sociedade tantos Tigres

gres vestidos de homens ; e na Religiao
tantos Atheistas vestidos de Christaos.

3.

Somos facilmente Juizes da consciencia alheia. Metemos a maõ nas obras dos outros para mostrar juizo , e penetraçao : mas se as nossas chegáraõ a ser penetradas , ainda que sejaõ faltas de regra ; só Deos he capaz de nos entender : os homens , ou saõ maliciosos , ou naõ passaõ da superficie.

4.

Parece algumas vezes amor do bem , e da ordem esta severidade , que mostramos sobre a injustiça , com que vêmos fazer algumas cousas : a fome de sermos afortunados , ou nos faz aggravar o nome de seu Author , ou a corrúpçao das quelles , de quem dependeo a sua sorte ; que naõ podemos encarar sem muito custo.

5.

5.

Se naõ houvesse paixoens ; naõ haveria faltas de consciencia : saõ em nós da mesma época. A consciencia diminue na razão inversa das paixoens ; e se naõ se tem observado , he por faltarem as conjunturas.

6.

A consciencia naõ he outra cousa mais do que a *Recta razão* : o obrar por ella , ou sem ella , he o que nos faz similhantes aos brutos , ou diferentes delles. Bastaria que conviessemos no genero.

7.

Naõ parece piedade bem fundada o desculpar no homem intervallos de bruto : antes naõ sei se parece quimera isto a que se chama nas Escholas vulgarmente *Movimentos primeiramente primeiros* ,
pe-

pelo menos cheira a invençāo Peripatetica. Fóra de hum animal obrigado á consciencia , seriaō disfarçados apenas n'hum Criança , ou n'hum Louco ; mas ha-
ver huma recta razaō , e naō dirigir sem-
pre por ella , parece que até naō faz hon-
ra ao seu Author , que nos deo hum prin-
cípio infallivel de obrar sempre bem. Dor-
mite muito embora *Homero* , mas naō te-
nha hum só instante de irracional. Deos
naō infundio aquelle lume sómente para
algumas occasioens.

CONVENIENCIA.

I.

A Delicadeza de nosso talento ; que
he isto a que se chama *politica Italiana* , está em sustentar constantes huma fa-
ce condescendente sempre ao gosto das
figuras , que nos apparecem a cada lado :
aprovar o bem com os bons , e o mal
com

com os máos ; se destes bons ; e máos depende de alguma sorte o nosso comodo.

2.

Haverá bem poucas acçoens , destas mesmas , que nos admiraõ pela sua justiça , e equidade , a quem naõ corrompa , e desfigure a conveniencia. Ainda sem fallar da compensaçãõ , que se espera da virtude para o futuro , a conveniencia faz a piedade de muitas acçoens exteriores da Religiao , que no fundo saõ indifferentes. A carne dá mais valor ás felicidades , que se percebem pelos sentidos.

CONVERSAÇÃO.

2.

A Conversaçao he hum acto formal da capacidade , juizo , e discernimento dos homens.

2.

2.

Pessoas de diversos humores, e interesses saõ impropias para formarem o plano de huma conversaõ séria, util, e permanente: devem todos ser capazes de ouvir, e de votar. He huma especie de Tribunal; mas naõ ha de ser hum só o Relator, todos o devem poder ser, e ser todos Juizes.

3.

Na conversaõ ha muitos, que saõ insopportunos; naõ por absolutamente desagradaveis; mas por excessivos, por impertinentes, por matadores. A conversaõ deve ser hum tecido de pedaços scientificos: deve agradar, e instruir, e naõ enfadar, e fazer fastio.

4.

Os menos proprios para a conversaõ he huma certa especie de falladores, que

que persuadidos de que em garrir muito está o dizer bem, e agradavel; huma imaginação fogoza os tem feito gastar de certos escholios, palavras escolhidas, expressoens estudadas para entreterem de pontos, bem alheios ás vezes do seu Fôro. Estes tem de ordinario dous defeitos notaveis: saõ picantes; e se ha quem volte a folha para assumpto diverso, ficaõ ouvidores perpetuos, ou reconduzidos.

5.

O silencio na conversaçao naõ he sempre hum mostrador infallivel do homem sabio; he ás vezes do ignorante. Ouvir bem, e fallar a ponto he o caracter de hum espirito racional, justo, e de luzes.

CRIME.

I.

FÓra de hum caso , que pede Legislaçāo nova , a modificaçāo das penas em casos julgados naõ he tanto piedade no *Julgador* , como he , ou ignorancia , ou prevençāo , ou erro de consciencia : a ignorancia naõ sabe o Direito , a prevençāo diminue da iniquidade , e huma consciencia sem boas instituiçōens presume de emendar a huma multidaõ de espiritos maduros , que se suppoem terem concorrido para a Lei. Tanto he réo o Réo de hum crime attestado , como o *Juiz* , que corta pela severidade da Lei.

2.

O crime ordinariamente mede-se pelos gráos dā fortuna de quem o commeteo :

D

teo :

teo : he mortal se o Réo he muito infeliz ; e se tiver bons Padrinhos , será venial. Algumas vezes tem chegado a obra meritoria : já houve quem levou hum bom Beneficio por ter espancado a hum *Vigario Geral* de certa Diocese. Mas naõ seria por aquella boa obra : naõ sei.

CRITICA.

I.

A Critica sendo a Arte de achar a verdade , em huma boa parte destes , que apanháraõ , naõ sei de quem , hum passaporte de instruidos , he huma especie de Pirronismo affectado. Duvidaõ de tudo ; naõ para virem por meio de tentativas trabalhosas á origem das cousas ; muitas das quaes ordinariamente lhes naõ interessaõ ; mas para levarem a dente , e sem grande custo , o que naõ pódem com

hu-

huma só levíssima tintura dos preceitos da Arte. São criticos por dispensaçāo.

2.

Os ignorantes confundem a sátira com a critica ; mas sem razaõ : vai tanta diferença de huma á outra , como da maledicencia á justiça. A critica averigúa a verdade de huma peça sem morder ao Author ; a sátira morde ao Author sem saber muitas vezes o caminho de ir á verdade da peça.

3.

Ninguem he reprehensivel por querer indagar a verdade : só se he odioso pór hum ridículo espirito de contradiçāo , e de teima. O critico asisado he flexivel á verdade ; vai pelo beiço render-lhe homenagem , aonde quer que lha mostraõ.

4.

Hum critico por bom ; que seja ; naõ tendo mais , que dous ollios , he imprudente se faz hum nova questao sobre o que está já assentado por muitos , tendo bebido todos da mesma fonte ; e muitos naõ se enganaõ. He necessario naõ estar prevenido de amor proprio para se naõ suppôr de mais luzes ; e dar as maõs á descoberta da verdade.

5.

Criticamos muitas vezes algumas cou-
sas , naõ porque ellas o mereçaõ ; mas para sustentar o credito , que nos daõ os ignorantes , com quem tratamos ; e tambem porque a nossa condiçao presente impoem de huma servil , e céga dependencia , aos que teriaõ o direito de nos lançar em rosto a falta dos conhecimentos , de que necessita huma prova para subir

ao

ao grão de demonstraçāo da verdade. Em tal caso a nossa authoridade vale por toda a razaō.

6.

Hum critico prudente contenta-se de ter achado a verdade possivel á natureza da peça, que se poz a indagar. He loucura entrar em litigio com gentes prevenidas, ou da authoridade das caãs, ou do fogo da imaginaçāo, ou das opinioens populares: depois do tempo, perde-se a substancia, e ás vezes o nome. Os que pôdem, pôdem sómente com os seus similhantes.

C O B I Ç A.

I.

NAõ he sempre a inclinaçāo ao mal quem nos faz seguidores do vicio: a forme

me , e a cobiça de fazer fortuna , he quem nos leva a imitar aquelles , que nos podem dar a maõ.

2.

Naõ seriaõ para alguns taõ vergonhosas as quedas dos lugares elevados , se naõ tivessem tido tanta cobiça de representar papeis , que naõ eraõ seus.





DEPENDENCIA.

I.

NAÓ ha bocado, que mais custe a engolir aos homens do que he a dependencia: naó a soffre a soberba.

2.

A dependencia abate o soberbo, enfreia o maldizente, rechaça o vingativo, contém o sensual, humilha o presumido, e até veste de Christão o libertino. He célebre a dependencia! merecia arranchar-se ao número das virtudes politicas.

DE-

DEVERES DO PROPRIO ESTADO.

1.

ENtaõ mostramos menos vontade de encher os deveres do nosso estado , quando os deixamos para hum futuro duvidoso. Ainda no caso de chegar esse tempo , crescendo aquelles na razaõ deste , mais impossiveis obstaõ entaõ para os encher , do que nesse tempo , que já passou , em que nos faziaõ menos pezo. Quem naõ paga dez em hum anno , menos pagará duzentos em vinte.

2.

Nunca enchemos mais completamente as obrigaçõens do nosso estado , do que nas vesperas deste dia feliz , em que esperamos ser lembrados da fortuna , se ella requer alguns symptomas exquisitos. Se

ca.

cahio a sorte sobre nós , damos por bem empregadas as violencias , que fizemos ao nosso genio ; e se naõ cahio , pouco ha necessario para tornar ao nosso antigo natural. Hum habito para o bem naõ se ganha taõ facilmente.

3.

Mostramos algumas vezes violencia em cumprir os deveres do nosso estado , naõ porque elle seja desproporcionado ao nosso genio , ou á nossa sorte primitiva ; mas porque abusando de huma liberdade racional , queremos que a nossa depravação se impute menos a nós , do que á violencia , que nos fez aquelle , de quem dependia o nosso futuro commodo , e felicidade.

4.

Affectamos muitas vezes negligencia em cumprir o que nos ha imposto pelo nosso estado , naõ por serem cousas despreziveis ; como que as desprezamos pa-
ra

ra compensar o pouco apreço, que de nós fazem, os que nos conhecem melhor; do que nós a nós mesmos; e isto sobre algumas qualidades, que nelle adquirimos, e de que estamos demasiadamente cheios; mas que facilmente não ganharíamos em outra condição por falta de meios.

DEVOÇÃO.

I.

A Consistir a verdadeira devoção em algumas práticas exteriores de piedade, o sexo feminino he o mais devoto: mas a devoção em espirito, e verdade não pôde estar com esta curiosidade, que he a paixão dominante daquelle sexo. Não se pôde servir bem a dous Senhores.

2.

Fóra de gentes inteiramente desoccupadas, a devoçāo he de ordinario hum tributo, que a ociosidade paga aos deveres indispensaveis da condiçāo relativa. A devoçāo naõ quebra osso; o trabalho cança.

3.

A devoçāo, que em algumas gentes naõ consiste mais do que em visagens, he ás vezes por desgraça hum bom meio para cobrir as transgressoens mais delicadas da Lei substancial. Naõ havia gente mais devota, que os Phariseos.

DINHEIRO.

4.

O Dinheiro he o Advogado; que faz prodigios os mais estrondosos: faz do igno-

ignorante Sabio , do peao Nobre , do obscuro Valido , do Réo Author , Pastor do Lobo ; e até mete entre o vestibulo , e o Altar a quem deveria ficar Ostiario perpetuamente , e por favor.

2.

Póde dizer-se de hum homem sem dinheiro , que he cégo , mudo , e surdo , e que à todos inficiôna ; ninguem o vê ; ninguem o percebe , ninguem o ouye.

3.

Se o dinheiro fosse algum espirito máo ; que atormentasse a bolsa , naõ seria necesario ir ao Corpo do Clero procurar Exorcista para expulsá-lo : eu sei quem poderia fazê-lo sem huma virtude do Alto.

DIREITO NATURAL.

I.

Quem se lembrasse dos sagrados deveres, que contrahio para com o Estado, de que he membro, até levaria de boamente toda a severidade das penas no caso de contravir ás suas Leis. O direito de satisfazer ao corpo deixa sem acção essa mesma cautéla natural de huma vida, que só deve conservar-se segundo as regras.

2.

Naõ ha cousa mais frequente do que ouvir fallar no Direito Natural: para naõ fazer bem, todos o allegaõ; para fazer mal, ninguem se lembra delle: daqui vem, que parece genio o fazer mal; e contra o genio, o fazer bem.

3.

Sem Direito Natural o *Advogado* he
 hum escravo do Digesto velho : o *Minis-
 tro* hum fiel da barbaridade *Romana* : o
Casuista hum relator de pareceres exoti-
 cos : o *Philosopho* hum arsenal de imper-
 tinencias dos *Arabes* : o *Mestre* huma
 estante carregada de têas d'aranha , e de
 pó : o *Doutor* huma casa amarrrotada de
 Livros findos. Quando a primeira luz naõ
 he despertada de hum profundo estudo de
 Profissão sobre o Direito da Natureza , a
 voz da humanidade , e a razaõ do ho-
 mem ; vale por todo o juizo o caso de
Phebo , e o texto de *Ulpiano* : a prática
 dos *Gladiadores* do *Circo* , e o genio dos
Caçadores do *Norte* : a authoridade de
Sanches , e a subtileza de *Molina* : os
 enredos da *Escola Agarena* , e os bata-
 lhoens do *Peripáto* : e finalmente o re-
 speito de hum *Letrado* canoso ; que ou-
 enche de poeira aos ouvintes para referir
 inutilidades em favor do seu voto , ou im-
 poem

poem de hum tom de Oraculo , e da honra de hum gráo , que lhe sobresahe outro tanto , como a gualdrapa em huma mula de *Physico*.

4.

O Direito Natural applicado ás diversas fórmas de governo , he isto , a que se dá o nome de *Direito Público*. Eu naõ sei , se para a felicidade da Republica geral deveriaõ os governos , por mais diferentes que fossem , accommodar-se ao Direito Natural , e naõ este áquelles. Se o Direito Natural he o fundamento de todo o Direito , até deixar de ser Direito , o que o naõ tiver por base , por ser coévo aos homens , e para governar aos homens ; como deve elle accommodar-se a invençoens de huma data mais moderna ? Isto he querer advinhar : quem souber melhor , que resolva.

5.

Como o diverso modo de fazer do Direito Natural Direito Público, he da invençāo, e do interesse, ou dos que querem governar, ou ser governados, o Direito Natural tem subido tantas fórmas, e está já taõ desfigurado, que em alguns Estados mal se percebe já o que foi. Em *Turquia* a ignorancia he de Direito Natural, ou Público para manter a reputação do *Propheta*, os Despotismos do *SULTAÑ*, e as insolencias dos *Vizires*. Em *Polonia* ainda ha pouco a miseria do povo era de Direito Natural, ou Público para sustentar a força dos *Nobres*, que só podiaõ contrabalançar a representaçāo do *Monarcha*. Nos Paizes baixos as exacções, e tributos eraõ de Direito Natural, ou Público para impedir aos *Belgas* de imitarem a rebelliaõ das Províncias Unidas. Em *Veneza* naõ ha muito ainda, que a perda de qualquer particular sem mais formalidades, que hum simples *Cartaz*,

taz ; metido á noite pela boca do *Leão* de *S. Marcos* era de Direito Natural, ou Público para ter sobre pé a *Authoridade Senatoria* do *Corpo Legislativo*, e governo da *Senhoria*. Em *Machiavel* finalmente a força, a *tyrannia*, e a crueldade saõ de Direito Natural, ou Público para dar tom ao respeito, ao caracter, á figura, e ao Throno do seu Principe, *CESAR BORGIA*. *Proteo* naõ seria capaz de tantas representações.

6.

O Direito Natural, ou o estudo reflexionado da Natureza he só capaz de fazer do *Grande* hum homem, do *Valido* hum homem, do *Ministro* hum homem, do *Sabio* hum homem, do *Rico* hum homem. Tem cada hum o seu rancho, he verdade, mas he homem; entra na massa dos homens iguaes em nascer, e morrer: e só o máo uso do titulo das primeiras convenções, ou dos premios do Estado he tudo o que faz, que haja tantos

tos homens diferentes , quantos saõ muitas vezes os torcidos caminhos , por onde se sahio da multidaõ ; que he o Creador destes Deoses do povo.

7.

Bemaventurados seculos , que á força de meditaçoens , e de estudo sobre o homem , a voz da sua consciencia , o seu fim , e a sua felicidade mesmo natural , tudo tem feito desenganar do verdadeiro Heroismo. Ainda hoje se estaria admirando nas Historias feitos , que atroáraõ a *Asia* , a *Constantinopla* , a *Roma* , a *Alemanha* , ao *Norte* , e a *Africa* . O Direito Natural he quem nos faz olhar hoje para estes grandes homens , como flagellos da pobre Humanidade , Feras vestidas de homens , abortos da mania , outros tantos miseraveis *Quichotes*.

DISCERNIMENTO.

I.

Sendo o discernimento a nota ; que deve distinguir ao homem dos outros animaes , que naõ tem razaõ , ha muitos , a quem elle serve de bem pouco. Naõ falta quem ponha sómente no feitio toda a diferença , que vai do homem aos brutos : pôde mais em muitos o tyranno imperio das paixoes , do que os doces avisos do Juiz interior.

2.

Para discernirmos sobre a verdade daquelle , de que se pede o nosso voto , facilmente ostentamos de huma razaõ ajudada nas regras ; basta-nos o titulo de Consultores. Se devemos entaõ seguir praticamente o saudavel rigoroso parecer , que

E 2

ti-

tinhamos dado , vai este entaõ muitas vezes apoz das prevençoens ; que sempre pintaõ o peior de cõres brilhantes , e ao seu paladar.

DESCULPA.

1.

NAõ ha de quem naõ seja acclamada a virtude : para ser entaõ virtuoso , em huns obsta o horror de certos espinhos , que picaõ a delicadeza ; e em outros o estado , a condiçao , e os empregos fazem o papel de Advogados para justificar as faltas da consciencia , e da Religiao diante dos timoratos.

2.

Nunca tem melhor fortuna as nossas desculpas , do que quando he de facil digestaõ aquelle , a quem devemos responder

der do mal , que fizemos ; ou do bem ; que deixamos de fazer.

DISCURSO.

I.

HE impossivel , que postos os mesmos principios , discorra melhor hum homem só , do que muitos homens juntos. Daqui vem , que o romper em absurdos o homem Público , nasce menos algumas vezes da boa satisfaçāo das proprias luzes , do que do horror fantastico de dobrar o braço á boa razaō dos outros.

2.

Naō ha desvarío mais reprehensivel ; do que antepôr o nome de precipitado , de imprudente , e de louco á fraqueza imaginaria de falhar de discurso , só por naō ouvir aos que sabem discorrer. Hum

er-

erro imputado a muitos , cabe muito me-
nos de nota a cada hum ; em lugar que
hum errando só , podendo naõ ser só ,
he só o imprudente , só o falto de juizo.

DISFARCE.

I.

A Paciencia he menos algumas vezes huma virtude das principaes da Religiao , do que hum manhoso disfarce para se ganhar tempo opportuno de vinganca.

2.

A frequencia do Templo em algumas pessoas nem sempre he pelo amor , e espirito da Oraçao ; he hum disfarce para arredar os hombros do pezo do proprio estando , e da cruz talvez de hum Consorte impertinente.

3.

3.

O disfarce he o obsequio de huma soberba sem forças: dobra o joelho do Grande presumido, traz de rastos ao Dependente, mete o thuribulo nas maos do Lisonjeiro; e até sacrificia a Religiao á variedade dos tempos.

DESGOSTO DO PROPRIO ESTADO.

I.

NAõ he sempre huma enfiada de contratempos quem nos move a persuadir aos outros do desgosto do nosso estado: ou o fazemos para nos justificar da nossa incapacidade; ou porque, se presumimos de habeis, naõ achamos o meio de ir até onde nos faz aspirar a nossa louca, e frenética vaidade.

2.

2.

O desgosto do nosso estado, a naõ termos entrado nelle com huma notoria violencia, he huma prova da perversidade do nosso coraçao. Se naõ formos tão perfeitos, como os que forao chamados por huma vocaçao legitima; em fazendo o que está em nossas forças, temos respondido a huma Providencia, que muitas vezes nos chama por caminhos bem contrarios ao nosso genio. Quem naõ fôr predestinado, faça pelo ser. E Deos naõ he hum Tyranno.

3.

O conhecermo-nos muito em demasia, he a causa ordinariamente do desgosto do nosso estado: quereriamos que nos fossem repartidas as sortes segundo as qualidades, que nos fingimos ter.

4.

4.

Entaõ desgostamos mais do nosso estado , quando carrega a outros hombros a nossa comodidade principal. Se tudo pende de nós , facilmente nos accommodamos : a necessidade de nos prover , nem dá lugar a tomar-se o pezo aos suores indispensaveis do estado , e condiçao , em que nos achamos ; queixa-se mais depressa o ocioso , do que o homem trabalhado.

5.

Fóra do caso de huma violencia conhecida , he indevidamente que se imputa aos Pais o desgosto dos Filhos em seu estado. Os Pais saõ presumidos , ao menos na opiniao commum , de escolher o melhor para huns filhos nesta idade ordinariamente , em que podendo já escolher , porque pódem outras cousas antes do tempo , aparecem mui verdes ainda ; esperando-se , e com razaõ , que estejaõ ; se quer , meios inadueros.

DES-

DESGRAÇA.

1.

O Que se chama vulgarmente *desgraça*, não he outra cousa mais do que a quebra de certas linhas, que a imprudencia tinha lançado, sem prevêr se no caminho se atravessaria cousa, que pudesse ao menos desviá-las dā direcção, que estava meditada.

2.

As desgraças saõ grandes, ou pequenas, segundo a preocupação dāquelles, a quem ellas apálpaõ.

3.

Huma desgraça não pequena, he de nunca ter sido desgraçado. Quem teve o uso

uso das Campanhas, naõ se espanta do estrondo dos canhoens; e hum terremoto só faz grande especie, aonde nunca se percebeo.

4.

As desgraças naõ fazem grande impressão senaõ em almas acanhadas, e espiritos plebeos. A fortuna tem suas estações, como o tempo: para se triunfar das desgraças, he necessario olhá-las com indiferença.

5.

A maior desgraça he aquella; que já naõ pôde reparar-se. As desgraças presentes todas tem sua tal, ou qual compensaçao, ou em outros acasos de fortuna equivalente, ou em as desprezar com animo generoso. O mal he naõ precaver as funestas consequencias da ultima desgraça; para que naõ haõ de valer já nem as providencias mais delicadas, nem as indiferenças Philosophicas.

6.

6.

He indevidamente que se chama desgraçado a hum homem , só porque a fortuna lhe he sempre adversa , por mais que teime a tentá la. Antes devia chamar-se desgraçado por faltar de habilidade em manejar a tempo os artificios , de que depende a fortuna.

7.

A desgraça mais digna de lamentar-se he que se lisonjeem tantos de herdarem premios ; e que ninguem se gabe de herdar merecimentos.

DISTINÇAO.

I.

O Caracter de hum nascimento illustre , nem está na riqueza das faixas , nem menos

nos em vir de hum tronco antigo : saõ dous acasos , que servem sómente de nutrir a vaidade. Hum Menino , que fosse criado nas silvas , cheiraria sempre ao mato , por mais Avós , que contasse.

2.

Sendo iguaes todos os homens em fraquezas , e miserias , he notavel o apreço , que se faz de huma casualidade. A distincião he de ordinario o descarte de huma fortuna , que arruma ás vezes mais para huma parte do que para a outra : por acaso saõ mais affortunados huns do que outros ; mas isto nunca lançará hum espesso véo sobre a fraqueza da humana condiçao.

3.

A distincião Jerarchica entre os Membros de hum Estado parece necessaria para subsistir a paz , e harmonia civil , a pezar mesmo da igualdade natural de todos

dos os homens. A alternativa de condiçōens enfreia insensivelmente a ferocidade de muitos, que seriaõ intoleraveis, se hōbreassem com homens de talentos, e de merecimento.

4.

A distincçāo de membro a membro na sociedade deve ser hum premio, que huma boa Administraçāo confira á virtude: deve-se mais honra, a quem melhor servio a Patria. Mas pede a Justiça, a meu vēr, que se empregue toda a força pública para conter a huma diferença, que servindo de estimular aos que pódem ser uteis com seus talentos, e applicaçōens, vem naõ poucas vezes por desgraça a degenerar em huma tyrannia subalterna, que poem na tortura aos que vieraõ mal recommendados da natureza; ou que por força de huma condiçāo obscura, naõ tem direito ás primeiras honras.

5.

Naõ sendo na verdade o nascimen-
to obra particular de cada hum dos ho-
mens , ha Estados Soberanos , (dizem)
onde parece , que nem pela imaginaçāo
passou ainda até agora de criar a hum Se-
nhor só por ser filho de outro Senhor , e
distinguí-lo de hum titulo , que deve ser
o estímulo do Cidadão virtuoso. Tem-se
alli de huma assentada maxima , que ad-
mittido o principio de ser o merecimento
parte das heranças , e de seguir aos grandes
leitos , está aberto o caminho para sepul-
tar os talentos , para acanhar os espíritos ,
e para exterminar de huma vez do meio
da sociedade o amor da obrigaçāo , o esti-
mulo da honra , e até os deveres impre-
teriveis da defesa da Patria. O certo he ,
que todo o homem pôde ser homem de
bem , com tanto que tenha merecimento ,
e seja virtuoso.

A distincção repartida pelas mãos do medo, da condescendencia, e da ignorancia, tem visto não poucas vezes ao *ultimo* de huma grande cadea de Ascendentes virtuosos: em lugar que sendo só o premio de huma virtude verdadeira, se não assegura sempre a emulação de todos os vindouros do homem virtuoso, e distinguido, (porque não he maravilha sahirem irracionaes de racionaes,) he necessário muita infelicidade para não criar ao menos a hum, que honre a Patria, e que anime a todos os outros a desempenhar os Offícios do bom Cidadão.

DIVERTIMENTO.

Não ha cousa mais perigosa; que o divertimento em hum sujeito livre das fa-
di-

digas de huma vida activa. A carne ás vezes bem amassada de trabalhos, dá com suas imprudencias naõ pouco que fazer a hum espirito de razaõ: que será de quem procura divertir-se para desfrutar os prazeres da ociosidade !

2.

O divertimento, fóra do caso de se tomar por hum remedio de espiritos afflictos, e consternados, prova quasi incontestavelmente o amor de huma vida puramente animal. Assim até córta pelas occasioens de reflectir com attenção sobre si.

3:

Saõ mais os divertimentos licitos; do que os innocentes, e honestos: parece paradoxo. A Lei do habil Mundo he o gosto das cousas sensiveis; e eis-aqui quem faz licito, o que he illicito. E a primeira razaõ que devia decidir, he de mui poucos; fica vencida pela maioridade.

F

4.

4.

Sendo o divertimento huma occupaçāo
deliciosa dos sentidos , degenera muitas
vezes em ruina , se huma consciencia de-
licada naõ he o Juiz Ordinario dos feitos
da carne.

5.

Ha gentes para quem hum habito vi-
cioso tem insensivelmente o lugar de di-
vertimento. O divertimento do invejoso
he a intriga ; do iracundo o duello ; do
maldizente a murmuraçāo ; do ratoneiro
a pilhagem ; do avarento a traficancia ; do
guloso a mesa ; do lascivo a carne ; do
jogador a banca. O genio he o appetite
de cada hum : cada hum vai para onde o
arrasta o seu appetite.

DOR.

D O R.

I.

Esta dôr, que mostramos algumas vezes de vêr deitar a maõ dos fructos de huma arvore ainda verdes, naõ he pela maior parte de medo, que façaõ mal, nem do pezar de se lhes naõ vir a tomar o gosto depois de sazonados: he talvez a raiva, ou de naõ sermos os unicos da quella tentaçãõ, ou de naõ podermos ser ainda os segundos. O appetite dos outros offende o nosso.

2. *

A naõ haver causa physica por onde se nos excite a dôr, as primeiras lagrimas, que vertemos logo ao entrar no Mundo, saõ mais innocentes, do que as que deitamos ao sahir delle. As primeiras na-

F 2

scem

scem do susto de vêr objectos, de que
naõ tinhamos huma só traça em nossos
cérebros: tudo nos faz medo até que o
habito nos familiarise com o mesmo, que
nos atterrava. As ultimas, ou vem da
saudade de deixar o Mundo, ou do re-
ceio de responder aos cargos de hum Juiz
inexoravel.





EDUCAÇÃO.

1.

ANobreza de sentimentos, e a elevação de espirito, não he o influxo de hum sangue, que por mais, ou menos vermelho, mais, ou menos delgado, se prepara em todos os homens do mesmo modo. Os bocados, que a lisonja mistura no primeiro leite, e a facilidade em reter as primeiras impressoens, fundação está tão gabada diferença entre o mais elevado monte, e o valle mais humilde.

2.

Naõ ha cousa mais facil, que allegar o bom leite, que se bebeo na educaõ, quando róla a conferencia sobre pessoa, que cahio em alguma ridicularia notavel: se o acaso nos pusesse nas mesmas circumstan-

stancias , cahiriamos em maiores absurdos ; mas entaõ naõ seriaõ os efeitos de huma má educaõ ; hum ponto de politica bem alambicada , sahiria logo a justificar-nos daquillo mesmo , que nos outros era baixeza de condigaõ.

3.

Naõ ha emprego mais escabroso , do que o de educar a hum Principe. Para hum CESAR BORGIA , Catholico pelo grosso , basta a apostilla de *Machiavel* ; mas para hum Principe de Religiao verdadeira , que ha de ouvir provar-se-lhe pelo testemunho de huns Livros , que se crê de Fé Divina serem de Deos ; que he do primeiro Monarcha dos Universos que elle tem o seu Poder , e Authoridade ; e que he hum seu Lugar-Tenente sobre a terra , este Principe que maximas deve trazer desde o berço para vir hum Monarcha Pai commum do seu povo , como de Filhos ? Para olhá-los como a homens da mesma razaõ , ainda que postos mais abaixo ?

xo? Para naõ ter outros interesses , que os da Communidade , de que elle he o Chefe ? Para ser hum Monarcha , cuja vontade nunca seja a regra unica da Legislaçāo ; que ouça a todos com affabilidade , que console aos vexados ; que defende os direitos dos grandes , e pequenos , sem os quaes naõ ha Rei ? Hum Monarcha em fim , que faça florecer a virtude , que recompense o merecimento sem distincçāo ; que promova as felicidades do Estado ; e que tenha em segurança a huns vassallos , a quem naõ pôde vedar-se , que lêaõ nas Historias antigas as Revoluçōens dos Imperios mais bem assentados. Será desgraça , que vá responder de naõ figurar bem a hum Deos Justo , Rei dos Reis.

4.

Quem fôr chamado para a educaçāo de hum Menino nascido para o Throno , ou deve , a meu vêr , escusar-se efficazmente , ou ir resignado a trabalhar por alguns annos , para que o Principe venha por

por fim a comprehendер a demonstraçāo da 47 de *Euclid. Lib. I.*, que he algum tanto escura. Para o que respeita aos Ofícios do homem, do Christo, e do Principe, quāntos rodeaõ o Throno, pôdem ser seus Mestres pela experiençia, e pelas lúzes.

5.

A educaçāo pública consiste em tres pontos essenciaes: em animar as imaginaçōens uteis; em empregar os braços dos homens; e em provêr de todo o necessário áquelles miseraveis, com quem foi escassa, ou mesquinha a natureza. Nem sempre o nascer hum homem cégo foi peccado seu, ou de seus parentes; e quando o fosse . . . ha Naçōens, aonde nada falta ao mais determinado malfeitor desde a prisão até o cadafalso.

6.

A falta do educaçāo pública faz ociosos, e desesperados; se ajuntarmos a estes dous,

dous partidos huma ametade da terceira parte , que he de estropeados ; resta outra ametade para defender o Throno. Parece muito pouca gente para as armas.

7.

Naõ ha muitos tempos ainda , em que huma educaçao se dizia boa , quando ella era o effeito dos bons exemplos domesticos , das liçoens de Mestres edificantes , do costume de gentes de probidade , e do temor das Leis Criiminaes. Mudáraõ os tempos : chama-se hoje ordinariamente bem educado ao que acabou de hum grande , e variado banquete sem lhe ser necessario lavar as maõs. Eu assisti a hum esplendido jantar , e vi , cousa rara ! a hum convidado , que me ficava fronteiro , entrar a hum covilhete de caldo de gallinha , armado de faca , e garfo com o maior desembaraço , que se pôde imaginar ; fiquei pasmado ! .. hum visinho porém , que me percebeo , servio-se de me acordar do extasis , dizendo-me , que me naõ admiraç

rasse ; porque o tal sujeito com mais desembaraço ainda cortava pelo Latim. Fiquei socegado entaõ : continuei a comer ao meu modo ; e no fim lavei as maõs.

EMULACAO.

1.

REPROVAMOS de injustiça ; e de iniquidade a muitas cousas pela emulação talvez de naõ sermos chamados a mauejar aquelles interesses , que se regem pelas paixõens.

2.

Naõ he o impulso de espirito , que nos aquietá , depois de naõ ser attendido o nosso merecimento : a elevaçao dos outros he hum erro do juizo dos homens , que saõ injustos , nem tem fiel na balança. Isto nos satisfaz.

EN-

ENTENDIMENTO, RAZÃO, CONSELHO.

I.

NAÓ obstante ser hum axioma vulgar, que o Entendimento, a Razaõ, e o Conselho saõ os ordinarios fructos de humas experimentadas caás, nem todos querem parecer maduros, ainda que sejaõ velhos. Estima-se ás vezes mais o impôr de moço pelas imprudencias da verdura, do que persuadir pelo desengano de huma velhice calculada.

2.

Nunca ostentamos mais de madureza, do que quando intrigamos habilmente os canaes, que levaõ direitos aos distribuidores das graças. Se naõ somos felizes, ao menos merecemos o voto dos *Mestres da Arte de enganar*; e estamos meios pagos.

3.

3.

O Entendimento, a Razaõ, e o Conselho se saõ apenas o fructo de huma experientia naõ interrompida, naõ vem certamente sem muito trabalho em huma idade, que se naõ he imprudente de verde, naõ sabe determinar-se. Com effeito hum estudo profundo da sciencia dos costumes pôde muito bem, e sem milagre, fazer do moço velho; quando muitas vezes a falta de memoria faz do velho moço.

ERRO DO ENTENDIMENTO.

I.

SE se poem hum ramo de distincção em comer o paõ sem trabalho pela vaidade de ostentar, que se foi exceptuado da Lei de suar pela cara para o comer, he hum erro do entendimento o mais crasso. A

Lei

Lei foi universal : e parece ; que deveria ter-se por felicidade o tirar fructo dos suores : a terra nem sempre he liberal ; dá espinhos muitas vezes em lugar de paõ.

2.

Sendo o mesmo espirito verdadeiramente quem acerta , ou erra nas escolhas por esta parte , que se chama *vontade* ; e o mesmo , que acerta , ou erra por estoutra parte , que se chama *entendimento* , no que toca a pensar , ou discorrer ; sofre-se mais depressa a nota de errar pela vontade , que pelo entendimento : as paixões de homem sempre achaõ disfarce ; mas a vaidade de figurar entre as gentes de espirito , naõ soffre desmerecer hum premio , que está posto nos aplausos dos homens. Prova de espiritos rasteiros ; e de outro erro do entendimento satisfazer de bagatellas , e deixar para traz hum futuro , que está esperando para retribuir as obras da vontade , e naõ as do entendimento.

ER-

ERRO COMMUM.

1.

Sendo bons, ou máos, assim queríamos, que todos fossem; ou por zélo, ou por inveja: daqui vem aborecermos a alguns pelos seus modos; não por serem absolutamente máos; mas porque se não conformaõ com os nossos. Custa-nos muito não achar disfarce nos erros da multidão.

2.

São poucos os que erraõ em certas materias, que não seja porque erra o commum, como se o erro particular hâ de ser menos imputado por trazer a autoridade do exemplo: e para obrar bem, não nos serve de regra o exemplo do bem dos outros: a dificuldade para este, é a inclinaçao para aquelle parece vir de huma malicia de habito.

ES-

ESCRIPTOR.

1.

NAõ he grande o *Escriptor* por ter dado á luz muitos Livros, e mui grossos: bastaria hum só, e bem pequeno, com tanto, que merecesse a justa approvaçāo dos Sabios. *Mr. Bossuet* disse huma vez a *Rabutin*, Bispo de *Luçon*, que a naõ ter publicado as suas obras, antes quere-ria ter sido o Author das *Cartas Provinciales* de *Paschal*.

2.

He a consolaçāo de hum *Escriptor* de máo gosto appellar para seculos de pala-
dar estragado, em que suas obras tenhaõ
melhor fortuna, do que tem presentemente.

3.

3.

Hum *Escriptor* inutil, e impertinente
he responsavel da paciencia, do tempo,
e do azeite, que faz perder aos *Leitores*;
deve indemnizá-los destes danos: assim
como he culpado tambem dos estragos,
que causa em hum genio inconstante; ou
naquelle, que naõ tem ainda a escolha de
huma critica severa.

4.

Hum Livro máo he a prova real, e
demonstrativa da ignorancia, ou deprava-
çao de seu Author; como he tambem de
quem o revio, e deixou correr.

ESMOLA.

I.

SAÓ poucos, os que daõ esmola por lastima das alheias miserias, e na lembrança, de que nem todos os mendigos trazem desde o berço a indigencia, e a penuria. A vangloria de passar com carta de gentes de piedade faz tirar da algibeira huma maõ fechada para meter na maõ do pobre diante de testemunhas. Esta esmola naõ presta; porque sabe a maõ esquerda, o que faz a direita.

2.

Sendo a esmola huma obra destinada para apagar os peccados, como diz a Escriptura, saõ mais os que querem apagar antes a fome, e a sêde das paixõens, dos appetites, e do ventre: prova de hum

G

cri-

criminoso esquecimento de huma jornada ,
que talvez naõ tarda , para onde naõ pre-
staõ bocados de corrupçāo.

3.

Se o dar esmola ha de ser ao pobre ,
nām todos os que a pedem , saõ pobres ,
ainda que o pareçaõ. Reduzem-se a qua-
tro qualidades os pobres dignos de com-
paixaõ ; os Orfaõs ; as pessoas do sexo ,
honestas , e recolhidas ; os miseraveis ,
que gemem debaixo dos ferros de huma
Justiça vingadora de iniquidades ; e os
Enfermos do Hospital , ou invalidos ha-
bituaes. Quem pôde trabalhar , naõ he po-
bre ; e quem o quer ser de proposito ,
naõ merece compaixaõ.

4.

Quando Jesu Christo manda em S. Lu-
cas dar esmola , *date eleemosynam* , naõ di-
stingue entre os Mendigos : mas quem fôr
pobre fingido , he hum Ladrão , que tem
de

de responder dos furtos , que faz aos verdadeiros pobres ; e eu naõ accrescento ao número dos malfeiteiros , a quem pertence abrandar a avareza de huma alma de pedra.

ESPIRITO MALFEITO.

I.

Prova de hum espirito mal feito , e indigno de governar todo aquelle , que naõ peza n' huma justa balança , se era , ou naõ , capaz de commetter o crime o denunciado ; e se o naõ he , e plenamente nas regras. As accusaçoens de huma testemunha particular naõ devem ter força para fazer culpado hum inocente ; e todo o homem o he , em quanto se naõ mostra evidentemente o contrario. Mas ha Juizes , que só mostraõ , que o saõ , quando fazem sangue.

Se ha homens , de quem se pôde dizer com verdade , que apenas se distinguem das bestas no feitio da maquina , saõ estes espiritos de sangue , que parece cevarem-se sómente das maiores crudelidades , e carnicerias ; até persuadirem naõ haver outro alimento , que os paste ! Sahíraõ homens por engano : Leoens domesticados ; de quem he necessario desconfiar sempre para lhes naõ cahir nas garras , nos tempos , ainda mesmo de pouca fome.

ESPIRITO PEQUENO.

NAõ he crivel , que seja de proposito , que muitos deixaõ de ser homens de bem : naõ ha vicio , que deva disfagar-se. Em
huns

huns será talvez, porque a mediocridade de sua fortuna os poem fóra dos grandes lances de ganhar nome: e em outros, porque a educaçāo, e os bons exemplos nunca podérao dobrar o genio.

2.

Sendo natural em todos o amor da gloria, e quasi em todos a inveja da alheia fortuna; he menos a prudente satisfaçāo do proprio rancho quem tolhe de tentar os acasos de risco, do que o acanhamento de hum espirito, que lhe parece vêr pezar mais na balança de huma razaõ timida, o pouco, que se perde, do que o muito, que se pôde ganhar.

ETERNIDADE.

I.

HAvendo tantos, que se gabaõ de vêr ao longe, acautelando as mais delicadas

das providencias por humas commodidades , que as mais das vezes sahem frustradas de incidentes , que toda a clareza do oculo naõ tinha podido especificar ; saõ taõ poucos os que se gabaõ de alcançar até huma Eternidade , que jámais naõ faltará. He huma prova , naõ de falta de vista , ou de oculos , que descubraõ tanto campo ; he falta de juizo. A Eternidade naõ se descobre com os olhos do corpo , com os do espirito sim.

2.

Se naõ houvesse Eternidade , que maior gloria do que ter sido Grande no Mundo ! que maior desgraça do que ter sido da mais baixa plebe ! Mas a Eternidade sendo sem controversia , ao menos para os racionaes , que maior desgraça do que ter sido só Grande aos olhos do Mundo ! que maior gloria do que ter sido pequeno , è desprezado no Mundo !

3.

3.

A Eternidade he este profundo aby-
simo , em que tudo em fim vai a perder-
se : he esta mutaçāo de Scena , e ultima
jornada desta grande Ópera , em que vai
apparecer o Papa sem Tiara , o Rei sem
Sceptro , o Cardeal sem Púrpura , o Bi-
spo sem Cajado , o Grande sem Titulo ,
o Valido sem arrimo , o Ministro sem
Toga , o Sabio sem reputaçāo , o Rico
sem fazenda : mas ao mesmo tempo o po-
bre farto , o humilde levantado , o lacri-
moso alegre , o perseguido satisfeito , e
o manso despicado. Ha de ser o que nun-
ca pareco ; e o que parecia alguma cou-
sa , ha de entrar sem máscara a ser o
que naõ parecia.

4.

A Eternidade , ou naõ lembra , ou pas-
sa por huma historia de pura invençāo hu-
mana , quando o espirito , que foi dado

para presidir aos conselhos da carne , cahio na infelicidade de obedecer cegamente ás paixoes do homem animal. O primeiro empenho entaõ he extinguir os sentimentos interiores para commetter as maiores desordens impunemente.

5.

He falso dizer-se , que se todos pensassem maduramente na Eternidade , só os desertos , e os Claustros seriaõ povoados : nem os desertos , nem os Claustros foraõ de todos os tempos ; e quando o fossem , tem sahido desenganados do meio dos barulhos do Mundo : huma prova , que se pôde ser Santo em *Babylonia* , como em *Jerusalem*.

EXPERIENCIA.

I.

Esta grande experiencia, de que vemos gabarem-se alguns de terem malicia para penetrar as cousas desde a superficie até a mais pequena raiz, he huma prova, de que quando podéraõ, forão os mais corrompidos em costumes: a perversidade só pôde criar aquella delicadeza; e quem fôr homem de probidade, julgará sempre, que todos o saõ.

2.

Fraco soccorro traz á nossa razaõ a experiencia, quando pela força das paixões essa mesma razaõ veio a cahir toda no corpo. Vem tempo desgraçadamente, em que por nossos estragos fazemos; que sejamos sempre a experiencia dos outros;

etros ; sem que os passados nos servissem de experientia.

3.

A experientia he a Mestra infallivel da verdade. He a respeito do homem , o que he a agulha Nautica a respeito do Piloto : este depois de errar mil vezes o rumo sem agulha , nem pode livrar-se dos cachopos , e dos baixos : o homem , que naõ consulta a experientia , dã em mil precipicios , perde o caminho , e despenha-se a cada passo.





FANATISMO.

I.

O Amor de huma vida molle, descansada, e sem acção he todo o motivo da virtude de huma grande parte destes espirituaes, que nos edificaõ na piedade, e na modestia de huma cara sombria. Custa muito menos pegar de humas Contas, ouvir Missas, e ir ás Prégacoés, do que soffrer os trabalhos, e as pensoens do proprio estado: pôde naõ se rezar, ainda que se moyaõ os beiços, e passem as Contas; pôde naõ se ouvir Missa, ainda que se esteja de joelhos dante do Altar; pôde naõ se attender á Prêgação, nem á Palavra de Deos, ainda que se veja, e ouça fallar o Prégador.

2.

O fanatismo he taõ antigo ao menos como a Seita dos Phariseos. O sistema dominante desta raça epidemica he escrupuloso muito em algumas práticas de puro conselho ; mas naõ he contra a Lei de Deos consentir na vingança por hum inclinar da cabeça ; justificar com ira de hum testemunho imputado ; gostar das alheias desgraças por hum surriso ; e detrahir a reputaçao do proximo por hum , mas . . . Os Phariseos leváraõ a Jesu Christo com testemunhas falsas a casa de *Pilatos* ; mas naõ entráraõ no Pretorio por se naõ contaminarem ; porque tinhaõ de comer a Paschoa.

3.

Em se apanhando da natureza huma cára magra , pállida , descarnada ; huma vista melancolica , triste , sulfurea , incapaz de provocar á tentaçao , e huma tortura de cabeça ganhada de habito , está-

se

se habilitado em mais de tres partes para entrar n' huma Confraria , em que se professa de fugir , e desprezar ao resto dos homens , e até mofar da santa alegria dos Justos.

4.

He necessario ter muita bondade em demasia , ou muita falta de luzes , para canonizar de verdadeiro virtuoso a hum destes Santoens de nova especie , em que naõ ha mais virtude , que huma continencia , ou obrigada das molestias , ou forçada pelos annos , ou estudada por timbre:

PHILOSOPHIA.

I.

A Philosophia por huma de suas partes he tab necessaria para os outros conhecimentos , de que se precisa nesta ordem de cousas , como a alma he neces-

saria para mover o corpo ; de sorte que sem aquella , hum grande *Letrado* será bem como hum *Navio* carregado de generos , mas imposto da barra sem leme.

2.

A *Philosophia Physica* he huma douta ignorancia : por ella , depois de tantas fatigas , vem por fim a conhecer o homem , que nada sabe ; ou se sabe alguma cousa , he sem consequencia. Ainda bem , se a *Physica* ensina ao homem a confessar sinceramente a sua ignorancia.

3.

Olhada attentamente a multidaõ de sistemas , em que tem disparatado os juizos dos homens , naõ ha cousa mais certa , do que ser esta *Philosophia huma* mataria eterna de disputas , propria sómente a fatigar curiosidades vaãs ; que porfiaõ a roer huns ossos , de que he impossivel penetrar até a natureza dos primeiros Elementos.

4.

4.

O primeiro bom efeito de huma saá *Philosophia* he ensinar ao homem a co-nhecer-se a si mesmo. Hum *Philosopho* in-chado he hum odre de vento, que cede ao mais leve furo de huma agulha.

5.

A verdadeira *Philosophia* ensina ao ho-mem a ser bom para si, e para os seus similhantes; e nada he mais certo, que as regras, que ella prescreve para estes fins. Por ella sómente, e sem attender aos trabalhos, e mortificantes descobertas de tantos Sabios, chega o homem a medir ao justo a distancia do Céo; quando até agora naõ tem podido tantos homens sa-ber a distancia, que vai de hum obser-vador a certos Astros, que estaõ fóra, nem dentro da parallaxe sensivel.

6.

6.

A boa Philosophia tem huma virtude singular sobre o passado, o presente, e o futuro: inspira arrependimento do passado, se foi sem ordem; dá regras para se conduzir o presente pelas maximas da razão, e da Lei; e prescreve o modo seguro de acautelar hum futuro feliz pelo generoso desprezo deste mesmo presente, que logo ha de ser passado.

FINGIMENTO.

I.

LOuvamos de ordinario as producções dos nossos rivaes para os obrigar, como de justiça, a que approvem as nossas.

2.

Fazemos bem ás vezes menos por espirito, do que para cortar pela occasião de que se dê todo o pezo ao mal, que pretendemos fazer.

3.

São suspeitos de tirar partido dos nossos segredos aquelles, que se inculcam muito de nossos amigos: a estes he que parece, que deveríamos fechar-nos.

4.

Naõ he o desejo sincero de que melhore o nosso proximo de costumes quem nos move a fazer públicos os seus crimes: ou he o imprudente demasiado amor de nós mesmos, ou o desafogo de algum resentimento occulto.

H

5.

5.

Somos inimigos declarados dos vicios, ou quando naõ temos a arte de os enfeitar, ou quando tratamos com gentes, que passaõ além da nossa casca, mas tem interesse de cobrir a nossa hypocrisia.

FORMOSURA ARTIFICIAL.

1.

ESTE delicado verniz, de que vêmos brilhar a certas figuras, que sahem a representar neste tablado, he nada menos que huma reprehensaõ subtil, que se dá insensivelmente á Deos de descuidado, e á natureza de mesquinha.

2.

Huma mulher secca de espirito, e actividate, por mais que se enfeite, he huma

An-

Anjo de tribuna , que apenas segue os movimentos de quem o veste.

3º

Naõ he sem fundamento , que muitos cuidaõ tanto na formosura do corpo ; ou he para encobrir algum defeito physico ; ou porque recebêraõ huma alma estupida pela má disposiçaõ dos orgaõs. Seja pelo que fôr , he huma loucura rematada ; nem na balança do bom siso o artificio emendará os defeitos da natureza , nem ficaráõ em equilibrio a belleza do corpo , e a do espirito.

FORTUNA.

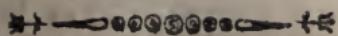
I.

A Fortuna tendo irregularidades ás vezes intoleraveis , decide mais freqüentemente a favor do verdadeiro merecimento

to , do que a paixaõ : esta por acaso deixa de ser céga ; aquella muitas vezes naõ he escassa.

2.

Ha gentes , que sem comparaçao ganhariaõ mais , ficando esquecidas da fortuna , do que sendo della procuradas. De certo Imperador Romano , diz hum célebre Escriptor , que *seria bem digno do Imperio , se nunca reinasse.* He notavel a fortuna , que deixando muitas vezes de recompensar o merecimento , lá vai tirar da obscuridade a hum sujeito , que passava por sabio , para o dar a conhecer de ignorante , assim como aos que o acclamavaõ.



GOSTO DO SÉCULO.

I.

HA vicios, que passaõ por virtudes, porque he o gosto do seculo, que assim os baptiza: a soberba no Grande he gravidade; a avareza no *Rico* he economia; a murmuraõ no *Devoto* he zêlo; a vingança no *Ministro* he respeito; o furto no *Negociante* he habilidade; o desafôro no *Soldado* he desembaraço, e valor.

2.

He das virtudes, e dos vicios, como dos corpos molles; estes variaõ de figura segundo as superficies por onde rolaõ; as virtudes, e os vicios mudaõ de nome na razaõ do gosto de cada seculo.

GO-

GOVERNO.

I.

SE exceptuamos o Despotismo da *Porta*, aonde não ha outra Lei mais que a vontade do SULTÃO, pouco vai da Monarchia ao Estado Aristocratico; só que naquella hum só tem o poder Supremo; e neste he representado por huns poucos.

2.

Naõ se pôde talvez affirmar, que diga a verdade o *Republicano*, que defende a fórmula do Governo do seu Paiz; ou o *Realista*, que defende o seu: quem impugnasse o Despotismo em *Constantinopla* seria réo de hum crime d'Estado. Hum *Anonymo* asisado, e livre he só quem poderia resolver o Problema.

3.

3.

Qualquer que seja a fórmā do Governo , aquelle he o da mais racional Administraçāo , aonde ninguem pôde produzir hum só titulo legitimo , que o dispense da observancia geral das Leis do Estado , nem de subir as penas estatuidas contra os crimes de contravençāo. Parece exceder a mesma consciencia , que os castigos se-jaõ só para o miseravel baixo povo ; e os premios só para outros , que ainda há pou-
co sahíraõ desse povo.

4.

Sendo a paz , e a tranquillidade o sum-
mo bem na ordem moral , e physica dos Imperios , e ao que deve aspirar hum Monarca Racional ; com effeito ha occasioes , em que huma tranquillidade constante , e permanente parece que naõ he a marca ne-cessaria , e indubitavel da boa administra-
çāo do seu governo. Ou naõ entra no sys-
te-

stema de consideraō, e de balança, ou he necessario, que sofra nas desfeitas, e extorsoens violentas de alguma Naçāo, para quem a guerra seja mania, ou o ponto preciso de sua opiniaō. Naō he o primeiro enfermo, a quem o caustico, a sangria, e a sarja sejaō da primeira necessidade para lhe assegurar a saude.

5.

Tres partes e meia de hum Estado he povo. Hum Governo justo, a meu vêr, naō faz entre a classe do povo, e a dos Nobres, que he a outra meia parte, mais diferença, que a quē vai dos talentos, e do seu uso legitimo para o público interesse. Mas esta tres vezes e meia maior parte, que compoem o Estado, he digna de huma consideraō particular: he ella quem cultiva, e trabalha as terras: quem se arrisca na pescaria: quem gema debaixo da industria: quem dispende na criaō dos gados: quem vigia no adiantamento das Artes: quem traz a abundancia

cia dos Paizes remotos : quem defende nos mares as Bandeiras , e Pavilhoens : quem se expoem pela defesa da Patria : quem supporta os tributos , é os impostos : quem ás vezes até he impedido de se queixar de impiedades : finalmente a substancia , o braço , a vida , e a morte do povo saõ os nervos do Estado , que tudo sustentaõ ; em quanto alguns dos outros desfructaráõ os premios , ás vezes . . . nà molleza , no luxo , na ociosidade , nos divertimentos , nas delicias , nas Dignidades , nos respeitos : obrigados pelo muito á perda de alguns instantes , ou de hum pequeno desembolso para tomar de cabeça a Gazeta , e dizer alguma cousa nas Assembléas por naõ parecerem mudos.

6.

Se sómente as Leis de Deos , e da Natureza saõ immudaveis , o melhor Governo he aquelle em que o Legislador está prompto a abrogar a Legislaçao antiga , logo que naõ subsiste o motivo , e as circum-

cumstancias, que obrigáraõ áquelle Direito. Parece ceder em menoscabo da Autho-ridade Suprema hum afferro insensivel á de-cisaõ dos antigos *Jurisconsultos*; que era impossivel preverem todos os casos pos-siveis á variedade, e alteraçao dos tem-pos. Nesta supposiçao, se forao boas, foi para aquellas occurrencias.

7.

Hum Governo feito á medida do co-raçaõ de Deos, e do sim da associaçao dos homens, he aquelle, em que o Sum-mo Imperante he o Pai, e o Irmaõ dos seus Vassallos; e disfarça a igualdade na-tural, que tem com todos elles, debaixo de huma Magestade humana, racional, e tratavel. A deshumanidade, e a tyrannia seraõ sempre a razaõ sufficiente das Re-voluçoes dos Imperios.

8.

O Governo do Mundo em Secco he o entretém ordinario de tres castas de gentes: dos ociosos, a quem não afflige o diario cuidado sobre as providencias de huma vida commoda: dos falsos presumidos, que não saõ chamados a votar na pública Administraçāo: e de certos politicos miseraveis, que em tudo votaõ, e decidem; e para a economia domestica nem de genio, nem de instituiçōens tem huma só regra, hum só principio; até necessitarem ás vezes de Tutores. Entre huns, e outros se rixa até o fastio, e gritaria, se a Czarina de *Russia* terá procuraçāo, e poderes bastantes de CONSTANTINO PALEÓLOGO para revindicar o Imperio dos *Gregos*? E se convirá á balança da *Europa*, que ella estenda hum braço para o Mediterráneo, de modo que fiquem todos *Russos*, havendo brancos, pretos, e pardos? Como se a resoluçāo destes douis Problemas não excedesse a esfera de capacidades vulgares.

GRANDEZA.

I.

SEm soberba não ha ordinariamente Grandeza entre os homens por hum certo sistema do Mundo ; assim como não ha Grandeza entre os Santos sem humildade pelo Evangelho da Cruz.

2.

He o descarte de huma alma rustica avaliar a Grandeza pela indifferença , ou desprezo , em que se tem aos que ficão mais abaixo dos hombros : como se as miserias da humanidade , que nos pequenos apparecem mais , fossem ramos de peste , que se apegasse ; ou como se estivesse nas maõs dos homens o fazerem-se huns Avós assignalados , de donde lhes viesse a abundancia pela riqueza das fai-

xas

xas antigas, e pelos feitos a distincçao
do rancho.

3.

Parece exceder em demasia ao bom sentido, que subaõ os homens humiliaçоens, ás vezes bem aviltadas, para de penderem de outros homens hum certo modo de ser, que daqui a pouco naõ seraõ assim, se elles naõ quizerem. Que volantes folhas de álamos os homens !

G U E R R A.

2.

A Guerra, naõ obstante parecer huma especie de degradaçao do Genero Huma-
no, naõ deixa de ser huma providencia :
alli se cortaõ porçoens de gentes, que se-
riaõ de bem pezo em hum Estado.

2.

A justiça de huma guerra mede-se ordinariamente pelos interesses de quem a move: tem mais justiça o que tem mais interesses.

3.

Naõ ha guerra por mais impia, que pareça, que naõ tenha por fim huma boa justificaçao por hum Tratado de paz feito ao paladar do mais forte.

4.

A guerra he huma eschola de impiedades. Aprendem alli os homens a desbaratarem-se huns aos outros: a perfeiçao desta cruel Arte está em se ter achado hum modo facil de matar mais gente em menos tempo.

5.

5.

As victorias naõ saõ sempre a prova da justiça da causa do vencedor : quer ás vezes persuadir-se por hum *Te Deum* , que se mandou cantar , que o Ser Supremo interessava na obra do orgulho dos homens.

6.

Ha mais piedade em mandar cantar hum *Te Deum* pelo successo de huma guerra , se elle foi feliz , do que em mandar dizer Missas pelos que nella morrêraõ , se a fortuna naõ correo direita : pôde ser que a ambiçaõ seja o movel da primeira piedade ; e que a desesperaçao seja a causa do esquecimento da segunda.

7.

No tempo da guerra haverá bem poucos *Capitaens* , que mereçaõ ser *Soldados* ; quando no tempo da paz haveria bem

bem poucos *Soldados* , que naõ parecessem ser bons *Capitaens*.

8.

ALEXANDRE , ao que parece , naõ foi mais injusto em roubar os Direitos alheios , forçando as Naçoens ao jugo da sua obediencia , do que forao alguns Conquistadores , que leváraõ a guerra aos *Idólatras* com o pretexto da Religiao , até os desapossarem dos seus territorios ; que talvez seriaõ mais seus , que os destes famosos **ALEXANDRES**. A Religiao nunca podia ser hum titulo legitimo para se deitar fóra de sua casa , a quem a possuisse por algum dos artigos , reconhecidos universalmente na posse pacifica. Ha de salvar-se , quem quizer , diz S. Paulo ; e Jesus Christo , que fugio para o naõ fazerem Rei , veio offerecer os Reinos dos Céos , e naõ usurpar os temporaes , que era o susto pannico de HERODES : muito menos a terra , que foi dada aos filhos dos homens , como se diz no *Ps. 113.* ninguem

guem a entendeo até agora por habitaçāo sómente de Catholicos. A verdadeira Conquista em tal caso deveria ser , mandando-lhes destas Tropas Auxiliates , que naõ tem , nem pôdem ter outras armas mais do que a palavra , o exemplo , a persuasão , e a paciencia ; com que se faz guerra aos coraçoens : podiaõ estes ganhar-se para Deos sem sahirem da devida obediencia de seus Senhores legitimos. Eu naõ sei , que os Salteadores de *Arabia Deserta* sejaõ menos capazes da felicidade eterna , do que os Habitantes das terras fuscundas de ouro , prata , e pedras preciosas.

9.

Na guerra expoem-se a vida , a honra , e a fazenda por vida , honra , e fazenda : he muitas vezes a vida todo o premio de se ter exposto , e até perdido , a honra , e a fazenda.

De naõ irem ser testemunhas de vista dos successos da guerra , e expôr-se aos seus incomodos os que a movem ; mas antes ficarem-se divertindo das noticias de hum folheto , he quasi sempre a razão suficiente de se chegar á extremidade de aceitar as condicōens de huma paz vergonhosa.





HEROISMO:

I.

O Heroísmo dos homens he tudo ; o que parece , em quanto as acclamações , ou vem de bôcas affogadas n'humma dominaçao tyranna , ou da pena de hum *Escriptor* cégo , ou ocioso , ou timorato. O Mundo ainda era mui pequeno para hum ALEXANDRE ; que Heróe ! MAHOMET II. destruiu douis Imperios , conquistou doze Reinos , e tomou mais de duzentas Cidades , que Heróe ! mudáraõ os tempos ; ALEXANDRE , e MAHOMET foraoõ os maiores Ladroens , que tem aparecido.

2.

He lastima ver a quanto se aventuraõ os homens por hum Nome , que depois

I 2

de

de apagado do bronze , do marmore , do pergaminho , e do papel , pelo tempo gastador , se ainda se descobrem alguns riscos , as dúvidas da paixão , e da critica formaõ hum Problema insolvel.

HYPÓCRITA.

1.

A Virtude de hum hypocrita he mais perigosa , que o mal de hum perverso conhecido : aquella tem enganado até os Sábios ; e este naõ pôde enganar , senão a loucos.

2.

Hum verdadeiro virtuoso quereria ; que todos o fossem : o hypocrita he hum santo invejoso ; que se rôe de haver virtude digna dos elogios , que elle ambiciona com tantos , e taõ delicados artifcios.

HO-

H O M E M.

I.

NAÓ ha cousa mais facil, que hum homem vêr a outro homem; mas encontrarem-se dous racionaes, naó he taó facil, como se pensa; ainda que todos se pareçaõ.

2.

Huma prova incontestavel, que de todos os viventes o animal mais miseravel he o homem, he que trazendo comsigo da natureza todos os outros de que se repararem das injurias do tempo; só o homem para se reparar a si, he necessario despir aos outros.

3.

O homem he huma figura de Theatro a representar o papel da sua paixaõ mais do-

dominante: entaõ quando mais embebida em fazer vistosa a sua Scena, pegaõ-lhe de hum braço para dentro do bastidor, tiraõ-lhe a mascara, despem-lhe o vestido; e acabou-se o papel, muitas vezes antes de se acabar o primeiro Acto.

4.

O homem naõ parece homem deixado ao destino das paixoes: a soberba o faz tyranno; a inveja o róe; a ira o abrasa; a luxuria o devóra; a gula o arruina; a avareza o inquieta; a preguiça o reduz á miseria. Huma Féra das silvas naõ he mais Féra, que o homem sem razaõ.

5.

O homem se chegou a vêr o terceiro Acto de sua Tragedia, tem feito nada me- nos, que tres papeis bem célebres em pou- co tempo: de louco na infancia; de in- constante na mocidade; de arrependido na velhice. Na infancia naõ conhece razaõ;

na mocidade não sabe escolher ; na velhice tudo são pezares ; e ás vezes tão tarde , que trazem a desesperação.

6.

O homem destituido de huma luz particular , he hum cégo de nascimento sem moço , nem bordaõ : não sabe para onde vem , não sabe por onde anda , não sabe para onde vai. Nasce com os olhos fechados , o appetite he quem o guia , e não conhece o futuro. Em que despenhadeiros dará o homem assim cégo !

7.

O homem por ordem ao seu corpo , he hum orgão sonoro , que o pó desafina ; he hum álamo copadó , que o vento desfolha ; he hum relogio de preço , que hum cabello desconcerta ; he huma estatua de cera , que o calor derrete ; he huma torre de ladrilho , que o tempo gasta , e carcome. Quem diz *Homem* diz *miseria* : canta o *Italiano*.

HO,

HOMEM DE BEM.

1.

NAÓ he sempre o nome de homem de bem, quem deve inculcar-nos dignos dos lugares de mandar. Naó he a primeira vez, que tem sahido Lobos de debaixo de pelles de ovelhas: he digno sómente quem lhes conhece o pezo, e foge com os hombros de huma carga, de que ha de responder a Deos, e aos homens.

2.

A Linguagem vulgar naó conhece por homens de bem, senaó aos que assim o querem ser pelas obras de seus Maiores. Seguia-se, que o primeiro Troanco nunca seria Homem de bem, porque naó teve de quem herdar o seu rancho. Homem de bem he sómente o que faz obras dignas do nome, que traz;

3.

3.

Todos querem ser arranchados á ban-
da dos Homens de bem : mas quando se
trata de obrar a desempenho daquelle no-
me , poucos se affigem , que fique á maior
parte dos observadores a resoluçāo do Pro-
blema *Se foi , ou naō fraqueza , e ridi-
cularia todo o motivo porque deixáraõ de
ser Homens de bem ?* Com tudo ficaõ sa-
tisfeitos do Titulo ; ainda que seja vazio.

4.

Com tanto , que se façaõ acçōens des-
tas , que o juizo de huma boa parte dos
homens chama *heroicas* , está-se canoniza-
do de Homem de bem : insiste o vulgar
em estrondos ; pouco importa , que fos-
sem honestos , ou naō fossem , os moti-
vos do estrondo.

5.

A julgar das cousas pela sua natureza ;
 e naõ como as crianças , que deixaõ ir os
 olhos apoz de ninharias ; verdadeiramente
 Homem de bem seria aquelle , cujo nome
 cá em baixo , ainda que soffresse dos maiores
 acasos , merecesse com effeito ir inscrever-se
 nos Annaes da Eternidade. Ser Homem de bem sómente para os homens ;
 e acabar aqui , parece-me , que ainda he
 menos que ser meio homem de bem : mas
 he impossivel casar-se o Evangelho com a
 opiniaõ , e sistema ordinario do Mundo.

HOMENAGEM.

ESTE acompanhamento luzido ; com que
 vai dar-se á terra hum defunto illustre ,
 he a ultima homenagem , que se paga á
 yai;

vaidade do morto , e o primeiro estimulo , que se excita no amor proprio de quem lhe succede.

2.

Os grandes elogios , que vêmos dar á verdadeira virtude , ainda por aquelles mesmos , que apenas a conheceraõ pelo nome , saõ esta devida homenagem , que se está obrigado a render a hum titulo , que sobrevive á variedade dos tempos , á inconstancia dos homens , ás alteraçoens da natureza ; e á tarefa ordinaria do seculo.

HUMANIDADE.

3.

SE o *H* naõ he letra ; a palavra *humanidade* para huma boa parte dos homens naõ he outra cousa mais que hum som composto de cinco syllabas , e nove le-

letras. Mas se ella tem por desgraça algum significado, a verdadeira humanidade he o *Egoismo*.

2.

Nenhum seculo vio producções tão bellas a favor da humanidade, como o seculo desoito: nenhum seculo vio tão es- carnecida, e ultrajada a humanidade, co- mo o seculo desoito.

HUMILDADE.

I.

AS mais gabadas virtudes do seculo não conhecem a humildade por seu fundamento; aqui a maior virtude he a soberana habilidade de navegar com todos os ventos; e a humildade aborrece a af- fectação, e a cobiça.

2.

A humildade he huma virtude tal ; que della se serve naõ poucas vezes a soberba , como de huma mascara , para esca- par ao vilipendio das gentes , que pezaõ as couzas em balança racional.

3.

Ha muitos , que estimaõ a humildade menos em si , que nós outros : louvaõ ao bom animo , com que se levaõ os seus in- commodos ; porém como nem todos tem as mesmas idéas , nem os mesmos princi- pios , faz fastio huma qualidade , que naõ merece o applauso universal de todos os homens.

4.

Muitos quereriaõ ser humildes ; se nun- ca se provassem os revezes , a que está exposta a humildade : mas o erro palmar de

de querermos ser á vontade dos outros ,
faz que desprezemos a humildade.

5.

Louvamos mais facilmente a humildade dos outros , do que soffremos , que nos louvem de humildes. A experiença de haver pobres soberbos nos faz estimar aos que se conhecem nossos subalternos : para nós porém , fugimos de huns elogios , que a nossa presumpçāo nota de mesclados de certa displicencia , que se tem de ordinario para huma condiçāo pouco , ou nada attendivel , ou para hum espirito rasteiro.

6.

A humildade tem aqui de ordinario poucos Padrinhos , e os que tem , saõ pouco poderosos. Os protectores da humildade crê-se que distaõ pouco de huma extracçāo , para que se tem huma especie de asco.

7.

Ha hum caso sómente de não ser a humildade (ao que parece) huma virtude, mas antes ser de consequencias funestas o praticá-la, que he, o tolerar hum Monarcha os insultos feitos ao Sceptro, que elle administra; e de que não he o Senhor, senão para o defender de toda a força, que tem na sua Authoridade contra a ambição, e a inveja.





IGNORANCIA.

I.

HUm dos grandes signaes de nossa ignorancia he esta leveza peregrina em approvar hoje com huns, o que tinhamos hontem reprovado com outros.

2.

A indifferéncia em materia de Religiao naõ he muitas vezes por caprichar de hum sistema singular, e de novidade: pôde ser por falta de luzes para sustentar a huma, que se tenha por verdadeira.

3.

Naõ he fundada em boa razaõ esta lastima, que se tem ás vezes de hum homem, que andaya na roda dos Sabios, por

por naõ ter maõ das paixoens : he huma ignorancia querer desculpar a outra. Quem naõ sabe que huma boa Philosophia ensina a mandar sobre a carne , he ignorante ; e o Sabio , que naõ governa as paixõens , he hum ignorantissimo Sabio.

4.

À perversidade dos homens he sempre ha razão de sua ignorancia , a pezar mesmo do temperamento ; e da educaçao. Será raro o homem máo , que naõ seja ignorante : o homem de bom sião chega até adoçar o temperamento , e a corrigir a educaçao.

5.

A ignorancia dos povos he o que tem sustentado nos Thronos a hum sem numero de Déspotas. He perigoso no Estado da Sublime Porta , que os homens conheçao os seus direitos. Naõ he hum só a quem faz inveja a prevençao de MAHOMET em lhes impôr de Lei a ignorancia.

6.

Huma ignorancia de Lei mui pouca
differença poem entre huma besta , e hum
homem das silvas : mandar a Escravos ,
ou a bestas he quasi o mesmo.

7.

Nas terras , aonde se crê que todo o
Poder vem de Deos , só a força pôde im-
pedir a crença de hum Deos mão , de
donde venha o abuso do poder racional ,
e legitimo : de outra sorte he necessario ,
que todos sejaõ Theologos para differen-
çar entre a vontade preceptiva , e a per-
missiva de Deos.

IMITAÇÃO.

1.

Imitamos com facilidade o que he máo : o amor proprio , que sempre dá huma boa cõr aos nossos defeitos , naõ soffre , que démos a conhecer aos outros , que somos inferiores áquelles , a quem deve imitar-se.

2.

Naõ imitamos a muitas acçõens ; que passaõ por boas , porque nos falte inveja dos louvores , que outros merecem por elas ; mas porque naõ achiando hum modo facil de as produzir , estudamos a encobrir a nossa incapacidade , fingindo descobrir-lhes malicia , por onde se façaõ indignas da nossa imitaçao.

3.

A preguiça cobre muito : he por ella muitas vezes , que nos dispensamos de imitar as grandes acçoens ; querendo antes que se impute ás nossas boas luzes esta satisfaçāo , que mostramos sobre a inac-
gaō , e molleza de nosso estado.

4.

Persuadidos por hum erro ; que as grandes acçoens saõ filhas sómente de hum berço illustre ; se algumas vezes imitamos , por mais talvez naõ poder ser , as acçoens de hum homem , que differe de nós por aquella opiniaō , em nós a grandeza he natural , e nelle foi monstruosidade.

5.

A razaō , porque imitamos mais facilmente as acçoens destes chamados vulgarmente *Heróes do seculo* , do que as dos

dos da Eternidade, he porque a recom-
pensa destes naõ se apalpa, e a daquelles
sim, ainda que nem sempre; prova de
què tudo em nós he esperança no presen-
te, e fé nenhuma no futuro; ainda que
seja o mesmo Deos quem falla, e quem
promette.

IMPRUDENCIA.

1.

Nunca appetecemos com maior ancia
viver em trabalhos, do que quando per-
tendemos diligentes os empregos.

2.

O costume de julgar das cousas pelo
erro commum dos sentidos faz, que ti-
remos o ser verdadeiro daquillo, que o
tem, para o pôr no que naõ he, senaõ
obra da imaginaçao, e do capricho. Da-
qui

qui vem ; que loucamente abominamos
mais a hum nascimento humilde , do que
a huma accaō vergonhosa.

3.

O que nos faz commetter grandes de-
satinos neste lugar de elevaçāo , a que
chegamos , he o louco esquecimento de
que já outros se tem despenhado de mu-
ito mais alto ; ou a louca esperança de que
nunca ha de faltar o Padrinho , que nos
deo a maõ : como se este Padrinho ti-
vesse debaixo de sua chave o seu vali-
mento.

4.

A imprudencia he Prima co-irmaã da
ignorancia : o ignorante he atrevido , o
imprudente he precipitado : ei-los ambos
imprudentes , e ignorantes ambos.

INCAPACIDADE.

1.

HE o caracter de hum homem indigno de que se falle no seu nome, notar incapacidade nos que merecem, o que elle presume de merecer só: leva com pena haver quem seja melhor: custa-lhe à desigualdade.

2.

A marca mais peregrina da incapacidade, que se deixa ver logo em hum pertencente da elevaçao, he o intrigar os canaes, que a ella pódem levar, desabandonando aos que se fiaõ sómente em suas luzes.

IN2

INCONSTANCIA.

1.

Nunca mostramos mais a nossa inconstancia, do que quando damos de leve as maos para subscrever as paixoes ordinarias do vulgar.

2.

Huma cousa, que prova com evidencia, que de tudo o que toca os sentidos exteriores, nada he capaz de deixar o nosso coraçao satisfeito, e socegado, he vêr que já hoje como que temos fastiao que ainda hontem viemos a conseguir depois de difficuldades trabalhosas.

3.

Tudo no Mundo he inconstante, excepto a inconstancia.

IN-

INGRATIDAÕ.

1.

A Ingratidaõ he hum sobrescripto ; que o ingrato traz na testa para acautelar as almas liberaes a naõ desperdiçarem inutilmente.

2.

A ingratidaõ destroe a natureza do beneficio ; porque o faz passar de pura liberalidade ao estado de divida de rigorosa justica.

3.

A ingratidaõ he o caracter proprio dos homens de ganhar ; esquecem facilmente o beneficio recebido , até deprimirem da reputaçao do bemfeitor ; se este naõ he do partido daquelle , de quem o ingrato espera ser beneficiado.

4.

O ingrato he huma obra monstruosa , que parece nem ter sahido das maõs do Creador Univerſal. He huma pedra com olhos de piedade para tocar ; com boca para pedir ; com joelhos para merecer ; com maõs para acceitar ; e com pés para fugir por naõ reconhecer , depois de ter importunado : pedra animada antes de receber , e ao depois essencialmente pedra ; he monstro : digamos melhor ; he huma nova especie de gatos de dous pés.

INIMIGO.

HA occasioens , em que a nós mesmos fazemos tanto mal com o mal , que fazemos aos outros , como com o bem : com o mal criamos inimigos ; e com o bem

bem fazemos ingratos : huns ; e outros saõ
inimigos.

2.

A primeira occasiaõ , em que entra o
divorcio entre dous amigos , he principal-
mente logo , que ocorre algum interesse ,
a que ambos aspiraõ : cada hum se ima-
gina em direito exclusivo de o pertender ;
e a vaidade de hum o faz superior ao
outro.

3.

A falta de espirito , e de boas insti-
tuiçõens , he o motivo de nos preoccupar-
mos tanto dos ataques de hum adversa-
rio : a boa Philosophia ensina a ter com-
paixaõ de huma especie , que soffre irra-
cionaes por força ; e S. Paulo inspira ,
que no Mundo nada do que se padece ;
he bastante a merecer , o que está pro-
mettido aos que naõ deixaõ cahir a cruz
dos hombros .

4.

4.

O pezo do mal, que recebemos de hum inimigo, he na razaõ ideal da nossa representaõ: se naõ figuramos, nem se offende o nosso imprudente amor proprio; nem os fantasicos esperao de fechar a sua leveza com o nosso desaggravo.

5.

Infeliz o homem, que naõ tem inimigos! he hum desprezivel hospede no Mundo moral, e hum mirrado esqueleto para hum futuro; aonde ha de ser attenedida a paciencia.

6.

Os maiores inimigos do homem recomendavel para Deos, e para os homens, saõ a hypocrisia, e a estupidez: esta chega a envergonhar-se do vilipendio, que merece; aquella vem por fim a restituir

á

A verdadeira virtude, o vestido, que lhe tinha furtado.

INTERESSE.

I.

OS nossos amigos não nos acompanhão senão até á vespера das nossas desgraças;

2.

Foi vendido, e não de graça; o beneficio, que fizemos, se delle esperamos alguma recompensa em torno.

INSTRUÇÃO.

I.

O Homem instruido he hum para os ignorantes, e outro para as gentes de luges;

zes : para aquelles hum *Livreiro* com bem uso da Loje , e boa memoria , he huma maravilha ; e para os outros he necessario criterio sobre o que sabe. Para huns bastante he a memoria ; para outros naõ basta o repetir grandes escholios.

2.

A vaidade de ostentar de instrucçao tem feito despenhar a muitos em grandes absurdos : pensaõ , que além da instrucçao commum , he necessario de mais criar hum nome , que faça estrondo por alguma novidade peregrina , ou parvoice. Daqui tantos *Doutores* do erro , e da mentira ; que por todo o premio de suas fadigas mereciaõ ir ao Hospital dos doudos a curar-se deste frenesí , que os leva a hum partido , para que naõ tem fundo capaz de fazer systema.

3.

3.

Huma grande parte destes instruidos, que se nos gabaõ, vieraõ ao seu sexo por engano, deviaõ pertencer a outro, cujos individuos tem ordinariamente a alma na imaginaçao, e na lingua.

4.

Poucos instruidos haverá, que naõ desfructem este nome por beneficio de hum sem número de ignorantes, que ouvem como peixinhos, e naõ entendem, o que ouvem.

INVEJA.

I.

NAõ he de ordinario o amor da ordem, para que se veja nos lugares homens de

de hum averiguado merecimento , queri faz que diminuamos a hum sujeito da reputaçao , que tinha perante hum Valedor poderoso ; he a inveja de elle nos ser preferido , por fazer sombra a esta opiniao , que de nós tinha espalhado a preocupação vulgar.

2.

Raras vezes louvamos as virtudes alheias , se naõ quando , ou somos virtuosos , ou trabalhamos para o parecer á força de reflexoens , e de estudo ; e entaõ o amor da reputaçao he quem nos faz applaudir las.

3.

Naõ ha vicio mais desprezivel , e ridiculo , do que a inveja manifesta : alémi de canonizar de louco ao invejoso , por naõ saber disfarçar-se ; deixa sem controvérsia , que elle he a todas as luzes indigno de tirar o pé deste lodo , em que o poz a Providencia , ou o acaso.

JUL.

JUIZO TEMERARIO.

I.

O Juizo temerario he a occupaçao ordinaria dos ociosos, e dos de máos costumes: aquelles nunca saõ irreprehensíveis; mas, ou porque aborrecem os trabalhos uteis, e proprios do seu estado, ou saõ dispensados de levar á boca sem suar esse bocado, que a outros tantos suores custa, he necessario dar exercicio a hum amor proprio, que sempre lhes he benigno, para deitarem veneno nas acçoeis, ás vezes as mais innocentes. Dos segundos; porque a sua maior satisfaçao está em naõ serem sómente: ninguem escapa entaõ aos seus juizos: haverá bem poucas acçoeis por melhores que sejaõ no fundo, que naõ possaõ ser lançadas á má parte por hum impio.

L

JU:

JUSTIÇA.

I.

EM quanto a *Justiça* naõ fôr mais do que huma constante, e perpetua vontade de dar a cada hum o seu direito apenas, a meu vêr, teremos a idéa de huma *Justiça Theoretica*; que fóra do uso, ou da prática, em que parece que deveriaõ consistir as virtudes, nem dá direito, nem tira direito. Nenhum *Julgador* he justo por ter huma boa intençao, e vontade constante de fazer justiça; mas por elle dar de facto a cada hum o seu direito. Quem dirá, que o *Juiz*, que tirou o seu a seu dono, teve huma constante, e perpetua vontade de torcer o direito? Só se elle fôr de huma alma desestrada: sendo logo, como se diz nas Escholas, *dos contrarios a mesma razao*; o que fez justiça, naõ foi aquella

yon-

vontade , quem o moveo , foi a justiça das provas da Causa ; e o que a naõ fez , he porque fechou os olhos áquella verdade , e abrio-os , ou de medo ao respeito , ou de fome á maõ quebrada. Parece entaõ que deverá consistir a *Justiça* em dar de facto a cada hum o seu direito , e naõ em ter vontade de o dar. E em fim como isto de fazer justiça naõ he o mesmo que fazer Sacramentos , muito bem poderá fazer-se justiça , e sem o mais leve susto de nullidade , ainda que naõ haja aquella intenção interna , e vontade constante de a fazer ; bastará que de facto se faça. Ora he verdade , que eu naõ sou *Jurista* : admiro porém , e admirarei sempre esta céga veneração , que se tem para tudo o que he antigo , velho , e caduco ; e ordinariamente sem o menor exame ; por isso saõ infinitas as indigestoens , ou por se naõ mastigar bem , o que se come , ou por se engolir o mastigado dos outros , e as mais das vezes mal mastigado.

2.

A justiça dos Poderes Soberanos Tem-
póraes, dizem os *Theologos*, que he hu-
ma emanaçāo da Divina Justiça; mas sup-
ponho, que naõ será de fé. A Justiça Di-
vina, logo que haja huma Confissāo sin-
cera, huma dôr verdadeira, e hum pro-
posito firme, dobra-se sempre á Clemem-
cia, perdôa sempre: a outra justiça ca-
stiga o criminoso por mais forte, que se-
ja a sua dôr de ter transgredido as Leis
dos homens: porém a diferença daquel-
le procedimento tem razoens sólidas, em
que se funda.

3.

Naõ ha quem naõ faça elogios a huma
virtude, que impoem de naõ violar os di-
reitos alheios: saõ raros os que se accom-
modaõ á sua distribuiçāo, quando ella naõ
he vantajosa.

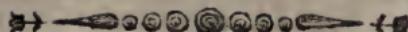
4.

4.

Naõ he ordinariamente o espirito de huma justiça direita , o que nos faz inexoraveis á excepçāo das pessoas na imposiçāo das penas da Lei ; he hum meio delicado de colorar a severidade , ou a injustiça a respeito de hum estranho , que nos faz pezo.

5.

Quantos delinquentes seriaõ homens de bem , se algumas vezes a Justiça vindicativa se calasse á piedade ! huma dureza igual , e permanente naõ he sempre quem determina a vontade contra hum habito vicioso : e para huma razão clara , ainda que arrastada commummente das paixões , he ás vezes castigo bem poderoso o perdão ; porque tambem a vergonha de ter delinquido pôde ser flagello.



LAGRIMAS.

1.

SE os meios de persuadir se limitassesem unicamente ás lagrimas , ninguem igualaria a huma mulher em persuadir. He necessario ser muito bom para crêr em gente , que chora quando quer ; e se não quer , não chora.

2.

Como aonde está o thesouro , está o coraçāo , he mais facil arrancar enternecidas lagrimas do coraçāo do avarento por huma perda de substancia caduca , do que pela perda dos bens eternos : aquella custou sangue ; e estes estaõ sómente debaixo de palavra.

LEIS.

L E I S.

1.

SEm Leis sumptuarias , que dêm o tom aos diferentes ramos , que pôdem despender do tronco geral do público interesse ; de mui pouco virão a servir a bondade do Sol , a fertilidade do chaô , a actividade da industria , e a energia do homem.

2.

As enfadonhas formalidades , de que se achaõ carregadas as Leis na prática do Fôro de huma grande parte das Naçõens , que se dizem policiadas , pôde ser , que fossem boas na sua instituiçao primitiva : pelo menos hoje parece que servem sómente de eternisar as materias dos litigios ; de dar que fazer aos *Advogados* ; de fazer viver os Officiaes do expediente ; de obri-

obrigar a desistir a hum pobre, que naõ tem mais, que muita justiça; e de avisinhar a Eternidade a hum desvalido desesperado litigante. O grande Padre *Antonio Vieira* diz com bem graça em hum de' seus Sermoens, que se o Processo Criminal, que se fez a Jesu Christo em *Jerusalem*, fosse formalisado pela prática actual do fôro, ainda no seu tempo naõ estaria consumada a Redempçao.

3.

A clareza, e a precisaõ saõ dous atributos indispensaveis das boas Leis. Desde o primeiro até o ultimo dos homens he conveniente, a meu vêr, que saibaõ todos, o que lhes he mandado, prohibido, ou tolerado. Parece que deveria ser a primeira *Cartilha* do Mestre *Ignacio*, que se mandasse lêr aos rapazes na Eschola; como acontece com a *Biblia* nas Escholas de Inglaterra.

4.

A pezar dos grandes elogios, que vêmos prodigar sem medida ao seculo por nelle se ter desenvolvido a razaõ do homem ; até se nos querer persuadir de inutil qualquer descoberta de mais luzes ; ainda os gritos da pobre humanidade naõ despertáraõ a hum defensor poderoso ; que ao menos adoçasse o terrivel amargo das Leis criminaes, naõ se podendo, ou naõ se devendo apagar de huma vez. O sistema do Grande *Beccaria* já tinha sido muito antes adoptado na *Russia*, e devia ser a educaçao pública, e por ella a docura dos costumes dos *Russos* foi obra do **CZAR PEDRO GRANDE**, o Criador da sua Naçao no Seculo XVII. O Imperador de *Alemania* JOSE' II. quiz tambem adoptá-lo ; mas naõ foi avante ; e houve razão : a educaçao dos *Alemaens* era mui antiga ; e nunca alli houve hum **PEDRO GRANDE**.

LIBERDADE.

1.

Todos fallaõ da liberdade, como de huma cousa preciosa; huns de emulaõ pelo sacrificio, que fizeraõ por vontade, ou constrangidos, outros por pouco infestados ainda do vento das paixoens. Chega tempo com tudo, em que dá prazer a huns de naõ terem sido seus; e a outros arrependimento de o terem sido.

2.

Nunca usamos melhor de nossa liberdade, do que quando a sacrificamos á direcção de pessoas, que haõ de responder necessariamente da authoridade, com que della usáraõ.

3:

3.

Nós naõ somos excessivos em gabar a alheia liberdade , só para inculcar o gravame , que sofremos debaixo de hum ju-
go , que imaginamos insopportavel : por imprudente , que elle nos pareça , corta-
nos na verdade occasioens , que naõ sa-
beriamos vencer póstos em nossas maõs.
Ou he porque a nossa irracional vaïdade nos poem acima dos que mandaõ sobre nós ; ou porque nos atormenta a raiva de naõ podermos largar toda a corda ao nos-
so genio.

4.

Quem se lembrasse , que nos naõ foi dada a liberdade para della usar á discri-
çao das paixoens , mas só pelas regras do bom sentido , da razaõ , e das Leis , logo que se naõ sentisse com forças para a levar por estes caminhos , a naõ querer despenhar-se , estimaria topar a quem qui-
zes-

zesse carregar-se do contrapezo de responder por si, e pelos outros.

5.

A liberdade politica he a que tem cada individuo da sociedade, naõ para executar quanto lhe fizer emprehender huma fantasia selvatica ; naõ foi para isto, que nas primeiras convençoens se acordáraõ os homens entre si de hum deposito commum de suas forças relativas ; mas he para gozar em toda a assegurança de quanto lhes pertence, sem dever ser perturbado de outro seu igual, e similhante. Feliz Estado, em que só se depende da Lei.

6.

Houve Sociedade, (contou-se,) para quem a liberdade mais gabada consistia na tolerancia de alguns rompimentos, que em outros corpos politicos seriaõ dignos da maior severidade ; mas attribuidos prudemente a certas alheagoens accidentaes.

Naõ

Naõ posso advinhar , em que estivesse po-
sta aquella grande liberdade.

LISONJA.

I.

LAZARO morto , e fétido de quatro dias ;
naõ cheiraria taõ mal , como deve ator-
doar a lisonja a huma cabeça , que tem
e juizo no seu lugar.

2.

Sem lisonjeiar muito em demasia , nin-
guem he alguma cousa , do que tem fome.

3.

A lisonja he hum Judibrio temperado ;
he a mais vil das escravidoens : e he a in-
fame offerenda de espiritos rasteiros , e
dobrados. Aborrecemo-la em quanto hum
de-

desapêgo affectado de interesses ; ou a inha-
bilidade para os solicitar , nos poem fóra
de aproveitar para os bons homens. Chei-
ra ao descarte destas almas despreziveis ,
que naõ pôdem representar senaõ com ha-
bito emprestado. E para valer , he neces-
sario fazer do bem mal , e do mal bem :
daqui sahe canonizado de louco o lison-
jeado.

4.

Como corre por axioma , que a lison-
ja he , o que tolhe de chegar a verdade
até os ouvidos das pessoas elevadas ; affe-
cta-se muitas vezes de ser lisonjeado para
sarar as maiores injustiças. Faz menos pe-
zo a vergonha de naõ ter juizo para co-
nhecer aos homens.

5.

A lisonja he por dependencia , ou por
escarneo : por escarneo he vil ; por de-
pendencia só pôde perante os que ganhá-
raõ o que saõ , a fôrça de abjecçoens , e
de incenso.

6.

6.

O lisonjeiro he huma nova especie destes ascorosos insectos, que se alimentaõ da immundicia.

LUCTO.

1.

HE o lucto hum despertador mudo ; mas sincero , que nos adverte da parte dos nossos mortos , que se hoje somos os vindouros dos que já passáraõ ao caminho da carne ; pôde ser , que ámanhã sejamos os antepassados dos que haõ de vir.

2.

Sendo o lucto os ternos suspiros , com que a humanidade explica a sua dôr pelo irreparavel golpe de huma parte de si me-

smo.

smo ás vezes a mais sensivel ; ha muitos , para quem os seus mortos saõ reliquias estrangeiras ; que por politica impoem sómente na cõr do vestido.

3.

Quem faz pezado o lucto do Successor de hum defunto illustre , naõ he muitas vezes a mágoa por se ter desfixado huma columna , a que se arrimava a casa ; a nossa mal instituida razaõ nunca nos faz inferiores aos outros. Cobre-se ás vezes debaixo destes apparatus funebres , de que a humanidade honra as cinzas dos seus mortos , este insaciavel desejo de ser independente ; e de entrar no pleno direito de certas razoens , que só devem cashir pela morte do Chefe.

LUXO.

I.

O Luxo, fóra de hum uso irregular, nunca he, a meu vêr, pernicioso ao commum, e ao particular de hum Estado, senão quando naõ saõ nascidas dentro do Paiz as primeiras materias; nem a industria tem ainda o adiantamento necessario para as aperfeiçoar. As sommas, consumidas nos generos estrangeiros, naõ voltaõ mais ao Estado; ainda que o Numerario seja redondo. Gaba-se a moderação do vestuario *Hollandez*; mas he pelos grandes lucros, que lhe vem da exportação de seus pannos para outros Paizes: se em todos estes elles fossem contrabandos, deixariaõ de os fabricar.

M

2.

2.

O luxo em hum Estado policiado he mui util ; anima a cultura das Sedas , dos Algodoens , dos Linhos , das Laás , e das outras materias , que pódem satisfazer as necessidades de opiniao ; e ao mesmo tempo dá-se de que viver a hum povo de ociosos , que podiaõ trabalhar ; e vem Ladroens ; e outra cousa , que eu sei , e naõ quero dizer.

3.

Na extremitade de naõ soffrer a ingratidaõ do Paiz os generos , que servem ao luxo , deveria , (parece ,) ser este prohibido debaixo de graves penas ; como tambem o deveria ser no caso , que de hâvê-los nacionaes , se recorresse aos estrangeiros ; ainda que fossem melhores , e mais commodos. He maxima ; que naõ deve recorrer-se aos estrangeiros , senaõ para o indispensavelmente necessario.

4.

Sendo, como supponho, (porque eu não decido,) tão util o luxo, parece que não he da Policia do Estado impedí-lo no Corpo geral da Nação, quando delle se serve para desordens: he dos Chefes particulares das familias acautelar de humas consequencias, para que o luxo he hum meio muito indiferente: os males, que vem do luxo, não saão males do luxo, saão do abuso do luxo: não deveria es- capar a esta proibiçāo até as mesmas virtudes, porque dellas se serve muitas ve- zes para fins irregulares. Quando a deva- sidaçāo dos costumes públicos fosse neces- sariamente vinda do luxo, huma boa Po- licia poderia ter maõ da decencia de todo o Corpo Politico, tendo á vista a práti- ca dos *Romanos*, ou a advertencia de *Mr. Dentand*.

He sem fundamento , que se vitupera com lastima o luxo em gentes ordinarias , e de pouca substancia ; quando as sommas das despesas imprudentes , que nelle se gastaõ , entraõ na massa geral , que circula o Estado : assim como o total da Na- ção naõ he rico pelo vil afferrolho de hum , ou outro avarento , assim tambem naõ he pobre pela imprudente despesa de hum , ou outro louco.

Pelas declamaçõens contra o luxo des- de as Cadeiras da Religiao , tem-se sabido á força de alambicar , o que a honra , e a decencia tinhaõ occultado ; e que só o rigor da Confissão obrigava a accusar. Daqui as cruelissimas desconfianças , e suspeitas , que tem metido nas familias as mais horriveis desordens.



MALICIA.

I.

Agravamos muitas vezes em demasia a offensa , que se fez a outro , menos pela sua natureza , do que para ganharmos ao offendido , a que de huma só acção nos despike tambem , do que nós naõ podemos tirar vingança.

2.

Enchemos o tempo com a murmuracão sobre os defeitos alheios ; porque tememos , que em huma pequena aberta se falle dos nossos.

3.

Menos huma depravação conhecida ; do que a malicia , he quem nos ensina qua-

quasi sempre a deitar á má parte a todas as coisas ; ou para fugir ao desprezo das almas lavadas ; ou para evitar , que nos naõ enganem. Como se naõ houvesse outros mais maliciosos , que nós.

MATRIMONIO.

I.

O Matrimonio carnal , de quem depende a legitima propagaçāo da nossa especie , dizem que fôra , naõ ha ainda muitos seculos , desnaturalisado em alguns Paizes *Europeos* , e degradado perpetuamente para fôra do Reino da Natureza sem ser ouvido , sem fôrma de processo , e sem lhe valer a posse pacifica de cinco mil , e tantos annos. He muito ; mas eu naõ creio ; porque naõ posso persuadir-me , que haja Paiz do Direito Escripto , em que naõ seja admittida a prescripçāo ; e porque me parece impossivel , que huma

ma Legislaçāo similar escapasse ao *Espirito das Leis*. Seja o que fôr : a pezar mesmo daquelle rigoroso extermínio , Luis XIII. de *França* dissolveo o Matrimonio de seu Irmao o *Duque de Orleans* com a Princeza *Margarida de Lorena* , só por ser havido sem o consentimento expresso do *Monarcha* ; o que se requeria por huma Lei d'Estado. Impoz a Princeza , e deo Mulher a seu Irmao , e isto , (dizia elle ,) sem tocar , nem levissimamente ao Sacramento : que tal naõ podia haver , naõ havendo contracto civil legitimo , em que elle assentasse.

2.

A Santa Igreja Universal congregada em *Trento* mandou-me com pena de Excommunhaõ , que tivesse eu de certo haver nella o Poder de pôr impedimentos dirimentes ao Matrimonio. Eu estive sempre neste sentir ; porque ainda sou dos que temem as Excommunhoens. Porém como Ella , nem diz donde lhe vem este Po-

Poder ; nem se falla do contracto do Matrimonio , ou do Sacramento , que Jesu Christo instituiu para santificar aquelle Contracto : parece-me que sem grande perigo , poderei ter tambem de certo , que fallando Ella do Sacramento do Matrimonio , pôde pôr impedimentos dirimentes a este Sacramento ; porque he de Jesu Christo que Ella recebeo o Poder de ligar , e desligar , que faz todo o objecto da Authoridade das Chaves. Fallando Ella porém do contracto do Matrimonio , pôde pôr tambem impedimentos dirimentes a este contracto , como Ella o faz actualmente , e está na posse pacifica de o fazer , ha bastantes seculos ; mas entaõ he dos Soberanos Temporaes , que Ella tem este Poder , ou do seu consentimento ; que muitos seculos tambem , depois de admitida a Religiao no Imperio , e nos diferentes Estados particulares , em que elle se dividio pela sua cahida , o exercitáraõ sempre , como hum Direito imprescriptivel , e inseparavel da Soberania. Naõ he logo de Jesu Christo que Ella tem este

Po-

Poder. Sendo este Senhor requerido por hum certo homem, que bulhava com seu irmão sobre a parte, que devia tocar-lhe da herança, para que Elle decidisse a questão; o Senhor lhe respondeo: *Ó homem, quem me fez Juiz, ou Distribuidor entre vós?* E Jesu Christo mesmo disse ao depois a *Pilatos*, que o seu Reino não era daqui. Como havia Elle entaõ de deixar á sua Igreja o Poder de regular contractos puramente temporaes, e civís; que excedia as facultadades de hum puro Ministerio Espiritual, que Elle exerceu, e que foi quanto lhe deixou? Ora a Santa Igreja para ser huma cousa tão grande, como he, porque só creada por hum Poder Immenso de Deos, nem necessita das nossas mentiras, nem das nossas lisonjas.

3.

O Matrimonio Espiritual, que se dá, conforme os *Theologos*, e *Canonistas* entre hum *Pastor Ecclesiastico*, e as suas
Ove-

Ovelhas , ainda que tire , como elles dizem , o seu modélo da intima uniaõ de Jesu Christo com a sua Igreja ; de quem Elle nunca se descasou , com effeito he de muito mais facil dissoluçao , que o Matrimonio carnal. Neste , o adulterio mesmo apenas facilita de romper o leito , mas naõ o vinculo : como he a Doutrina geral da Santa Igreja ; ainda que pareça bem contrario o que se lê nos Cap. 5. ¶. 32. e 19. ¶. 9. de S. Mattheus. No Matrimonio Espiritual porém , para hum destes Pastores repudiar a sua Esposa , e passar a novas nupcias , basta sómente a razaõ della ser pobre. Logo que haja hum Padrinho de valor , ou interessado , ou que occorra opposiçao a hum grande Beneficio , deixa-se logo a primeira mulher , e vai desposar-se com a outra. Sou tentado a dizer , que similhantes Matrimonios , ou naõ saõ Matrimonios , ou nunca saõ consumados , ou saõ condicionaes , fazendo-se provisoriamente , em quanto naõ apparecem Esposas de dotes mais avultados : e assim parece-me , que se poderia

di-

dizer sem grande escrupulo, que o *Libel-
lo de repudio*, que antigamente permittio
Moysés á dureza dos *Hebreos*, está hoje
no seu pé a respeito de huma parte dos
Matrimonios Espirituaes do nosso seculo:
A tolerada liberdade do antigo libello *naõ
foi assim do principio*: e quem vio ja-
mais hum só exemplo de similhantes Ma-
trimonios Espirituaes nos dourados secu-
los da primitiva Igreja? Só quem nunca
lêo a sua Historia. Mas por isso no cur-
ral das Ovelhas do Pastor Supremo, ha-
vendo huma só unica porta, saõ tantas as
janellas, quantos os esfamiados Mercena-
rios: por isso hum *Espirito Flexier* he tal-
vez hum só, e bem raro espirito nestes
seculos illuminados: que supponho, que
o saõ, ou de alcunha, ou que por terem
adquirido mais luzes, do que importava,
dérao taõ fortemente nos olhos, que fi-
zerao mais cégos, do que abortou de ir-
racionaes o desvarío da razaõ humana nos
seculos passados.

MEDICO.

I.

HUm *Medico* erudito ; e bem experimendo , se ajunta a estes grandes conhecimentos o temor de hum Deos , de quem dependeo sómente a livre existencia de todos os seres , he o primeiro amigo dos homens , he o primeiro defensor da humanidade ; he aquella columna de fogo , que Deos mandou aos *Israelitas* no deserto para continuarem a sua jornada de noite.

2.

Hum *Medico* ignorante he hum mal necessario ; e he hum assassino o mais afortunado : trouxe nas Cartas de Licença hum Alvará com força de Lei para poder matar impunemente ; e naõ sendo reconvido em Tribunal para responder no exa-

exame do corpo de delicto, ainda leva a paga, como se viesse estipulado a matar.

3.

Hum *Medico* sem anatomia posto a receitar he bem como hum cégo, que emprehende varrer os quartos de hum Palacio sem saber aonde está o lixo.

4.

Naõ ha desatinos mais bem cobertos; do que os de hum *Medico* ignorante: se a natureza foi próvida, he bom *Medico*; se o doente morreo, tinha de ser, estavaõ cheios os dias.

5.

Perguntei a hum *Medico* em certa occasião, se estudava a sua Faculdade para naõ dar erros no seu Officio, porque era de seguidas melindrosas para Deos, e para os homens? Respondeo-me, que se apli-

plica á Escriptura havia vinte annos. Repliquei, se curava as enfermidades physiscas pela *Biblia*? Tornou-me, que ella era a Mestra da prudencia. Como o vião prudente, deixei-o; protestando de naõ me curar com elle.

MERECIMENTO.

I.

O Maior, e o mais irreconciliavel inimigo, que temos, he o merecimento alheio: naõ podemos pregar-lhe huma vista fixa.

2.

Soffre-se mais facilmente o mal, que nos faz o nosso inimigo, do que o excesso de fortuna, que o levou acima da opniaõ de nossas boas qualidades: aquelle mal pôde desprezar-se; e esta fortuna, porque abate de nosso pretendido merecimento, naõ se pôde tolerar.

3.

3.

Se naõ houvesse intrigas , podia sem erro inferir-se de hum grande premio hum grande merecimento.

4.

O merecimento , que se inculca , he pertendido. Hum dos signaes do verdadeiro merecimento he esconder o merecimento : he delle porém como do fogo ; aonde está , se naõ he pela chamma , ou pelo fumo , que se vê ; he pelo calor ao me- nos , que se sente.

5.

Quem fosse menos prevenido em favor de si mesmo , julgaria do proprio merecimento , como de huma figura de meio relêvo ; que naõ encanta senaõ pela banda , aonde entráraõ as maõs do bom Artista , e da outra banda tudo he tosco , tudo he bruto.

MI-

MINISTRO.

1.

O *Ministro* pobre, ou corrompido; he hum inimigo, que o Estado arma contra si. He com razão presumido em direito de fazer só, o que he seu, torcendo a Vara pela peita; ou de fechar os olhos ao desprezo das Leis pelo respeito, e pelo temor.

2.

O *Ministro*, que sahisce do Lugar na ultima despedida com applauso universal de todos aquelles, para quem tinha sido mandado a distribuir a Justiça, parece que naõ deveria continuar no Serviço. O Soberano, que elle representa, naõ agradaria sem dúvida, senaõ em quanto fizesse justiça a beneficio. As paixoens offuscação a nossa razão.

3.

3.

Supondo, que ninguem seja tão louco para querer de boamente a sua ruina, não deveria, ao que parece, ocupar os Lugares de *Ministro* quem os pertendesse: tinha contra si a presunção de ser prompto à condescender indifferentemente com hum *Régulo*, de quem temesse o seu ultimo, e certo precipicio. Ha de ser bem raro o Pertendente pelo só interesse da honra do Soberano, e zelo da observância das Leis.

4.

Se ad Lugar de hum *Ministro* occorrem tantos perigos, como se diz, não hę tanto Providencia do Alto, como se crę; o haver Pertendentes: a fome de subsistencia no *Licenciado* pobre, e à cobiça de figurar no abastado, cégaō até não prever esses futuros perigosos, que a experientia faz tão sensiveis a cada passo.

N

5.

5.

O *Ministro* ignorante ; mas apadrinhado , he hum extorsor , que passéa com carta de seguro por diante dos que teriaõ talvez o direito de o pôr ao menos em praça por honras , vidas , e fazendas , que elle extorquio impunemente á sombra da Vara , ou á capa da Tóga .

6.

Qual será mais attendivel para reputar a hum *Oppositôr* de *Judicatura* , digno de entrar ao perigoso officio de julgar aos homens ; a recommendaõ de humas cartas com sellos pendentes , e o favor de huma boa protecção ; ou o titulo de huma grande prática de *Jurisprudencia* , é huma probidade attestada nas fórmas ? Não sei decidir. Lembro-me que huma maõ habil pôde ganhar as cartas , e merecer os favores : e que não he digno de fé hum *Escriptor* , que nem he sabio pa-

ra

ra se naõ enganar a si, nem he virtuoso para naõ enganar aos outros; e os fins saõ infinitamente distantes.

7.

Dizem que na *China* os Lugares da Judicatura se levaõ todos hum por hum á força de opposiçāo, e de concurso: he hum invento admiravel, que só pôde cortar pela imprudente ambigaõ de figurar de *Senador*, ou *Magistrado*.

8.

O *Ministro*, que de sua própria au-
thoridade interpréta a Lei, aonde desco-
bre algum lugar obscuro, parece que at-
tenta contra o Poder Soberano, que des-
ve ser hum, e indivisivel, repartindo-o
entre si, e o Legislador. Quem legislou
he só quem deve explicar as suas Leis; e
o *Ministro* he sómente hum puro execu-
tor dellas. A Regra de JUSTINIANO, que
diz que quando o Legislador naõ foi clara

ro em dizer a *Lei*, podendo; he contra elle, que deve fazer-se a interpretação deve entender-se em termos habeis. Se algumas das Leis Romanas ainda fazem parte do Direito Patrio de alguns Estados Soberanos, a faculdade de aclarar as Leis obscuras, nunca he, nem deve ser permitida a huma só cabeça, por mais ilustrada, que ella seja. Hum herege por isso o he, por querer entender a Escriptura, como lhe dicta o seu espirito particular, ou a sua fantasia.

9.

O *Julgador*, que sem poderes commutou em huma pena mais suave aquella, que pela Lei era estatuida a cada delicto, só porque a parte offendida cedeo do seu direito, e perdoou ao *Réo*, parece ser hum usurpador da Authoridade Suprema, e Direitos Sociaes. Se o Author perdoou, foi Christão, devia-o á sua Lei; e foi humano, porque pôde em outro dia ser tambem hum *Réo*. Resta de satisfazer ao

Princ.

Principe , que deve ser obedecido , e a todo o Corpo do Estado , a quem offendendo transgredindo as Leis. Como a Lei naõ he outra cousa senaõ a vontade do Legislador unida aos interesses da totalidade , tem o Principe , e todo o Estado em massa , e cada individuo em particular ; o Direito imprescriptivel de que se observem á risca as Leis , que lhes asseguraõ a paz pública : que foi o fim porque se sujeitáraõ a ser governados por similhantes. Porém isto he juizo meu.

MOCIDADE.

I.

Falla-se da mocidade , como de hum tempo , em que he indispensavel o tributo da verdura. Ha muitos , que o naõ pagáraõ : a desgraça he que elle se pague no tempo da madureza ; quando entaõ nada deve parecer verde.

2.

Todos querem disfarçar os erros da mocidade; mas he sem razaõ: he necesario, que o primeiro leite tenha a virtude de prevenir os erros do futuro. He-se mais, ou menos verde á proporção, que a primeira vara foi mais, ou menos rija.

3.

Sendo a verdura ordinariamente em huns annos de pouca prática, he sem motivo bem fundado, que se attribuem á inclinação natural os estragos da mocidade. Em tal caso o espirito, que foi creado direito, naõ está ainda no habito de obedecer cegamente ás paixõens, ou aos toques sensiveis do corpo. Seria melhor que se imputassem aos máos exemplos dos Pais, e ao costume de gentes corrompidas.

Sendo huma desgraça haver tempo ; em que o homem parece , que o naõ 'he ; a maior desgraça está em haver homens , que podendo ao menos impôr de huma já carcomida casca , nem sabem esconder huma verdura , ás vezes mais escandalosa ; que as maiores imprudencias de hum moço de pouco siso.

MONARCHA.

I.

Sendo certo , que hum *Monarcha* naõ he Superior ás Leis da Divindade , nem ás da Natureza , mas que o he sómente ás suas Leis , ainda que ellas sejaõ interpretativamente o voto commum de toda a Nação ; com effeito poderá dispensar de algumas dellas com quem quizer , logo que

ap:

appareça o titulo de huns relevantes serviços , feitos á Sua Pessoa , ou ao Estado , que tudo vem a ser o mesmo ; porque o Estado mesmo se se governasse por si só , teria a mesma racionavel liberdade. Os Privilegios só saõ chagas , que se abrem no Direito commun , quando se naõ olha sómente o verdadeiro merecimento ; e nessa parte nem pôde ter a devida approvaçao do Corpo Político. Leváraõ á ALEXANDRE hum homem taõ destro , que fazia passar hum graõ de milho pelo fundo de huma pequena agulha : vio-o trabalhar , e mandou dar-lhe logo hum pouco de milho. Se naõ fosse hum ALEXANDRE . . .

2.

Hum *Monarcha* naõ he por isto Superior ás suas Leis para legislar de arbitrio : esta he a diferença entre a Monarquia , e o Despotismo ; que neste toda a razaõ da Lei he a vontade do SULTAõ , munida de força ; e naquelle todo o motivo da Lei he a razaõ , obrigada da públia.

blica utilidade , e armada de força contra os irracionaes.

3.

Se os interesses de hum *Monarcha* devem ser communs com os da Nação , que Elle governa , parece que não deve ter lugar ao Seu Lado quem tiver só vistas de fazer fortuna : ha de ir necessariamente de mistura com os públicos interesses os da sua ambição.

MORAL DA CORTE.

1.

HE da Moral da Corte ordinariamente , como dos enigmas das Sibyllas , e dos antigos Oraculos : aqui era hum mysterio tudo o que se não podia advinhar ; acolá he huma politica de Estado tudo o que o descostume nos poem fóra de a profundar.

2.

2.

A Moral da Corte, e a do Evangelho parecem duas Moraes diametralmente oppostas. Huma manda-nos despegar da terra, como a gentes, que não tem aqui Cidade permanente, como diz S. Paulo, nem os seus bens são o Bem soberano do homem: a outra inspira até muitas vezes o sacrificio das cousas mais sagradas por dous dedos de conveniencia, como se devessem parar aqui os ultimos cuidados do homem.

3.

Pela Moral da Corte méde-se ordinariamente o licito pelo util. Porque

4.

Não ha extorsão a mais notoria, e violenta, que não tenha huma boa justificação na Moral da Corte. Tudo he licito a favor da paixão, da ambição, e do interesse.

5.

5.

A Moral da Côrte não he ordinariamente a moral dos costumes. Nesta consulta-se a consciencia , a humanidade , a reflexão , e a experiencia : naquelle hum commerçio de perfidias he a prática do mais habil.

6.

Pela Moral da Côrte tudo he verdade , razão , e justiça ; excepto o que o he realmente : e he o contrario , logo que não ha consequencias de estimação , e de valor.

M O R T E .

7.

A Morte he o ponto fatal , que decide soberanamente da igualdade natural de todos os homens.

2.

Se a morte não pusesse o fim aos bens ,
e aos males , ametade dos homens seriaõ
cruéis , e a outra ametade desesperados.

3.

Sendo a morte a mesma ; que por ultimo obriga ao Grande a deixar de ser Grande ; e ao pequeno a deixar de ser pequeno ; alguma differença de nome está em que o pequeno sahe da obscuridade em silencio para a terra , e o Grande sahe das vaidades com estrondo para a mesma terra ; mas lá fica tudo.

4.

Este valor , de que nos querem armar os fautores da morte philosophica para os ultimos periodos da nossa existencia , he hum ardiloso disfarce dos horrores da mesma morte. Aquelle instante funesto , em que

que o Mundo nos deixa, não pode meditar-se sem horror: os mais vastos projectos; as esperanças mais bem assentadas, tudo alli se acaba a nosso pezar. Desvario do juizo dos homens, querer iludir os sentimentos do homem de razaõ por hum invento de Paganismo rustico!

5.

Ainda a não haver mais nada, que espantar ao depois daqui, he hum ponto horreroso a morte. Dissolve-se huma maquina, que fez ainda ha pouco dobrar tantos joelhos; e vai dar pasto a insectos immundos por homens, a quem o obsequio prende de huma maõ a huma argola do féretro; e a podridão, que evapóra do esqueleto, faz tapar os narizes da outra maõ, não poucas vezes.

6.

A morte Civel de hum criminoso, aplicada immediatamente sobre o delicto; he

he mais capaz de produzir os effeitos ; que devem esperar-se , do que sendo o Réo empregado toda a sua vida em trabalhos peniveis , e aturados : e nem se deteriora em nada sensivelmente ao Estado com as perdas , que faz. Aquella promptidaõ , depois de fazer honra até mesmo aos *Ministros* , porque naõ dá tempo de suppô-los corrompidos ; naõ deixa separarem-se de entre si as idéas de delicto , e de pena ; e pôde facilmente pela maior impressão , que deve resultar de duas forças unidas , inspirar no Réo hum verdadeiro horror ao seu delicto , e hum pezar sincero de naõ ter sido homem de bem , como podia. Quanto aos Expectadores , pôde excitá-los a hum justo odio contra o infractor da Lei , a hum amor filial da obrigaçao , e a hum devido temor das penas.

Ora isto naõ he facil acontecer , sen-
do o delinquente reduzido á sorte de hum
animal de serviço : aqui a idéa de delicto
já naõ he mais ; porque o habito da pe-
na remittido do cuidado necessario do tra-
balho , alliviado do gozo de huma vida ,
pre-

preciosa sempre , a pezar de qualquer inconmodo , e certo de huma subsistencia sufficiente , e duravel , he capaz tudo de impedir a mais leve reflexaõ dolorosa sobre o motivo do soffrimento ; e para os Expectadores esta pena naõ he bastante a impedir a determinaõ de hum habito vicioso ; quando pela experientia naõ tem muitas vezes esta virtude a chamada *crueldade da pena de morte*. Pela outra parte ; se o numero dos malfeiteores de hum Estado igualasse ainda á oitava parte dos individuos da Naçaõ , poderia talvez sentir penuria naquelle falta de suppostos ; mas a populaõ nunca pôde decrescer na razão directa da morte de hum , ou outro malfeitor : se de hum , ainda mediano , rio se tirar por vezes hum almude de agoa , he impossivel sentir-se diminuição no diâmetro do canal : pôde ser , que em *Argel* mesmo , que he huma Regencia tudo de Ladroens , e de Piratas , se naõ percebesse aquelta falta . Por tanto parece-me muito boa para a Cadeira a opiniao do grande *Beccbaria*.

Se a boa fé naõ soffre , que se pague duas vezes huma mesma dívida , menos poderá sofrer , ao que parece , huma boa justiça , que se inflija a pena de morte a hum miseravel Réo , que a mereceo pelo seu delicto , depois de estar dez annos ; e ás vezes mais , preso n'huma enxovia , cheio de fomes , de sêdes , de miserias , de enfermidades , de podridaõ , e de bichos. O que o homem tem de mais precioso a perder he a liberdade , ou a vida ; mas tudo junto . . . e podendo . . .

MULHER.

I.

HUma mulher prudente , e de chumbo he hum fenómeno raro , que apparece poucas vezes ; e quando apparece , faz estronç

estrondo : no commun ordinariamente só se divisa memoria , e vontade.

2.

Tem havido , e ainda ha Heroínas. As mulheres tem menos dificuldade a serem sabias , do que a pensar maduramente no seu sexo.

3.

O amor de huma grande parte das mulheres he hum bem temperado disfarce de sua ambição : amaõ , naõ de ordinario pelas qualidades , que encontraõ ; mas pelo fructo , que esperaõ merecer pelos seus excessos.

4.

As mulheres he isto , a que se poz o nome de *sexo devoto* ; e a Igreja mesmo assim lhe chama : a experienca tem mostrado que se podia tambem chamar com bem propriedade o *sexo curioso* : ninguem

O

igua-

iguala a huma mulher commumente em
vêr , em escutar , e em fallar.

5.

Achando Deos no princípio , que naõ
era bom que o homem estivesse só , deo-
lhe a companhia de huma mulher , simi-
lhante a elle , para o ajudar. Deus naõ se
enganou para os seus fins ; mas corrêraõ
os tempos . . . e hoje nada seria melhor
para o homem , do que estar só.

6.

Se nesta Providencia pudesse vir os
homens , como de *Adão* veio a primeira
mulher , naõ haveria para que fosse ne-
cessaria huma mulher. *Se o Mundo fosse*
sem mulheres , a nossa conversaõ naõ
seria sem os Deuses : diz *Cataõ de Utica.*

7.

Se ha vontade , que mereça mais propriamente o nome de potencia céga , he a de huma mulher : como alli naõ ha de ordinario hum Tribunal de razaõ , a que subaõ os seus objectos para se confrontarem com o decoro , como he justo ; o querer he a sua Lei , e a paixaõ he o Advogado , que ora a favor do appetite.

8.

O espirito do commun das mulheres está na lingua. Gaba-se a huma mulher de espirituosa , se ella desenrola a tempo hum catalogo de vozes agudas ; ou se tece bem huma intriga : custa muitas vezes achar quem gabe huma mulher de racionavel.

9.

O capricho de huma mulher está precisamente em executar , o que imaginou :

huma fantasia aerea , e chimerica he a regra de escolher , e huma leveza precipitada he o caracter das eleigoens ; por isso sao pessimas de ordinario.

IO.

A falta de lances circumstanciados ; e de conjuncturas extravagantes he o que tem feito passar por prudentes a muitas mulheres ; que o naõ seriaõ , se se apromptassem as occasioens.

II.

A falta de razaõ no commum das mulheres tem feito introduzir o costume de se lhes imputar a *movimentos primeiros* todos os seus descartes : de sorte que se alguns ha , que parecem racionaes , foi por acaso ; todos os outros vaõ para o Kalendario das acçoes indeliberadas , e passaõ por mechanicas.



NECESSIDADE.

I.

DA necessidade desde o berço sahe ás vezes hum homem, que começa a sua geraçāo, e he o primeiro dos seus: quando outros, que olhaõ muito para huma longa ascendencia, talvez que já deixassem atraz de si o fim da sua geraçāo, e o ultimo dos seus.

2.

Nem sempre a fugida do seculo he sinal de huma vocaçāo legitima: poupaõ-se alli de ordinario muitas fadigas; que seriaõ talvez inuteis para occorrer á decencia, que a vaidade faz indispensavel da condiçāo.

3:

3.

Naõ he a extensaõ de espirito , quem nos faz levar de bom animo a hum contratempo de fortuna sempre adversa , e inconstante he para encobrir a vergonha de lhe termos errado os caminhos , que levamos á força de hum estudo violento , o persuadir , que a naõ tinhãmos tentado.

4.

A necessidade faz a muita gente virtuosa : a falta de dinheiro faz prudentes ; a falta de saude faz desenganados ; a falta de cuidados faz devotos ; a falta de forças faz humildes ; a falta de protecção faz Christãos : saõ poucos , os que saõ , o que parecem , por amor á virtude.

5.

Naõ ha necessidade fundada , que obrigue a commetter desordens impunemente :

CO-

cobre-se della muitas vezes a malicia , ou o genio para achar disfarce em suas obras. A necessidade verdadeira he aquella que naõ está em nossas maõs evitar : toda a outra he fantastica , e voluntaria.

NEGLIGENCIA.

1.

A Negligencia em cumprir os deveres ; indispensaveis do nosso officio , he huma demonstraçao do furto , que fizemos do lugar , que estamos occupando.

2.

Somos negligentes muitas vezes em cou-sas da propria commodidade ; naõ pela virtude do desapêgo , mas para aggravar menos o nosso desmazêlo sobre cou-sas sub-stanciaes para com o Público ; a quem de-vemos responder.

3.

3.

Naõ he por negligencia muitas vezes, que deixamos de ser o que podiamos ser : hum trabalhado semblante de satisfaçao propria advoga a favor de hum occulto , mas irracional appetite , em que ardemos de ser , o que naõ devemos ser.

NOBREZA.

I.

A Nobreza vulgar naõ he só hum titulo para pôr acima do resto dos homens ; he ás vezes hum direito , mas vazio para disfarçar os horrores da triste condiçao do homein.

2.

Em alguns Estados olha-se para a Nobreza , que vem pelos direitos da herança ,

ça ; e naõ assenta em merecimento pessoal , como para a luz da Lua , que he emprestada da do Sol. Nas Monarchias he outra a opiniao ; e tem fundamento.

3.

Para naõ parecer huma cousa de realidade certa Nobreza , que faz gastar a tantas gentes os maiores sacrificios para se comprar ; basta ser o capricho , quem dirige a opiniao sobre os seus motivos : desfructa-se ás vezes aquelle titulo , que faria horror , se apparecesse o prego , porque se ganhou.

4.

Fraca Nobreza , a que he feita pelo entusiasmo dos homens ; e o mesmo entusiasmo a pôde reduzir ao nada do ultimo dos homens.

5.

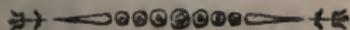
Hum Fidalgo admirando por muitas vezes ein certo Religioso as mais bellas acçoens, e costumes, perguntou-lhe de quem era Filho? Respondeo-lhe o Padre, que de S. Agostinho: tornou o Fidalgo; naõ inquirio por esse Pai, pois o conheço no vosso Habito: disse o Religioso; tudo o que sou, devo a mim na Casa desse Pai; o que algum dia tive, apenas me deo o ser physico; e como este até os animaes de quatro pés o daõ a seus filhos, o homem moral foi de todo o meu trabalho no Claustro de Agostinho. O Fidalgo era na verdade homem de bem; mas por falta de experientia estava na leve conjectura, de que fóra da ordem da Nobreza, ou era huma cousa nunca vista, ou era hum privilegio muito especial, e sem exemplo, o ser racional.

6.

A verdadeira Nobreza reconhece pelo bom sentido , e pela reflexaõ a hum Pai das Luzes de donde vem todo o dom Celestial : reconhece a Eternidade , como a só verdadeira , e unica sancçao das Leis naturaes : reconhece ao Soberano Temporal , como a hum homem , que foi mais affortunado para ter o Lugar de Deos ; mas que ha de responder pelo povo : reconhece aos iguaes , como a sujeitos , que recebêraõ da Providencia mais avultados talentos , que o commun dos homens : reconhece aos desgraçados , como a luns pobres restos da humanidade , a quem toca hum dedo invisivel , ou para expiar fraquezas , ou para apurar virtudes , ou para rebater do juizo : e reconhece finalmente aos pequenos , como a irmãos , e similhantes , que apparecêraõ feitos ; nem tiveraõ antes de nascer a liberdade de escolher a cónđicaõ. Ainda ha mais outra Nobreza ; mas ella he sem dúvida o desor-

de-

denado sonho de hum febricitante em delirio. Nesta , o *Ser Supremo* , ou não he ; ou he hum Ente ocioso , que nada entende , do que passa na ordem das cousas : o *Futuro* he huma historia de tempos fabulosos : o *Soberano* he hum erro da ignorancia tumultuaria dos povos : o *Grande* he hum aborto da intriga , da fortuna , e das paixoens : o *baixo povo* he huma vil escória do Estado Social : e os *pequenos* saõ essas imperceptiveis arestas de *Epicuro* , que escapaõ até ao mais delicado microscopio. Esta Nobreza assimilha-se muito áquella , de que se cobrem os guarda-soes ; que pouca avaria basta para lhe fazer perder a côr , e deixar vêr a armaçaõ pelos buracos.



OBEDIENCIA.

I.

OS que menos souberaõ obedecer, saõ os mais famintos de mandar.

2.

A obediencia he hum racionavel obsequio da vontade, e devido a hum Superior legitimo, ou naõ reclamado livremente: o Superior intruso de certa sciencia para hum todo, e naõ reclamado por via de força, naõ tem direito á obediencia dos subalternos; nem estes saõ obrigados a ella.

3.

A obediencia, que está posta nos intervallos da reflexão dos homens, he quem lhes reprime a ferocidade primitiva. He pro-

providencia ! Não haveria paz entre os homens , se não houvesse esta racionavel obediencia.

4.

A obediencia céga faz autómatos ambulantes. Nos Imperios Despoticos , ou he verdadeira , ou affectada a ignorancia das Leis da Natureza , do Direito Social , e da Historia da Constituição dos Corpos Politicos : as gentes , que depois da dispersão da *Babylonia* , se unirão em Sociedades , não foi sem convenções domesticas , que o fizerao.

5.

A obediencia céga não he reprovada sómente no tyranno Imperio da Monarquia dos *Solypsos*. Se o Poder legitimo he hum Deposito em massa das forças particulares de cada Membro do Corpo Social ; ninguem podia ter a intenção de obedecer cegamente a irrationalidades , e despótismos , depois de ceder livremente a

hu-

huma boa parte de suas Faculdades , e Direitos para fugir á tyrannia , á sem razão , e á força.

OPINIÃO.

I.

Aplaudimos as obras dos outros , naõ tanto por interessarmos na extensaõ de seus nomes , como para inculcar , que temos voto na materia.

2.

A vingança , que tiramos de huma injuria , naõ he precisamente pela chaga profunda , que se abrio em nosso amor proprio , como he a regra de satisfazer á opinião , em que estamos de honrados , e de sensiveis.

3.

3.

A opiniaõ he o grande Mestre ; que preside á educaõ das gentes , que tem de figurar no Corpo da Sociedade. O caracter ordinario das accõens do homem avaliado méde-se menos pelo pezo real da balança da razão , do que pela força do erro commum , que lhe despertou a vaidade logo no berço. Virtude prodigiosa , a que naõ he capaz de resistir hum Sabio vulgar !

4.

Os Systemas políticos tem o seu fundo na opiniaõ. Menos ordinariamente huma lenta madureza , do que o entusiasmo , a necessidade , a perturbaõ , e o fanatismo , foi quem deo o tom ás fórmas dos primeiros Imperios. Se a opiniaõ he o parto de cabeças esquentadas , como alguns ajuizaõ , naõ será tambem huma lenta madurezà , quem os dissolva. Nada he constante no Mundo ; e muito menos no cerebro do homem.

5.

He cousa maravilhosa a opiniao, que a ninguem faz pequeno. Duvido eu, se Zaqueu se persuadiria ser tão pequeno, como o faz S. Ambrosio no *Lib. 8. Sup. Luc.* O miseravel, que chegou a possuir-se da opiniao, he bem como este louco de *Veneza*, a quem pertenciao todos os Navios, que entravao no Porto.

ORACULO.

I.

A Dependencia, o interesse, e a lisonja fazem de hum bruto hum Oraculo; ouve-se, e attende-se, como a hum Eco da razaõ: o maior desproposito he sistema; huma parvoice he opiniao; huma mentira tem authoridade; com o silencio fallaõ os talentos; e com o gesto a experientia; o

P

ge-

gesto , mesmo descomposto , he a madureza mais profunda , e natural.

2.

Ha muitos destes Oraculos de nova especie. Hum pequeno retrocesso dessa roda feliz , que os tinha posto no alto para de lá impôrem a mudos , ou de ignorancia , ou de temor , basta para affugentar aquelle espirito máo , que os atormentava de instigaçõens , e ficarem estatuas. Outro genero de Rouxinoes , que só se ouvem cantar na Primavera.



PAIXOENS.

I.

AS paixoens saõ este grande Código de Leis, por onde se governaõ quasi todos os homens. Todo o caracter das cousas, que fazem alguma especie, he o de huma verdade artificial, e trabalhada á unha das paixoens; de sorte que tudo ha de ser, ou naõ ser, o que ellas imaginarem, e naõ o que as cousas saõ na verdade, ou naõ saõ.

2.

He da razaõ do homem á vista das paixoens, como da luz de huma vela; posta á luz do Sol: o Sol naõ deixa brilhar a luz da vela; as paixoens naõ deixaõ obrar a razaõ do homem.

3.

A paixaõ de hum bom Valedor vale mais , do que huma folha corrida em jui-
zo para habilitar a hum Affiliado depen-
dente : he a authoridade de hum só ho-
mem , que prevalece a todo o depoimen-
to de quantas testemunhas pódem votar
n'huma inquirição Judicial.

4.

A paixaõ sem hum motivo real de ju-
stiça , e de verdade , he a distinctissima
nota de hum homem ignorante , e corrom-
pido.

5.

Somos taõ cégos com as nossas cousas ;
que por mais defeitos , que ellas tenhaõ ,
nunca lhos divisamos : a nossa paixaõ he
bem como hum denso véo , que ellas tra-
zem sobre si , que naõ as podêmos atra-
vessar com a vista ; de sorte que preci-

samente haõ de ser boas , porque saõ nossas , e naõ nossas porque saõ boas.

6.

Pela força das paixõens chega o homém a ser desgraçadamente o que naõ he :
sendo racional , porque tem huma razaõ para se dirigir , torna-se irracional , porque deixa tolher pelas paixõens o uso da razaõ.

7.

He de hum homem cégo das paixõens , bem como do máo *Picador* : este podendo a tempo fazer temidos de hum pôtro o freyo , o cabeçaõ , a espora , e o chicote , naõ cuidou mais , que em vigiar , que elle engordasse ; se vai ao depois a cavalgá-lo , naõ he a primeira vez , que o *Picador* vem a ser o pôtro , e o pôtro o *Picador*.

8.

8.

O vulgar, que não conhece que o caracter de huma alma verdadeiramente grande está em levar de hum mesmo ar inalteravel a boa, e a má fortuna, logo que vê, que hum homem elevado cahio desde o mais alto ponto até á poeira, e não vai de repente curar-se ao Hospital dos doudos, ou conduzir-se á cova de paixão, sóbe á cadeira, canoniza-o de obstinado, e lavra-lhe hum Decreto de réprobo.

9.

As chamadas vulgarmente *paixõens d'alma* em hum sujeito, que tinha ganhado a opinião de sabio, são a triste ocupação de hum juizo, mal educado nos principios de discorrer a proposito, e com fructo.

10.

IO.

As paixoens d'alma pelos revezes da fortuna saõ a prova de huma falta notabilissima de Religiao. Quem se naõ convence do nada das cousas caducas pela sua instabilidade , falha de hum Christianismo , que só conhece por bens permanentes os da futura Eternidade : os mais tudo saõ nadas.

II.

Quem se gabar de naõ ter paixoens ; he necessario , que seja de outra massa , que naõ foi S. Paulo , para naõ ter huma carne , que peleja contra o espirito ; e hum espirito , que peleja contra a carne ; ou que seja taõ senhor dellas , que a pezar dos insultos de Satanaz , esteja como elle , taõ seguro de receber a coroa de Justiça. Huma grande parte destes bemaventurados da terra , que vêmos fóra dos laços communs das paixoens , ou naõ devem esperar huma coroa , que naõ vem

se-

senão depois de huma contenda legitima ; ou querem parecer o que affectaõ , porque naõ escandalisaõ , á força de naõ poucas violencias : e aqui está toda a sua virtude.

12.

As paixõens bem entendidas saõ tão necessarias ao homem para exercitar a sua virtude , e acreditar a graça , como he necessaria a guerra para conhecer o valor do Soldado , e dar forças ao amor da gloria , aos sentimentos da honra , e aos desjos do premio.

PERDAO.

I.

A Piedade em perdoar as infracçõens da Lei indescriminadamente , ou de sistema , sobre tudo nos Paizes , em que a pena de morte he por huma aturada ex-

pe-

periencia de pouco exemplo para os malfeidores , ao que parece , naõ he bem fundada ; depois de saber-se a razaõ , porque os homens quizeraõ viver em communidade com hum , ou mais Reitores na sua cabeça : a verdadeira piedade está em as executar á letra , e promptamente ; e salvar ao todo do contagio das partes : corre perigo de apodrecer , se naõ se corta logo o membro gangrenado ; e naõ castigar aos que erraõ , naõ he obra de Misericordia.

2.

Esta grandeza de animo em perdoar as injurias pelo Decreto do Evangelho em hum Pai de familias seria depois de huma criminosa indulgencia , nada menos que huma como certa approvaçaõ tacita da mal-dade.

3.

Perdoamos mais facilmente o mal , que nos fez o nosso inimigo , do que o que recebemos de hum amigo : o daquelle he-
me-

menos attendivel , e mais previsto , havia de vingar-se podendo : o deste traz o contrapezo muitas vezes da ingratidaõ , e da aleivosia á sombra de hum tom de boa paz.

4.

Somos algumas vezes indecisos em perdoar o mal , que nos fizerão , porque balançamos na incerteza , se seremos mais bem avaliados para com as gentes de piedade , perdoando ; ou para com os vingativos , tirando vingança ? Quereríamos satisfazer a huns , e outros.

5.

O perdaõ das injurias não he mais hum Mandamento expresso do Legislador dos Christãos , e confirmado pelo seu exemplo , do que hum preceito das Leis naturaes , impresso no coração do homem , ainda antes , se he possivel , das Sociedades Politicas. Se huma vez por convenção , ao menos tacita , commettemos á authorida-

da-

dade da força pública a nossa defesa particular, naõ nos fica mais o direito da vingança. O espirito de corpo pede que lastimemos o crime do nosso inimigo, porque somos tambem de barro; e que deixemos aos depositarios de nossa liberdade o conter na ordem aos injustos invasores. A vingança de hum particular em tal caso he hum furto commettido contra a Pública Administração; cuja Authoridade naõ pôde ser destratada por hum só individuo do Corpo Politico.

P R E G U I Ç A.

I.

NAõ he sempre a falta de meios, que nos impede de irmos, como vaõ as rezas huma apôs outra; he pela maior parte a preguiça, quem nos faz subscreyer aos erros populares.

2.

2.

A preguiça paga as suas homenagens á ignorancia , e ao vicio do temperamento , que huma razaõ bem instituida pôde vencer. A falta de credito perante as pessoas ; que pôdem valer , mas que nos conhecem a fundo , faz que se nos repute á preguiça o naõ cuidar no adiantamento de hum nome , que principiava a correr por entre gentes de pouco pezo.

3.

Sendo-nos dado o espirito para reger o nosso corpo em ordem aos fins moraes ; he cousa célebre , que a preguiça sendo huma fraqueza de espirito pela inacção dos membros , e laxidaõ das fibras , domíne quasi sempre em nós para nunca estarmos despertos aos toques da razaõ , e das Leis ; e só apparelhados para acudir promptamente ás impressoens externas , quando ferem com doçura as paixõens puramente animaes.

4.

4.

Nada produz consequencias mais perniciosas em hum estado, do que a preguiça: ella he quem abre os caminhos ás almas sceleradas. Com efeito, se ha hum Código criminal para applicar as penas aos delictos, parece que está pedindo huma força coactiva para impedir a raiz do mal; e prender os homens á pena de se proverem nas primeiras necessidades; e ainda mesmo nas de opinião.

POBREZA.

I.

A Pobreza de nascimento naõ he hum crime pessoal: pôde ser a justa pena desta desenfreada avareza, que faz prêgar o coraçao no thescuro; mas ninguem he culpado de inhabil para adquirir, ou desper-

sperdiçar nos primeiros annos , em que a cobiça naõ faz impressão , nem o ser pobre envergonha.

2.

Naõ sei qual será mais difficultoso , ser pobre no meio da abundancia , ou no meio da indigencia ? No primeiro caso he huma raridade conter a maõ á força do appetite : no segundo custará a resistir á desesperação . De qual das necessidades se pôde fazer virtude ? He Problema : naõ saõ poucos , os que quereriaõ ser pobres , com tanto que nunca passasse por elles a miseria .

3.

O homem , que chegou a cahir em pobreza , na estimação de alguns juizos decahio inteiramente de todas as suas boas qualidades : prova , que as que dantes tinha , eraõ para aquelles obra sómente da dependencia , e da lisonja : mas quando elles saõ reaes , e verdadeiras , naõ alte-
ra-

raõ pela alteraçao dos accidentes para os
avaliadores racionaes.

4.

Hum homem , que depois de pobre
melhorou de fortuna , he bem como hum
Navio , que vindo carregado de generos
dos Paizes apestados do *Levante* , mostrou
a Carta de saûde , descarregou os gene-
ros , e communicou com a Praça.

5.

Sendo a pobreza hum revez da fortu-
na , ou para melhor dizer , hum erro de
medicaõ de linhas , naõ ha cousa , que
mais mal se repute , havendo tantos exem-
plos do engano do juizo dos homiens : mas
ha quem estima em mais ser chamado *lou-
co* , do que *pobre* ; vale menos para al-
guns ser pobre de juizo , do que de di-
nheiro.

6.

6.

Ainda a mesma pobreza de Profissão
he de ordinario pouco avaliada : os que a
fizeraõ , reputaõ-se gentes , que assim achá-
raõ o meio de remediar a miseria da pri-
meira sorte.

7.

Nem todos os que deixáraõ a abun-
dancia para seguirem a pobreza Evange-
lica , o fizeraõ pelo espirito de hum ver-
dadeiro desapêgo : huma inabilidade de
natureza , ou de desmazêlo para promo-
ver os interesses da vida civil , faz repu-
tar melhor esta condiçāo , em que huma
providencia tal , ou qual , não deixa ao me-
nos sem o estreito necessario , com a só
pensaõ de sofrer a diferença do vestido.

POLICIA.

1.

HUm Estado sem Policia he bem como hum homem desmanchado do cérebro : neste he necessario , que todos os movimentos sejaõ sem principios de razão ; e acolá que tudo seja desordem , aonde faltaõ as regras de dirigir tudo a hum centro commum de felicidade.

2.

Em alguns Estados o ártigo dos pobres , e dos Ladroens occupa hum dos principaes cuidados da Policia : empregase aos ociosos , que por isso vêm membros inuteis da Nação , aonde he necessario , que todos trabalhem. Não parece ali justo , que se extravie para gentes , qua-

Q

tem

tem perdido a vergonha pelas portas ; este sangue dos invalidos , e estropeados : e por outra parte evita-se , que se arrependaõ os homens dos sacrificios , que huma vez fizeraõ , para estarem taõ seguros , como os que estaõ expostos ás incursões , e latrocínios dos *Persas* , vivendo na sociedade como ainda nas silvas.

3.

Assentado de verdade irrefragável ; que a independencia he o primeiro attributo da Soberania ; o grande cuidado de huma boa Policia , até mesmo para satisfazer áquelle titulo inalienavel , está pedindo de boca , ao que parece , que seja de impedir , que haja de fóra maõ bemfeitora , de quem se dependa para os generos da primeira necessidade , que a preguiça , o desmazêlo , e a ambição tem reduzido a mendigar de outros Estados. Naõ se faz bem sem muito interesse ; e o titulo de huma protecção aberta , e prompta , he muitas vezes hum pretexto para se esgotar

tar a huma Naçāo , que ultimamente ha de tocar ao ponto de sua decadencia , logo que naō tenha , que se lhe extrahie desta substancia , a quem a natureza naō concedeo semente ; e por tanto acabará tambem essa alliançada protecçāo.

4.

Huma boa Policia promove a Agricultura , aníma as Fabricas , e protege a Pescaria , que sao os tres grandes ramos , que daõ vida ao Estado. Quando a pezar de boas tentativas viesse a faltar inteiramente o peixe , podia por huma Authoridade legitima dispensar-se em huma Tradiçāo , que se faz subir até aos Apostolos ; que naō obstante a rigorosa prática de seu *Mestre* , forao inmandados comer de quanto lhes offerecessem pelas casas sem especificaçāo de comestiveis. Assentado entaõ de verdade , que naō ha de Direito Divino o uso do peixe para os dias de absti- nencia , era-se neste caso , como os convalescentes habituaes , que pódem jejuar

Q 2

co-

comendo carne ; e o jejum , que principialmente consiste na mortificaçāo da carne animal , tanto pôde mortificar , comendo-se pouco de carne , como naõ mortificar comendo-se muito de peixe. Porém a Politica pôde ter razoens , que me excedem. Quanto aos primeiros dous ramos , o meu amor Patriotico vai tendo nada mais a desejar.

5.

A Marinha foi sempre ; desde que hahum Commercio bem entendido , hum dos pontos capitaes da Policia. Depois de proteger os ramos da Negociaçāo , e assegurar este equilibrio , em que tanto se fala , emprega muita gente para o risco , entretem manubreiros das Náos , occupa Oficiaes no massame , cria Marinheiros , adianta a *Tropa* de terra , estimula a *Offcialidade* do Mar ; e até nem dá lugar a que vaõ alistar-se nas Marinhas Estrangeiras os Nacionaes , que naõ tem horror ao trabalho , e conservaõ ainda algum amor

a Patria. He hum dos melhores estabeleçimentos.

6.

A populaçao he hum dos maiores bens de hum Estado. Parecia indispensavel de huma boa Policia atalhar esta imprudente mania de muitos Chefes de familias ; que vendo-se rodeados de filhos , que seriaõ outros tantos ramos daquelle troncos , lá vaõ sepultá-los a Corporações incompatíveis com a maior parte dos deveres politicos , sem espirito , sem vocaçao , sem genio , e sem idade capaz de pezar , o que se deixa , e o pezo , que se toma ; e tudo a fim sómente de ensopar em hum , ou outro todo o grosso de suas casas. Diminuem-se as geraçoes , interrompem-se os Officios , fechaõ-se as portas aos meios , por onde se engrossáraõ os cabedaes , e soffre o estado da penuria de seus individuos , e detimento das Artes : o mais he as funestas consequencias do necessario arrependimento de huma condiçao , para onde se entrou á força , muitas vezes , de

per-

persuasoens importunas , de violencias , de ameagas , e de castigos. Nada he mais perigoso para Deos , e para os homens ! Para as Convençoens civis he necessario , que os Pactuantes sejaõ reconhecidos Maiores de Lei , e para hum contracto com Deos , e perpetuo . . . perpetuo . . . quando se naõ obtém hum supplemento de idade ; como se huma Dispensa tivesse a virtude de anticipar a razaõ , e o juizo aos annos. Isto em mim naõ passa os desejos de hum bom Cidadaõ ; mas a Policia saõ be melhor o que faz , do que eu , o que appetecço.

POLITICA.

I.

A Verdadeira Politica he a difficultissima arte de governar os homens : ou o melhor modo de os trazer ao possivel *maximum* da felicidade.

2.

A Politica vulgar do seculo ; que no seu fundo nada mais he que huma rafinaç da velhacaria , obriga muitas vezes a sacrificiar até a propria honra por hum interesse ás vezes bem ridiculo.

3.

Passa pelo maior Politico na opiniao de certos gostos , o que chegou a possuir em grão soberano a admiravel arte de se disfarçar , e de enganar.

4.

O Politico mais gabado he de ordinario hum homem sem nome : o homem de probidade tem huma só lingua , e huma só cara.

5.

Hum bom Politico seria aquelle , que tratasse tudo , e a todos com verdade ;
mas

mas entaõ naõ podia fazer fortuna : daqui vem ser impossivel , que hum bom Christaõ seja bom Politico ao gosto do seculo ; ou que este seja bom Christaõ.

6.

Hum destes Politicos compromette as Leis naturaes , a consciencia , e a mesma Religiao , quando assim o pedem as conjuncturas ; ou para melhor dizer , he necessario que nem tenha Lei , nem consciencia , nem Religiao para evitar escrupulos , e remorsos. Os maiores modélos desta casta de animaes forao na prática hum *Catilina* da antiga *Roma* , e na theo-retica hum *Machiavel* de *Florença* nas infames ligoens do seu *Principe*.

PREMIO.

I.

O Homem de hum merecimento reconhecido , e que sabe pensar , está mais do que pago , quando vê lastimar-se geralmente de correrem os premios pelas mãos de quem não sabe , ou não pode , ou não quer.

2

Nem sempre vai o premio por força de justiça a retribuir o merecimento : he muitas vezes hum meio delicado para tirar a hum sujeito , que faz sombra , de diante dos olhos dos que por huma fortuna irregular chegáraõ a ser os canaes , por onde correm as graças. Premea-se ás vezes para sepultar os nomes dos homens.

3

3.

Hum premio estipulado ; depois de merecido , he huma divida de rigorosa justiça : negá-lo , he huma acção vergonhosa , e ridicula ; que vai a despertar aos que pódem ser uteis com seus merecimentos , para que naõ entrem em negociações importantes com espiritos acanhados , almas infieis , miseraveis , e avarentas.

4.

Deixamos algumas vezes de acceitar com instancia o premio , que foi acaso julgado digno de nossas obras , naõ pelo espirito de desinteresse ; porém , como o que fazemos , na balança de nossa razão tal , ou qual , leva sempre o contrapezo do nosso amor proprio , vem assim a tirar-se toda a proporção entre o nosso merecimento , e o premio actual.

5.

5.

Hum premio retribuido a tempo fielmente, he o aguilhão mais forte para obrigar a tirar forças da fraqueza: he elle, o que tem excitado o amor de adiantar em conhecimentos; e que tem originado o progresso das Artes, e das Sciencias. O mesmo S. Rei David guardava as Justificações do Senhor tambem por amor da retribuição.

6.

Nada he mais capaz de fazer insopportavel o jugo da fidelidade á Patria, e de desanimar aos ultimos riscos pela sua defesa, do que a prática de alguns Pais; aonde o premio por huma acção Militar, que sahio vantajosa, muitas vezes por acaso, he sómente attribuido ao General, que mandou, mas ficou na sua Tenda traçando linhas; e o pobre Soldado, que obedeceo, que partio, que se

ex,

expoz ; e que morreo , ou ganhou o Cam-
po , sempre Soldado , sempre miseravel ,
sempre exposto , e sempre sem louvor , e
sem premio. Louva-se a quem manda , e
naõ a quem obedece ! taõ obrigado he o
General a mandar bem , como he o Sol-
dado a obedecer prompto. Saõ iguaes os
deveres relativos ; porque o naõ seraõ tam-
bem os premios relativos ? Se naõ houver
quem obedeça , a quem se ha de mandar ;
por mais bem que se mande ?

P R E S U M P Ç A Õ.

I.

A Presumpçaõ he as mais das vezes hu-
ma filha primogenita da soberba. Naõ ha-
veria cousa mais ridicula , do que vêr a
hum homem apparecer em hum grande fe-
stim , fazendo alarde de hum brilhante ve-
stido , que naõ era seu.

2.

2.

A presumpção de passar por conhecedores das cousas a fundo , faz que naõ retractemos as parvoices , que tinhamos sustentado.

3.

A elevaçao de hum Mausoléo acima da terra naõ he tanto pelo desejo de estimular-nos de hum exemplar de Heroismo , e de virtudes , como he a louca presumpção de fazer escapar a hum Defunto illustre do poder dos bichos : como se o imperio da podridão naõ subisse acima do pavimento , que pisamos.

4.

A presumpção de humas primeiras luges , e conhecimentos he só de espiritos pequenos. Naõ sendo capazes de tocar com o dedo no ponto , a que pôde chegar a humana capacidade , logo que forão , por aca-

acaso ; felizes em algum pequeno trabalho , naõ ha mais descobertas que fazer : quem os naõ iguala em fadigas , ignora : quem trabalha outro tanto , naõ adianta mais ; e quem avança em estudos , perde o tempo. Como a todos medem pela sua errada vara , vem até por fim a ignorar que ignoraõ.

PROVIDENCIA.

I.

HE necessario ser muito falto de sisõ quem houver de persuadir-se , que foi hum puro acaso , e naõ huma Providencia singular , quem deo o primeiro ser a todas estas cousas , que passaõ aos nossos olhos ; e as está dirigindo , e governando. Se ha quem sustenta huma tão ridicula novidade , deve suppôr-se , que he sómente do acaso , que espera a sua verdadeira felicidade ; e que tambem só por acaso he , que

sabio racional , e de dous pés. He infinito o número dos loucos !

2.

Esta diferença de faculdades ; e de talentos , em que assenta a alternativa de condiçoes , e de fortunas , foi hum admiravel invento da Providencia para conter aos homens nos deveres reciprocos da harmonia civil. .

3.

Huma Linguagem não vulgar chama *providencia* ao inteiro esquecimento da morte ; como se o tráfego do Mundo não fosse hum prazo vitalicio. O que parece providencia , he que de entre tantas almas pequenas , que se occupaõ sómente do que existe pela imaginaçao , ainda ha algum que pensa seriamente sobre as consequencias de huma morte , que se tem de ordinario por huma especie de costume introduzido.

PRU-

PRUDENCIA.

I.

O Que devia desenganar a huma boa parte dos homens das tentativas inuteis, de que se gastaõ para naõ parecerem similhantes aos outros homens, he a reflexaõ, de que esses mesmos, de quem se depende, foraõ o que parecem naõ poucas vezes por hum desmancho da fortuna.

2.

Todos fallaõ da Prudencia, como de huma virtude indispensavel para o bom governo; e dizem bem: saõ poucos com tudo os que alçaõ a Vara de mandar, que naõ achem pretextos especiosos para correr os maiores desatinos

3.

Nada se appetece com menos prudencia, do que os Lugares públicos: se hoje começamos a occupá-los, hontem foi aquelle ultimo dia feliz de nossa independencia: de hoje em diante, entramos sem dispensação a responder á pública censura.



R

RE



RECEIO.

1.

O Voto , que damos á maior parte das cousas , que tem merecimento pela opiniao , vem menos ás vezes da falta de luzes para lhes conhecermos a ridicularia , do que do receio de passarmos por faltos de gosto.

2.

Somos muitas vezes acanhados em mostrar os nossos talentos , mas he de receio , que subaõ ao Tribunal do Juizo público as nossas producçoens.

3.

Deixamos muitas vezes de fazer o mal ; que pedia o nosso genio , porque a espadada do nosso Aggressor he mais comprida , que a nossa.

4.

4.

Naõ he de ordinario a delicadeza do nosso juizo , quem nos faz dar costas ao Mundo , por lhe entrevêr a malicia ao travez das suas felicidades : he o receio de naõ tirar o pé de hum vergonhoso lodo por indignos de merecer os favores da Fortuna.

5.

Nós dariamos de boamente as maõs ao nosso inimigo , se naõ fosse o receio de abaixar deste fantastico ponto de opiniao ; que o gosto do Seculo tem annexado a hum nascimento illustre , ou a hum lugar elevado.

6.

Se ha Sociedade , aonde a applicaçao das penas da Lei respeita por systema , e naõ pura graça a alguma ordem particular de Cidadãos , tem medo pannico de naõ poder subsistir sem a força de hum

R 2

bra-

braço intermediario, que importará n'hum pequeno quarto da Naçao.

RECOLHIMENTO.

1.

O Recolhimento em algumas pessoas do Sexo naõ he tanto muitas vezes pela cautela de fugir ás occasioens do precipicio; ou he falta de meios para apparecerem segundo a sua opiniao; ou he pela vergonha de serem notadas de algum defeito consideravel; que ao depois se naõ especifica por entre huma grande apertada, e menos ainda por debaixo de hum véo pretò.

2.

Custa a persuadir, que o recolhimento naõ seja algumas vezes o effeito da vaidade em bastantes pessoas; que sendo aliás edificantes, levaõ com modo os elogios da

da sua virtude. O amor do bom nome em hum genio caprichoso vale mais, que as maiores commodidades.

3.

Se o mesmo Claustro naõ fosse huma
especie de Mundo abbreviado , poderia
dizer-se talvez , que o recolhimento , que
vai nelle a procurar-se , seria cõmo a frá-
queza de hum Capitão , que devendo ex-
pôr-se pela Patria , ficasse em sua casa nò
tempo da Campanha , mas ao depois pre-
sumisse ter direito ás honras , dos que fo-
raõ arriscar-se. Porém no Claustro a guer-
ra está sempre aberta ; e he sempre mais
arriscada , que a que se faz á inimigos
estrangeiros.

RELIGIAO.

1.

NA Religiao do Filho de Deos ha hum Mysterio adoravel da Trindade Santissima, Padre, Filho, Espirito Santo, tres Pessoas distinctas, mas hum só Deos verdadeiro. Na Irreligiao de certos impios illustres do nosso seculo ha tambem hum mysterio de huma trindade celebre *Ro...: Vo... e Al...* Naõ saõ Pai, Filho, e Espirito Santo, he verdade; mas saõ tres pessoas distinctas, e nem hum só Deos verdadeiro. Lembro-me, que se aqui, ha annos, apparecessem em *Portugal* estas divindades de materia, he muito provavel, que por decencia se lhes mandasse dar ao menos o mesmo culto, que se deo em *Coimbra* á trindade de *Basto*.

2.

Hum *Philosopho Cynico*, o grande *Vo...* que por milagre escapou de ser o maior homem do seculo desoito, em huma de suas cartas a *F...* insta-o a que empregue todas as suas forças para se exterminar de huma vez o *Verbo* do ser Supremo; e com razaõ: 1.º porque aquelle grande *Oraculo*, naõ tendo recebido do acaso, ou dos cégos encontroens dos atomas de *Epicuro*, mais talentos, que huma imaginaçao viva, e fecunda; hum precioso dom de persuadir até mesmo o heroismo de hum *Quixote do Norte*; e naõ de juizo para se contentar do seu grande *Theatro*, e naõ deitar temerariamente a maõ a materias, para que naõ tinha genio, nem instituiçoes, nem paciencia, nem huma leitura reflexionada, este Semi-Herõe naõ podia comprehendender, como Deos naõ sendo casado, pudesse ter hum Filho?

2.º Porque naõ havendo *Verbo*, naõ ha-

havia *Jesu Christo*, que elle baptizava
de *Impostor*. (a) Naõ havendo *Jesu Christo*, naõ havia *Religiao*, que elle chama-
va *Infame*. (b) Naõ havendo *Religiao*,
naõ havia *Igreja*, que elle esbulhava do
privilegio da *Infallibilidade*, para a pôr
em si. (c) Naõ havendo *Igreja*, naõ ha-
via *Celibatarios*, que elle dizia nocivos á
População. (d) Naõ havendo *Celibata-
rios*, naõ havia *Freiras*, de quem elle
blasfemava a *Clausura*. (e) Naõ havendo
Freiras . . . e se naõ as houvesse, de
donde viriaõ a hum *Escriptor* esfamiado
(que muitas vezes vendia huma mesma
obra a quatro, e a cinco *Impressores*,)
trinta e dous mil cruzados de renda an-
nual, que lhe cahiraõ em oitenta mil Li-
bras pela cessaõ, que lhe fizeraõ dos bens
do Mundo humas suas Parentas para se-
rem

(a) *Mas hum Parochò sem Missaõ.*

(b) *Mas hum Adaõ sem Vocabulario.*

(c) *Mas hum Historiador de pouca Fé.*

(d) *Mas elle foi tambem Celibatario.*

(e) *Mas hum Nicolaita para as Donzellax*
Nota do Author.

rem Religiosas em França ? (2) Que Heróe ! O Verbo, Iesu Christo, a Religiao, a Igreja, os Celibatarios, e as Freiras, em lhe lembrando, desorientava-se de repente hum atrabiliario cégo até á mais descomposta mania.

3.

He taõ impossivel dirigir-se a pública Administração de huma Sociedade para os seus fins verdadeiros sem huma Religiao verdadeira, e dominante, que faça esperar premios, e penas invisiveis para o futuro, como he impossivel a existencia da Republica ideal de *Plataõ*.

4.

Em alguns não se conhece a Religiao Romana, mais do que por terem nascido nas

(a) Consta de huma carta da Soror dos *Anjos*, Religiosa da *Annunciada de França*, escripta a este O aculo dos *Philosophos*, seu Sobrinho, *Anti Dictionnaire Philosophique* mihi tom. 2. fl. 270. *Nota do Author.*

nas terras da Igreja Catholica ; e estarem seus nomes assentados nos Livros do Baptismo. Já houve quem desejou efficazmente , que algum grande incendio tivesse devorado o Cartorio da Parochia.

5.

Sendo a Religiao Christaã boa ainda no voto de muitos , que a naõ seguem , he desgraça , que dos seus mesmos Professores haja quem se atreva a deitar maõ contra esse Tractado de alliança , que Deos fez com o seu Povo ; só para encobrir as monstruosas desordens de huma vontade desenfreada : como se hum filho naõ pudesse desobedecer aos mandados de sua Mãi , sem primeiro a encher de opprobrios , e de injurias.

6.

No caso que fosse perpetuo o prazo do homem sobre a terra , tinha desculpa a escolha de huma Religiao , que melhor in-

indicasse os meios de desfructar completamente as felicidades do momento , e de dar toda a corda ás paixoes mais extravagantes. Porém morrendo-se em todas as Religioens , e sendo só por dous dias todos estes gostos , e glorias dos sentidos , pouco resta para averiguar , qual he melhor , se huma Religiao , que se diz boa pelos domesticos , e pelos estranhos , ou se aquella , que só he boa nos votos de casa ?

7.

Se a verdade da Religiao Christea não fosse demonstrada até ao Tribunal da razão , ainda o desertar della seria hum escandalo abominavel. Não aparecendo nessa multidao de Seitas huma só nota de verdade , com effeito he raro , que algum desses miseraveis deixe a Religiao , em que nasceo ; e até parece mesmo , que por honra das cinzas de seus Pais : tem-se por moralmente impossivel , que entre tantos Antepassados não houvesse hum , que fóra do caso de capricho , ou de teima , não

naõ quizesse indagar, se hia bem, ou naõ pelos caminhos, que lhe abríraõ seus Maiores.

8.

Em muitos a Religiao Christaã he como a dos Religiosos das ultimas Synagogas: está posta n'hum bullir de beiços, ou confissão de boca. Algumas práticas exteriores de piedade he menos para tapar a boca dos que poderiaõ murmurar, do que para evitarem a vergonha de vêrem seus nomes estendidos ao comprido de hum Cartaz na porta da Matriz.

9.

Alguns naõ chegaõ até mofar publicamente da Religiao, e de seus Dogmas, naõ por naõ presumirem de luzes para contestar; mas porque a força da espada temporal, que os *Principes* naõ trazem á cinta sem causa, he hum freio, que elles naõ pôdem roer sem se expôrem a risco de hum catástrofe vergonhoso.

10.

- IO.

Como S. Paulo diz que *Deos quer salvar a todos os homens, se elles quizerem*: daqui se pertende, que a Religiao he livre, ainda mesmo para os que a professaraõ: como se hum contracto ajustado nas solemnidades de Direito pudesse desmanchar-se pela vontade de hum só. Antes do Baptismo será livre talvez a qualquer de seguir a esta, ou aquella Religiao, ou tambem a nenhuma; porque além de se naõ dar Beneficio, a quem o naõ quer, he livre a cada hum de naõ ser racional, ainda que o pareça por fóra: mas depois do Baptismo . . . huma Mãi tem o direito da força coactiva sobre o seu filho.

- II.

Ha muitos; que naõ conhecem Religiao: naõ porque ignorem, se naõ saõ estupidos, que de tantas, he impossivel, que

que alguma naõ seja verdadeira ; mas por que affectaõ naõ perder tempo para entrar em novo debate , do que está já ha muito calculado a fundo.

12.

Os que miseravelmente se deixaõ persuadir da força dos argumentos contra a Religiao Christã , naõ tem desta Santissima Religiao mais tintura , que esses fracos principios , que lhes fizeraõ aprender de cabeça em Rapazes para satisfazerem ao Preceito annual da Quaresma : estuda- da profundamente , he necessario , ou negar a Existencia de Deos , e destruir toda a Authoridade ; ou achar demonstrati- vamente futeis todas as razoens , que oferece contra Ella essa caterva immensa de *Philosophos* irracionaes , de que abundaõ estes ultimos seculos , com discredito da razaõ.

13.

A Religiao Catholica (diz (a) Montesquieu) convém melhor a huma Monarchia , e a Protestante accomoda-se melhor de huma Republica. Não percebo : só se Montesquieu entendeo aqui a huma Republica , a quem pouco , ou nada importasse a Doutrina de hum futuro ; porque o Dogma de hum Chefe visivel , que elle julga oppôr-se á liberdade Republicana , e á independencia do clima , a quem elle dá sempre muita influencia em demasia , não foi , como bem sabem os Controversistas , o unico motivo , que resol- veo a desgraçada divisaõ das Religioens , e a conserva. Antes de *Luther* , e de *Calvino* , creio eu , que a Religiao Catholica se accommodava muito bem de todas as fórmas de Governos , e de todos os climas ; porque Jesu Christo , quando mandou seus Apostolos por toda a terra a an-

nun-

(a) *L'Esprit des Loix* mihi tom. 3. cap. 5. fl. 131. *Nota do Author.*

nunciar sua Religiao , apenas lhes disse que pregassem o Evangelho a toda a Crea-
tura sem lhes especificar nem Governos ,
nem climas : o mais que fez , foi mandar-
lhes ; que ~~onde~~ *nao* fossem recebidos , sa-
bissem logo para fora , sacudissem o po
de suas sandalias , e partissem para ou-
tra parte : e eu *nao* posso dizer , nem
tambem Montesquieu em bom Catholico ,
que Jesu Christo fosse hum puro Homem ,
que *nao* tendo sahido jamais do seu Paiz ,
nao entendia nada de Governos , nem de
climas. Entretanto , a pezar disto , e de
muito mais , que . . . &c. sera verdade
sempre , que o grande Presidente de Mon-
tesquieu foi o infatigavel compilador do
Codigo universal das Naçoes.

R E' O.

I.

Supposta a Lei , que prescreve a pena
capital por certos delictos , e attendida a
bem

bem fundada necessidade de a subir pela sua transgressão , naõ sei , se em boa Jurisprudencia poderá hum Réo do Crime de cabeça ser delia absolvido , só porque em algum dos Membros do Estado naõ tem Parte , com quem se confrontar em Juizo ? Porque me parecia que eraõ partes mais do que bastantes , e até mesmo necessárias , e indispensaveis , a desobediencia ; que se commetteo contra o Summo Imperante , transgredindo as suas Leis : o desprezo , que se fez da *Justiça Criminal* , que naõ tem de officio , senaõ vingar iniquidades : a Real palavra , que huma vez se deo de proteger a assegurança pública , e particular de cada individuo de Corpo Politico : e finalmente a necessidade de hum exemplo positivo , e prompto , que só pôde ser a regra de enfrear de alguma sorte a brutalidade dos perturbadores da paz. Quem duvída . . .

Sendo certo, como he, que todo o homem he innocent, e he homem de bem, em quanto se naõ demostra evidentemente o contrario, o Réo de hum crime (á excepçao dos Privilegiados) a primeira vez commettido, parece que naõ deveria ser emparelhado a hum barbaro assassino, ou a hum determinado Salteador para subir, como estes, todo o rigor das Leis Criminaes. O primeiro delicto, por isso mesmo que he o primeiro, he impossivel que venha de hum habito vicioso: hum habito naõ se pôde fazer em hum instante, e de hum só acto: por tanto a fraqueza, que he inherente a toda a carne, he o agente principal, e o Réo primitivo daquelle primeiro delicto; merece alguma desculpa; e muito principalmente se elle tem algum titulo de recommendaçao publica. Se houver de castigar-se assim a huma simples fraqueza, quem poderá escapar entaõ aos cadafalsos?

O mesmo *Pontifice* , diz S. Paulo ; porque he tirado do meio dos homens , he cercado de enfermidades : e o mais perfeito dos homens he o menos imperfeito. Mas eu poderei naõ pensar justo.

REPULSA.

I.

NAÓ he sempre huma prova evidente de naõ termos vaidade esta repulsa , que mostramos dos louvores , que nos daó por alguma Obra , que foi julgada digna de elogios : he muitas vezes a nossa soberba quem nós quer desobrigrar de agradecer huns obsequios , de que o nosso amor proprio nos faz acrédores de justiça.

2.

Se algumas vezes mostramos sinceridade em recusar algum favor , que se nos

S 2

ofz

offerece ; naõ he porque elle naõ faça conta á nossa ambiçaõ , ainda que seja de pouco porte : a ostentaçao , que affectamos de naõ interessar de ninharias , he como huma cautela para advertir aos que nos querem obrigar , a que proporcionem naõ pelo seu genio , mas pela apparente grandeza de nossa alma os meios do nosso justo reconhecimento .

REPÚTAÇÃO.

I.

A Boa reputaçao he todo o empenho do homem de probidade : nem todos com effeito tem o valor de cortar por estas paixoes , que pôdem oppôr-se a hum nome geralmente bom.

2.

2.

Se a razão deve ser a regra geral de obrar, o homem, que fosse bem reputado entre bons, e máos, seria sem dúvida máo: o bom para os bons he bom, e o máo para os máos he bom; a paixão faz, que seja bom o máo. O homem, que fosse huma, e outra cousa, naõ seria sincero; havia de disfarçar se para os bons, e abrir-se para os máos; seria máo em tal caso.

3.

Ordinariamente pende da imaginação dos homens a boa, ou má reputação. O homem naõ he bem, ou mal reputado, porque fez cousas dignas do homem, ou naõ fez; mas porque o que fez, era, ou naõ era do gosto, da opinião, e do Século.

4.

4.

Aspiramos muitas vezes a ser bem reputados, ainda que façamos cousas indignas de hum bom nome; mas he porque queremos, que os outros sejaõ mais sinceros que nós, naõ deitando á má parte o mal, que fazemos; e que tenhaõ da reputaçāo idéas taõ sinistras, como nós temos.

5.

Somos bem, ou mal reputados na proporçāo dos gráos da nossa fortuna: se ella nos fôr empolada, seremos bons, ainda que sejamos máos; se ella nos fôr adversa, seremos máos, ainda que tenhamos excellentes qualidades.

6.

O systema de hum ambicioso he ser bem reputado sómente para aquelle, de quem depende: tem tres pontos de vista,

per-

persuadir de merecimento , dar juizo ao Bemfeitor , e sarar a malevolencia dos máos avaliadores , e mordazes.

7.

O homem , que aspira a ser bem reputado segundo o testemunho sómente de huma consciencia bem instituida , faz hum estudo profundo para se esquecer inteiramente do bem , que fez , e do mal , que recebeo. He o grande ponto do verdadeiro Heroismo.

RESPEITO DOS SOBERANOS.

I.

NAõ saõ menos *Christos* do Senhor , do que foi *Saul* , e *David* , os Soberanos , que naõ foraõ mandados ungir do Oleo Santo por *Samuel* : deve-se-lhes todo o respeito , como a huns homens , que fo-

foraõ mais felizes , ainda que tirados do meio de nós , para se lhes commetter huma parte da Divina Authoridade até certo tempo.

2.

Aonde ha hûm Ser Supremo , e se reconhece pelo primeiro Imperante dos Universos , o povo escolhendo d'entre si a quem haja de governá-lo , isto he , desenvolvendo as Leis naturaes , que estaõ impressas no coração do homem , naõ faz mais nada que designar a pessoa , que ha de ter n' huma parte da terra o lugar de Subsistuto daquelle , por quem reinaõ os Reis ; e mandaõ , o que he justo , os Legisladores : deve-se-lhes entaõ todo o respeito , veneraõ , e obediencia , como a seus Representantes.

3.

Merecem todo o respeito os Sóberanos , ainda quando se visse , que alguma vez faltavaõ a retribuir os Serviços do Esta-

Estado. Independente da compensaçāo de-
ve cada hum empregar toda a sua substân-
cia pelo mantem deste corpo , de que a
Providencia o fez parte ; aliás teriaõ o me-
smo direito todas as partes ; e vinha a
desapparecer hum todo , que nada mais
he , que as partes unidas.

4.

Fóra do caso preciso , em que hum
povo , escolhendo ao seu Chefe , convies-
se de Lei fundamental , que sempre elle ,
e seus Successores seriaõ exclusivamente de
huma determinada communhaõ , por exem-
plo , da Catholica Romana , fóra deste ca-
so , digo , naõ se deveria menos obe-
dienca , e respeito nas cousas do Direito
Natural , e Social ao Soberano , ainda
que elle apostatasse da Religiaõ dominan-
te. O Direito Natural he coevo ao ho-
mem ; e a Lei Christaã he de huma da-
ta mais moderna : foi quasi pela volta da
era de 4040 que se promulgou : tempo em
que já a obediencia , e respeito dos So-
ber-

beranos eraõ artigos primeiros das Leis naturaes ; e Jesu Christo mesmo mandou , que se dësse a CESAR , o que era de CESAR , ainda que Pagão , e intruso.

5.

Foi sem alcada legitima ; que alguns se arrogáraõ o Poder , e a Authoridade sobre os direitos inalienaveis da Soberania , até relaxarem aos Vassallos da fidelidade , e obediencia devidas a seus Senhores legitimos. Opiniaõ de seculos escuros , de ignorancia , e de ferro ! Os Catholicos Romanos , que restáraõ em *Inglaterra* depois do Scisma , nem foraõ menos reverentes a HENRIQUE VIII. , nem para se sublevarem contra elle , interpretáraõ a Excommunhaõ do Papa CLEMENTE VII. : só deixáraõ alguns de obedecer ao *Monarca* , quando foraõ obrigados a abraçar a pertendida Reforma , e a naõ reconhecer ao primeiro Bispo da Christandade por Chefe de toda a Igreja : em tal caso deve-se obedecer primeiro a Deos , que aos homens.

RE-

RESPEITO DOS TEMPLOS.

I.

Naõ sendo substancial a differença, que ha entre hum homem posto no alto de huma Torre, e outro homem posto no pavimento, com effeito está-se diante do primeiro ás vezes com maior submissão, e respeito, do que na face de hum Deos, que naõ he Obra das maõs dos homens, nem do seu capricho, e imaginação: as paredes do Sanctuario naõ murmurão das faltas de Religiao; e acolá deita-se muitas vezes em rosto o máo leite, que se bebeo na infancia.

2.

Naõ he algumas vezes o espirito de vêr a Deos com os olhos da Fé, e de adorar a huma immensidade, que está en-
chen-

chendo até as paredes da **Casa de Deos** ; quem leva a muitas gentes aos Templos : ha outras divindades , que disputaõ as at-tençoens , e respeitos dos homens ; mas que resguardadas de huma cautela , naõ demasiada , he cecessario muitas vezes hum Jubileo para se vêrem , e hum sacrilegio para se adorarem.

3.

Se a verdade de cada Religiao se in-ferisse só , e necessariamente do Culto , e reverencia de seus Templos , nenhuma haveria mais verdadeira , que a de MA-
HOMET. He vergonha para o Christao , que a **Casa de Méca** seja mais honrada , que a Cidade de Siaõ ; em que ha tanta dif-ferença , como entre o Templo do ver-dadeiro Deos , e aquelle , em que só Deos naõ he o Deos do Templo.

R I S O.

I.

O Riso intempestivo he huma prova de loucura. Para se rir a proposito, ha mui poucas occasioens: o homem prudente naõ applaude com riso, o que he digno de louvor. O que he defeituoso na ordem physica, naõ esteve nas maõs dos homens; e o que he máo na ordem moral, antes merece compaixaõ. Qual será entaõ o riso prudente?

2.

Este riso philosophico, com que nos querem alguns impôr de desenganados da pueril occupaçao de huma grande parte dos homens, he huma parvoice, que mais merece riso por affectado, e por imprudente: por affectado, porque huma sim-

simples Philosophia naõ he luz bastante para se penetrar até á natureza das cou-sas caducas , he necessario mais : e por imprudente , porque se ha huma luz maior , a fraqueza do juizo commum dos homens deve lastimar-nos , e naõ provocar-nos a hum riso de mófa.





SABIO.

I.

O Verdadeiro Sabio parece algumas vezes ficar vencido, naõ proseguindo com calor nas demonstraçoens da verdade. He imprudencia emprehender de ensinar em hum instante a ignorancia, ou desabusar de repente a hum juizo, encabeçado das puerilidades do berço, das preoccupaçoens dos *Mestres*, e das impertinencias de alguns Livros.

2.

Sabio verdadeiro seria aquelle, que depois de muitas fadigas, viesse por fim a conhecer, quanto lhe foi necessario para advertir no muito, que lhe falta para saber em taõ poucos dias, que lhe restaõ.

3.

3.

Conforme S. Paulo he verdadeiro Sábio, naõ o que pôde repetir de cabeça muitos, e enfadonhos escholios, mas o que estuda saber sómente o que convém para ser no futuro mais bem avaliado do que foi *Calvino* em *Genova*, e *Luther* em *Saxonia*.

SEPULCHRO.

I.

AThé á porta do sepulchro todo o homem he, o que a fortuna, ou a intriga quizeraõ que elle fosse; dahi para dentro todo o homem he o que nunca se persuadio, que era: terra, pó, cinza, vento, nada.

2.

2.

O sepulchro he a mais distinta ultima recompensa , com que o Mundo paga as importantes fadigas de seus Heróes : esconde-los para sempre aos olhos dos mortaes ; e o que deixa pelo muito para estímulo dos esfamiados de vaidade , he apenas , se assim o permite a voracidade do tempo , hum caixaõ de marmore , em que já estiveraõ os ossos de huma Divindade de barro.

3.

He o sepulchro o fim dos estrondos populares : em elle se depositando algum Defunto illustre , tudo quanto succede ás antigas acclamaçõens até á corrupçao da mesma urna , he hum profundo silencio , que nos desengana sobre esse triste resto , do que já foi homem.

T

4

4.

O sepulchro he huma voz muda , que falla aos coraçoens dos homens , mas diversamente ; a huns persuade da pequenez do juizo vulgar , que procura eternidade no que se gasta dos repetidos golpes da corrente ; a outros convida para atropellar até as mesmas Leis da humanidade para se imitar muitas vezes a hum Heróe da impiedade.

5.

A ultima honra de hum sepulchro ; a que pôde chegar o Mundo para retribuir os seus Varoens extraordinarios , he ao mesmo tempo a emulaçao dos cégos , que apenas apalpaõ a casca do Mausoléo ; e o escarneo dos homens de madureza , que naõ páraõ na superficie , vaõ atravessando por dentro da urna até esses mirrados ossos , se ainda existem , para encontrar o espirito do verdadeiro Heroismo.

6.

6.

Se o systema da vaidade na elevaçāo de hum sepulchro he de preparar lugar livre dos pés do povo , para irem esperar a Resurreiçāo geral , estes homens famosos , que atroárao os Seculos , he loucura rematada : os que estiverao algum dia nestes altares de nova invençāo , haó de ir , como os que estiverao debaixo do pavimento , subir os interrogatorios de pé ; pois que o mesmo Julgador de vivos , e de mortos os subio tambem de pé diante do *Presidente da Judéa*.

S E R M A Ó.

I.

HUm Sermao naó he a só prova do engenho , que o fez ; he tambem do discernimento de quem o ouye : por bem ,

T 2

ou

ou mal trabalhado , faz conhecer o seu Author ; por bem , ou mal julgado , inculca as luzes do Auditorio.

2.

Desde que o Sermaõ , a Palavra de Deos , que naõ he obrigada ao capricho dos homens , veio , naõ sei porque fatal arbitaria necessidade , a peça do escravo compasso da arte de arengar no fôro *Roman*o , e no do *Areopago* , nada mais se pertende para o fim da sagrada Cadeira , do que apparecer trabalhado nas regras de huma composiçāo , que os Padres mais vi- sinhos de *Roma* , e da *Grecia* , ou naõ conhecēraõ , ou desprezáraõ ; mas hoje basta que esteja segundo os preceitos de *Quintiliano* ; e tem-se chegado com o de- do ao seu fim.

3.

Fóra do caso , em que hum Sermaõ fosse hum fardo de impertinencias , de pue-

puerilidades ; de ficçõens , de paradoxos ; e de mil outras parvoiçes , que se tem dito desde o Lugar da Verdade ; he sempre esta Palavra voz de Deos , que tem , e terá sempre mais força para ferir por nua , e descarnada , do que por tumida destas empólas de vento , que pelo muito vaõ embater nos tympanos das orelhas , e dahi naõ passaõ. Naõ ha memoria , de que antes deste servil artificio , a que responde a simples , e sincera verdade , houvesse algum *Barbeiro* , que se intromettesse a julgar de hum Sermaõ.

4.

Observado bem attentamente ; que hum Sermaõ de folhagem , sendo mais do que improprio para fazer observar a Lei a hum povo rustico , e ignorante , porque naõ se lhe dá a comer o paõ , como Deos o creou , revestido entaõ de hum entusiasmo brilhante para se representar ás gentes , chamadas *de bom gosto* , deixa conjecturar , que ou he vaidade no *Orador* ostens-

ostentar de genio , e de arte ; ou que tem medo de escandalisar os ouvidos delicados com as verdades severas do Evangelho , menos que naõ sejaõ adoçadas do mel da arte.

5.

O Sermaõ , em que naõ apparece que o *Orador* está penetrado das Verdades , que elle quer persuadir , he nada menos , que a declamaçao do Theatro , aonde se representaõ papeis alheios.

6.

O Sermaõ he hum genero de fazenda , indigno por sua natureza de entrar na razao de tráfego de vida positiva. O seu lucro he sómente o ganho das almas para o Creador : daqui vem , que o pouco fructo , que se recolhe ordinariamente da quella santissima sementeira , naõ he sempre por ella ter a infelicidade de cahir ao pé da estrada , ou sobre pedras.

7.

7.

O Sermaõ no delicado gosto do Seculo deve ser a peça de hum Apostolo benigno , que tempere a verdade com o interesse do seu nome , e accommóde o Evangelho aos genios , aos gostos , e aos caprichos ; de sorte que se reprehender o vicio , naõ seja pintando-o de côres ascorosas , que enjoem , e affrontem a delicadeza ; se persuadir a virtude , naõ lhe descubra huns espinhos , que devem picar sómente aos *Celibatarios* dos desertos ; e dos *Claustros*.

8.

Hum Sermaõ , que cheira a incenso ; he indigno de representar-se da Cadeira da Verdade , e na face do Sanctuario : inculca a falta de sinceridade do *Orador* , que pertende valer pela mentira ; e baptiza de louco ao seu Heróe , que faz gloria de inchar-se do vento da lisonja.

SIN-

SINCERIDADE.

I.

A Sinceridade he hum genero de fazenda , que naõ tem despacho. Se por desgraça algum pobre he apanhado com esta roupa , he verdade , que naõ he preso , naõ paga o tresdôbro , nem lhe prohibem o uso ; mas fica taõ mal avaliado , como o foi Jesu Christo de *Herodes* , e dos seus *Soldados*.

2.

A futilidade dos fins de huma grande parte dos homens no commercio do Mundo prova com evidencia , que as apparen- cias de sinceridade he tudo quanto dirige as acçoes mais recommendaveis aos olhos do povo.

3.

3.

A pouca fortuna de muitos em aproveitar em seus suores nem sempre he o signal de tratarem com sinceridade os meios das dependencias de seus interesses : a grandes genios tem sahido bem diversa a direcção das linhas mais bem lançadas.

4.

Pode desconfiar-se da sinceridade de huma pessoa , se nos obsequios , que nos faz ; percebemos animo de nos interessar sobre algum beneficio , que dependa de nós de algum modo : os obsequios entaõ saõ pagos pelo preço do que esperaõ de nós ; e a sinceridade he fingida : o amor proprio naõ soffre , que abaixemos de nossa opiniao sem hum grande fundo de comodidade , que contrabalance a nossa humiliação.

A sinceridade he o caracter de hum coraçao innocent, e lavado: o Mundo porém, que naõ está acostumado a servir-se em suas tarifas ordinarias de almas direitas, baptiza de estupido, e de máquina a qualquer, que naõ tem, ou gênio, ou arte para fazer do branco negro, e do negro branco.

SOBERANO.

I.

O Poder, e Authoridade do Soberano devem presidir aos Ramos capitaes da pública Administração da Justiça: he todo o impulso da execução; mas naõ deve, ao que parece, passar estas balizas: huma mola por muito rija, que ella seja, applicando-se-lhe maior jogo, do que era

o destino de sua configuraçāo ; vem cedo a abrandar , e a desgastar-se.

2.

Sendo taõ preciosa a vida do homem ; pois que elle nem a deo a si mesmo , nem lha deo o Estado , de que elle he membro , nem leva ordinariamente a fazer-se menos de vinte annos , de modo a servir utilmente ao Estado : parece que naõ deveria ser privado della hum criminoso , que assim o merecesse por seus delictos , sem que a ultima horrivel sentença fosse rubricada do Nome do Soberano. Póde ser , que fizesse mais pezo o perder para sempre a hum vassallo , do que hum palmo de terreno ; sobre cujo litigio muitas vezes naõ se decide em hum só Tribunal : póde ser tambem , que a humanidade excitasse alguma vez no coração do Soberano hum terno pezar de saber escrever.

3.

O Soberano , que teve o feliz talento de escolher o *Ministro* do seu lado , naõ tendo mais que dous olhos , por grandes vistas que tenha , parece que lhe deve ser de hum facil , e aturado accesso para o ouvir ; e naõ deve ter com elle huma só reserva sobre os públicos interesses ; porque naõ lhe concedendo huma justa confiança , será bem como o enfermo , que chamando o *Medico* para se curar , lhe encobrisse algumas circumstancias da molestia ; e esperaria remedio ?

SOBERBA.

I.

O Rdinariamente os homens mais soberbos saõ os que forao ainda ha pouco extahidos da poeira , e do lôdo.

2.

2.

Naõ ha cousa mais mal fundada ; que a soberba : se he pelo nascimento , naõ tivemos parte nelle : se he pelos dotes do corpo , ou da alma , ninguem se fez a si mesmo : se he pelas riquezas , havemos de deixá-las a nosso pezar : se he pela sabedoria , a verdadeira naõ incha : se he pelos empregos , naõ he impossivel cahir do alto : se he pelo que temos de maldade , entaõ sim ; isso he nosso : o mais tudo he emprestado. He sem fundamento racional a soberba.

3.

Soffremos muitas vezes a nota de acañados , recusando favores , e naõ queremos a honra de agradecidos , acceitando-os : em hum , e outro caso he a soberba quem nos decide : acolá porém , ainda que sem vontade , fazemos o papel de humildes , naõ rebatemos de hum capi-

pri-

pricho ; que olha para a dependencia ; como para huma escravidaõ. Daqui vem que se pôde ser tambem humilde por soberba ;

SOFFRIMENTO.

I.

SE a maxima , que diz , que se pôde repellir a força com força , se estende pelo bom sentido até justificar em particular o fazer mal por mal , he maxima sem dúvida de hum Direito natural gentio , que naõ sabe , que está mandadò fazer bem por mal ; nem tem huma justa idéa da retribuiçaõ promettida ao soffrimento.

2.

Quando a necessidade nos naõ obriga a sofrer , e soffremos , naõ he o soffrimento huma leve tintura de Religiao : he necessario , que a presumpçaõ da carne pe-

peze mais na balança de huma razaõ irracional , do que o espirito do Christianismo.

3.

O bom ar , com que se levaõ os suores , e as lagrimas para chegar a gostar-se , o que se chama *felicidades* , dá bem a entender , que se crê por ceremonia nos bens futuros. Naõ ha maior sem-razaõ , do que abaixar a hum escravo sofrimento , que o Mundo pede , para se desfrutar hum premio , que ou nunca chega ; porque o Mundo pôde pouco ; ou vem tarde , quando o paladar por estragado já naõ pôde gostá-lo ; ou se ainda vem a tempo , enfastia , atormenta , dá mais cuidados , e dura menos , que o pezar de o ter solicitado.

SIMONIA.

I.

NO Seculo XI. fez a Simonia hum dos principaes objectos das horriveis differenças entre o Santo Pontifice GREGORIO VII., e o Imperador dos Romanos HENRIQUE IV. Porém hoje, graças ao nosso desabusado Seculo ! a Simonia he huma cousa , em que ninguem já falla : apenas por acaso se encontra a palavra *Simonia* ahi por algum desses Livros velhos de Moral ; e se algum moderno trata della , he certamente para engrossar o volume.

2.

Hum Seculo vio correr á montes rios de sangue no pretexo de extirpar a Simonia : houve Seculo , que vio correr a montes rios de ouro para aviventear a Simonia. Que notavel variedade na esquen- tada cabeça do homeim ! TEI-



TEIMA.

I.

NEm sempre a teima he huma demonstraçāo de estar a verdade, e a Justiça pela Parte, que defendemos com fogo: ou somos preocupados de algum grande interesse; ou temos medo de perder o nome, perdendo a Causa.

2.

He de ordinario a teima hum signal de ignorancia. O homem de juizo, e de luzes, descarta-se de hum teimoso, como fez o *Barbadinho*, que no maior calor da disputa com hum *Peripatetico*, que jurava partido, e odio contra *Renato Descartes* sem nunca o ter lido, pedio licença para se ir deitar, porque vinha enfadado; e deixou-o.

V.

TEM-

TEMPERAMENTO.

I.

Sendo igual em todos o lume da razão, o phisico temperamento, e a disposição mechanica do nosso corpo, fazem que não pensemos todos nas regras.

2.

O temperamento faz parecer muitas vezes virtude, o que he sómente o efeito de huma melancolia indigesta, e intratável.

TEM-

TEMPO.

I.

Não ha cousa mais preciosa ; que o tempo ; não ha cousa , que mais loucamente se perca , do que o tempo : he necessario aproveitar do tempo , em quanto he tempo , porque pôde vir tempo , em que falte o tempo.

2.

He para chorar-se tanto tempo precioso , que se tem perdido , e mesmo a pezar de grandes calamidades para se assentar em cousas , que forão commettidas ao juizo dos homens ; e saõ tão poucos , os que se affligem da curiosidade de averiguar miudamente o que passa por dentro de si mesmos , este vasto , e dilatado imperio das paixoes.

V 2

3.

3.

Nunca nos parece mais dilatado o tempo , do que quando o gastamos em cousas de verdadeiros , e legítimos interesses : se as paixões distribuem o tempo , não ha cousa mais rápida , que o tempo.

4.

Se pensassemos bem , que tão incerto nos era , antes de chegar , o tempo , que já passou , como ao presente nos he o tempo , que ha de vir , não deixariamos tão levemente para hum tempo , que pôde ser pouco , ou ser nenhum , o que podíamos fazer neste tempo , que esteve em nossas mãos , mas já passou. Em quanto vivo hoje , este dia he meu ; o dia de amanhã não sei se o será.

THE SOURO.

I.

H Uma prova a todas as luzes clara , de que naõ he nossa esta massa enorme de cabedaes , que juntamos á custa de fadigas indiziveis , he que ainda depois de nos escaparem a consummos prudentes , ou imprudentes , naõ podendo levá-los para provimento da jornada futura ; nem mesmo na ultima hora podêmos dispôr de todos elles a nosso bom prazer : obstaõ as Leis , e os costumes dos Paizes.

2.

Ás vezes hum bem recheado thesouro he nada menos , que hum violento , e infame deposito , que se extorquio do Rei pelo furto dos Direitos ; da Praça pelas faltas de fé ; do povo pelos erros da me-
di-

dida ; e da balança ; da Viuva , e do Orfaõ pelo giro de huma substancia retida ; e do jornaleiro pelo latrocínio do salario. Custa a encontrar sangue , que naõ clame , como o de *Abel* !

TOLE RAN C I A.

I.

A Tolerancia bem entendida faz duas das principaes felicidades de hum Estado : augmenta a populaçāo ; e multiplica o número dos braços para a Agricultura , para o Commercio , e para as Artes.

2.

A quem seria mais util a expulsaõ dos *Hugonotes* de *França* , á *Christandade* do Cardeal de *Richelieu* , ou á *Inglaterra* , á *Alemanha* , á *Prussia* , e aos *Suisos* ? Naõ tenho voto ; mas parece , que

res-

resolve bem este Problema huma resposta da Rainha de França , Mulher de Luis XV. ao Papa CLEMENTE XIII.

3.

O Divino Author do Novo Testamento mandou pelo seu exemplo , e por S. Paulo , que naõ houvesse distincião de *Grego* a *Judeo*. A fraca luz , que allumia por seis mezes no circulo de hum anno aos pobres habitadores dos *Pólos* , he a luz do mesmo Sol , que allumia de mais alto aos outros incolinos do nosso Globo. Se naõ ha dous Soes , menos haverá dous Deoses ; só se forem de pão , ou de pedra ; destes pôde haver infinitos.

4.

A Religiao Christaã sendo Lei do Estado , parece que naõ deve o Estado tolerar no seu seio a hum Apóstata do sistema dominante , convencido , que elle seja nas fórmas. Todo o transgressor das Leis

do

do Soberano do seu Paiz , he réo de crime ; e deve ser castigado : de outra sorte será tyrannia castigar as infracçõens das Leis Civis , ou Politicas , porque tudo saõ Leis do Estado.

5.

A tolerancia parece , que naõ deve ter lugar em hum Estado , quando o espirito de partido , ou de vertigem se arroga a incompetente Authoridade de decidir temerariamente sobre a verdade das Religioens , ou da sua materia principal , de modo a inquietar as consciencias , e a perturbar a paz pública. Publicaõ-se as Leis Civis , ou Politicas , e ninguem em particular ousa temerario de votar abertamente sobre a justiça de seus motivos : será livre talvez a cada hum desabafar entre quatro paredes mestras ; porque individuos vagos , nem saõ chamados , nem o devem ser para a formaçao das Leis : mesmo nas Democracias os Representantes da Naçao , ainda que sejaõ muitos , tem

número ; e saõ escolhidos. A Religiao Christã naõ he hum corpo do Digesto velho ; que esteja exposto desgraçadamente ás torturas de hum *Rabula* ignorante , teimoso , ou prevenido ; tem Juizes natos da Fé , da Doutrina , e da Disciplina geral bem conhecidos , destes he que deve esperar-se sómente a decisaõ daquellas matérias.

6.

Houve huma Sociedade (naõ sei se assim he ;) que tolerando até maquinas de pura materia , ainda que bem similhantes aos racionaes , mas os mais intoleráveis de todos os homens ; só hum brutal prejuizo de infancia , e de educaõ naõ deixava tolerar a Catholicos Romanos ; até serem excluidos dos effeitos civís , que a natureza inspira , e as Leis prescrevem para o bem das Sociedades : como se os abusos vindos da opiniao , do interesse , e da lisonja , pudessem fazer mal á substancia do Catholicismo. Naõ posso crê-lo. Se este proceder era por força de Lei , entaõ foi

sem

sem dúvida hum retalho desses infames Decretos Imperiaes , que se executáraõ á risca sobre os Martyres nas dez perseguiçōens , que a Igreja soffreo desde NEBAO até DIOCLECIANO. Muito bom modélo para delle se copiarem as Leis da humanidade , e de huma Constituiçāo Civil , e Politica racionavel ! Custa-me muito a persuadir-me , que o Paganismo de huns Ladroens do Universo chegasse a deitar raias até o Seculo dezoito ; chamado o *Seculo das luzes , e do desenvolvimento da razāo humana* ! porém ha Baptismos , que não requerem *Ministros de Ordem* : quem quer pôde baptizar ; e como quizer.

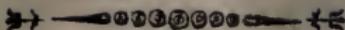
7.

Quaes seraõ mais toleraveis , os que não tiraõ o chapeo ao tanger das *Ave Marias* , não ajoelhaõ ao passar *Nosso Pai* , não saõ abstinentes nos dias prohibidos , mas saõ virtuosos na ordem Social , tem ao coraçāo , e na mais escrupolosa prática as Leis da humanidade , e os Offícios do

do homem: ou estes espirituaes melancolicos, que saõ os primeiros ás Festas da Igreja, roubaõ abatidos contra a terra o culto de Adoraçao, que he devido sómente á Divindade para o darem supersticiosamente ao que naõ he Deos, e por outra parte, matadores dos pobres, injustos, usurarios, adulteros, estragadores da innocencia, e sem o mais leve estimulo dos sagrados deveres do homem, do Cidadao, e do Christao? Quem estiver mais prompto, do que eu, no calculo diferencial poderá resolver este Problema.

8.

Dizia hum grande genio do Seculo passado, que nada era mais intoleravel, que hum *Soldado fraco*, e hum *Ecclesiastico ignorante*. Feliz homem, que naõ pôde accrescentar nem mais hum só a este numero!



VAIDADE.

I.

Nem sempre fazemos bem por não podemos já fazer mal ; mas porque satisfaz-se a nossa vaidade em mostrar que temos tocado esse feliz , e desejado ponto do desengano ; que por isto mesma não vem muitas vezes com o tempo.

2.

Não he a grandeza de huma alma philosophica , o que nos faz olhar com indifferença para os bens , e males , que sucedem na ordem das cousas ; he muitas vezes a vaidade de ostentar , que achamos o segredo de comprehender , o que os outros apenas attingem pela superficie.

3.

3.

Naõ lançariamos veneno em muitas ações, que passaõ por boas, se naõ fosse a vaidade, que pertendemos mostrar de ir ao fundo do coraçao do homem.

4.

Censuramos famintos a certos vicios para persuadir aos outros, que os temos em horror; e que naõ somos sujeitos a estes desvaríos, em que daõ de ordinario os espiritos fracos.

5.

Hum signal prodigioso de que naõ foi por impulso de espirito o bem que fizemos, he o preço infinito, que damos ao mal, que nos fez, quem o recebeo: a vaidade entaõ advoga pela nossa grandeza de alma.

6.

6.

Aborrecemos algumas vezes a certos vicios, naõ por serem vicios em geral; mas porque naõ achando a arte de os enfeitar de modo, que enganem de virtudes, a nossa vaidade os faz despreziveis; e nos acautéla de cahir nelles.

7.

A honra, que parecemos fazer a hum homem de nome, chamando-o a *Censor de nossas obras*, naõ he de ordinario por lhe conhecermos superioridade de luzes, por onde as emende, aonde ellas peccarem: he quasi sempre a vaidade de mostrar-lhe que temos talento.

8.

Raras vezes acontece que a pública utilidade, e o amor da Patria sejaõ os unicos inóveis das mortificantes fadigas do

Sez-

Sabio ; e dos arrojados lances do *Soldado* : a vaidade de fazer-se conhecido pelo premio , e deixar á posteridade hum nome gravado em láminas de bronze , de marmore , de pergaminho , e de papel , tem alli a parte principal ; se naõ he tudo.

VALIMENTO.

I.

A Fome de adoraçõens , o horror á dependencia , e o titulo para fazer mal impunemente , eis-aqui o que arrasta algumas vezes para se chegar ao valimento.

2.

He do valimento bem como do dinheiro , que ainda mais custa a conservar-se , do que tinha custado a adquirir-se. Este tem tres inimigos á vigia ; o fogo , os Ladroens , a imprudencia : o valimento tem

ou-

outros tres ; os invejosos , os mal contentes , e os presumidos.

3.

Appetecendo quasi todos o valimento ; até se fazerem hum Deos da Authoridade de fazer felizes , ou desgraçados ; sofre-se ás vezes o nome de pouco poderosos ; se naõ ha interesse em valer ; ou se o dependente naõ chega á conta do preço de hum Officio bem trabalhado.

4.

Se o valimento fosse hum cargo licitamente venavel , só estaria em direito de o negociar , á força mesmo de intrigas , quem tivesse só vistas de fazer felizes aos homens de merecimento ; e de levar as acclamaçõens de hum Bemfeitor da humidade : mas *Quis est hic , & laudabimus eum ?*

VAZ

VALOR.

I.

A Quillo, a que se tem posto o nome de *Valor*, ordinariamente naõ he mais, que o violento entusiasmo de hum animo ferido da inveja, e da cobiça: separado este impulso, seraõ mais os poltroens, que os valorosos.

2.

O valor está á mercê da opinião: chama-se ás vezes *Valor* o mais infame atentado contra as Leis da humanidade.

3.

O Systema, que naõ faz diferença entre o ultimo destino do homem, e o fim ultimo dos jumentos, he o mais proprio

X pa-

para animar a este valor , que he no go²sto popular taõ gabado de ordinario.

4.

Havendo tantos , que se gabaõ de valiosos sobre inimigos de fóra , por mais ardilosos , que elles sejaõ , saõ bem poucos , os que pódem jactar-se de triunfar das paixoens , estes inimigos domesticos , que vivem comnosco ; mas que nos esca-llaõ a cada passo , naõ obstante sabermos por onde nos acomettem.

5.

O verdadeiro valor naõ está , como se nos quer persuadir , em matar muita gente n'hum combate , em escalar huma Praça a todo o risco , e expôr aos perigosos acasos de huma Conquista rapida ; este , depois de dever medir-se algumas vezes pela ambiçaõ , ou barbaridade do Heróe , tem bastante de Pagâo. O verdadeiro val- lor he aquelle , que nem deixa ensoberbe-cer na felicidade , nem abater na desgraça.

6.

6.

Tem havido alguns para quem o grande valor consistio apenas em idear grandes cousas. *Cesar Borgia*, que de Cardinal foi feito Generalissimo das Tropas da Igreja, mandou logo abrir nas Bandeiras esta inscripçāo Latina *aut Cæsar, aut nihil*: « ou *Cesar*, ou *nada* »; mas naõ podendo desempenhar as suas boas medidas, naõ talvez por falta de occasioens, respondeo o *Pasquim*: *utrumque fuit*; « foi huma, e outra cousa »; foi *Cæsar*, porque assim se chamava; e foi *nada*, porque nada fez a proposito.

VERDADE.

I.

DAmos todo o valor, e estimaçāo á verdade. em quanto ella naõ ataca a hum só dos nossos defeitos.

2.

O amor, que mostramos á verdade cobre ás vezes desejos bem malignos do nosso coraçāo: ha occasioens, em que ás vezes a confessaimos mesmo contra nós, com tanto porém, que nos faça menos mal, do que a outros de algum nosso resentimento; que talvez cahíraõ na desgraça das linguas maldizentes.

3.

Se a verdade he o caracter dos homens de bem, e naõ o que o Mundo se persuade; ha entaõ muito menos homens de bem, do que se pensa. Saõ muito menos os homens de bem, porque homens de verdade; do que os homens de verdade, porque homens de bem.

4

4.

As apparencias da verdade saõ tudo isto , por onde se governaõ quasi todas as cousas no Mundo : he mesmo rara a amizade mais intima , ou a alliança mais bem firmada , em que naõ venha por fim algum ponto délicado de politica para fazer desatar as maõs , que se déraõ , e aper-táraõ no princípio.

VERGONHA.

I.

O Retiro em muitas gentes naõ he tanto para ter o espirito em segurança pela cautéla dos sentidos exteriores ; como he pela vergonha de serem apalpadas na ignorancia.

He rara a vergonha, em que naõ temha huma boa parte a opiniao, ou o timbre. Naõ nos faltaria genio, e malicia para delinquir em certos absurdos, se o voto ás vezes de gentes de bem pequena esfera os naõ reputasse indignos do homem. Naõ he entao por elles serem ridiculos, que deixamos de os commetter, he porque naõ levamos a bem, que os outros nos excedaõ em pensar.

VICIOS DOS VELHOS.

OS vicios de hum velho saõ de mais difficultosa emenda, que o de hum moço: os deste saõ como o calor de huma grande febre no principio do crescimento; apaga-se muitas vezes com agoa fria; o

pon-

ponto está applicá-la a proposito: os daquelle saõ como huma grande queixa habitual, que raras vezes tem remedio fóra da dissoluçāo da maquina. Custa muito mais a arrancar pela raiz a hum grande álamo, plantado de muitos annos, do que a hum pequeno arbusto plantado de poucos dias.

2.

Os vicios de hum velho; a quem nasceraõ os dentes, e cahíraõ com a maldade, naõ saõ taõ odiosos, e terriveis por serem chagas inveteradas, e podres; mas por serem n' huma idade, em que huma reflexaõ desacostumada por habito no pouco tempo, que resta para continuar na maldade, já naõ tem forças para se fixar neste maduro desengano, que deve servir de exemplo aos outros: e por tanto ha já o receio, de que se esteja abandonado á propria malicia.

3.

Hum velho vicioso he a ruina da mocidade : facilita aos progressos do mal na louca , e perigosa esperança , de que ainda ha de vir o tempo de cahir na conta : como se só a velhice fizesse derrubar as arvores ; ou como se o desengano devesse vir infallivelmente nas idades avançadas.

VILEZA.

I.

O Signal evidente de huma alma vil , ridicula , e mercenaria he o vender-se facil a todo o partido , em que venta a fortuna , com desabono dos que lhe vaõ ficando atraz. O homem de bem naõ he homem de ganhar com perfidias.

2.

A vileza nem está na obscuridade do nascimento, nem na abjecção da sorte: nem *Cham* foi honrado por ser filho de *Noé*, nem *Timotheo* foi vil por ser filho de hum *Gentio*: os primeiros Fundadores da honra de seus vindouros não tiverão melhor extracção. He vil quem faz acçãoens dignas de desprezo.

VIOLÊNCIA.

I.

HA occasioens, em que fazemos violência ao nosso genio, não por obsequio ás pessoas, que nos obrigaõ, mas porque queremos ser pagos duas vezes do serviço, que fazemos.

2.

2.

Huma obra feita com violencia perde mais de tres partes do seu merecimento : falta-lhe pouco para desobrigar da gratidão.

3.

Quem houver de deixar-se obrigar de huma ação feita com violencia , ou ha de ser mui simples para não penetrar a malicia , com que se faz ; ou mui ambicioso para olhar só o seu interesse ; ou mui presumido para obrigar no tom de acréedor.

4.

Ha gentes , que trazem mesmo na cara hum sobrescripto de violencia para estes mesmos obsequios , ainda os mais pequenos , que partem necessariamente da educação : para huns taeſ a vida social foi huma fatalidade. O Reino animal he muito grande ; deviação pertencer a outra especie.

5.

5.

Mostrar violencia em cousas , que nem saõ injustas , nem impossiveis , nem de huma desmarcada difficultade , he nada menos , que inculcar depois de soberba , huma ignorancia crassa dos Officios do homem social. Nós naõ viemos sómente para nós.

VINGANÇA.

I.

O desagravo da *Justiça* , e a honra do lugar saõ muitas vezes pretextos especiosos para cobrir a vingança mais rafinada.

2.

O odio implacavel , que mostramos a hum nosso inimigo poderoso , naõ he tanto

to pelo pezo do mal , que nos fez , co-
mo pelo mal , que tinhamos meditado fa-
zer-lhe , e naõ pudémos : daqui vem sa-
tisfazer-se ás vezes o nosso rancor com as
suas desgraças ; como se a Providencia ;
ou se o acaso tomassem sobre si o nosso
desafogo.

ULTIMO DESENGANO DE HUM MOÇO.

I.

HE mais facil despegar-se a hum moço destes prazeres , que se tocaõ pelas extremidades dos beiços , do que a hum velho : este tem-lhe tomado o gosto com reflexaõ , e vagar ; naquelle , a mesma inconstancia naõ deixa reflectir sobre o que desfucta.

2.

A facilidade em desenganar-se ultimamente hum moço prova quasi sem con-
tra-

tradicçāo , que as derradeiras lagrimas de hum velho ao deixar o Mundo , naõ saõ tanto ás vezes o pezar dos primeiros erros , e descaminhos , como saõ pela dôr de naõ podér desfructar mais a huns prazeres , a que tinha habituado o paladar no discurso de huma vida longa.

ULTIMO FIM DO HOMEM.

I.

Sendo pelas luzes da Fé , e da razaõ tres os fins ultimos do homem *Morte* , *Juizo* , e *Eternidade* , como alguns dos que já partiraõ daqui , para quem naõ havia mais do que morte , naõ mändáraõ dizer , o que se lhes seguiu depois della ; ainda ha por desgraça partidarios daquelle mania : mas que juizos ?

2.

Ha muitos para quem o seu fim ultimo he fazer hum papel brilhante, ainda que seja por dous dias, e á custa das Leis da razaõ, e da Justiça. Satisfazem-se estas almas pequenas de deixarem atraç de si hum nome, que o respeito venerava de valido; ainda que se averigue de ávarento, e comedor: que a dependencia lisonjeava de poderoso, ainda que se conheça de injusto: que a miseria reconhecia de compassivo, ainda que se saiba de Ladrão; que a ignorancia acclamava de sábio, ainda que se descubra de Charlataõ.

3.

A conveniencia, e o interesse he o ultimo fim, e até, se he possivel, o só Deos de bastantes gentes: a habilidade está em criar hum nome, que depois do primeiro dos ultimos fins do homem se opponha na cabeça de hum bom partido aos mal

malcontentes, e aos livres, para que naõ
prevaleçaõ ou pela paixaõ, ou pela ver-
dade.

4.

Affecta-se algumas vezes de aterrar da
lembrança dos ultimós fins do homem; naõ
porque para estas reflexoens seja facil re-
servar algum instante; mas porque cor-
rendo por certo, que só ella he capaz de
tornar justo ao homem, assim se impoem
de innocentē no centro das maiores im-
piedades.

VIRTUDE AFFECTADA.

I.

Não he sempre huma virtude real, que
se creia, esta, que se deixa ver em hum
homem escarneido da fortuna: he muitas
vezes para persuadir aos outros, que aos
bons he que apalpaõ as desgraças.

2.

2.

Parece virtude algumas vezes este bem, que dizemos de hum nosso conhecido inimigo: ou he vaidade em mostrar que temos espirito para pagar o mal com bem; ou he huma prevençāo para aggravar a injustiça de hum homem, que paga o bem com mal.

3.

Emprega-se muitas vezes a virtude por systema: ha circumstancias, que o pedem; quando as pessoas para quem queremos valer, saõ taõ boas, que naõ tendo idéa alguma da virtude, se deixaõ facilmente enganar; e entaõ huma simples casca de piedade leva a mesma recompensa, que se deve sómente a huma virtude verdadeira. Saõ por isto taõ ridiculas estas figuras de vestir, como he mentecapto quem lhes dá fé.

RU-

URBANIDADE.

I.

Como por huma aturada experiençia vêmos a leveza , com que se dá corpo á sombra , e substancia ao accidente , logo que hum sujeito elevado he menos prevenido em favor da opiniao , do capricho , ou do acaso , faz mais estrondo , do que hum fenómeno extraordinario , huma urbanidade , que naõ he trivial em gentes , que poem hum ramo de distincçao em naõ comunicar com a chamada vulgarmente *escoria do povo*.

2.

Affectamos algumas vezes de urbanos , e de trataveis , naõ porque o soffra o nosso amor proprio ; mas porque faltando-nos alguma destas formalidades , que

Y

o Mundo requer para huma grandeza completa, tememos, que averiguem o fundamento de nossa vaidade os que nos conhecem melhor talvez do que nós nos queremos conhecer.

3.

A falta de urbanidade he o signal perigrino de huma alma rustica, e sem esfera. He necessario ser hum homem ainda das silvas, e cégo ao mesmo tempo para naõ advertir em todos os homens huma identidade de paixoes, e de miserias ao travez dos Palacios, e das Cabanas, desde que entraõ no Mundo até que delle sahem. Debaixo de hum elevado Mausoléo está terra, e estaõ bichos, assim como dentro das campas frias, que pisamos.

4.

Hum gesto melancolico, artificial, e trabalhado com reflexão faz muitas vezes o officio de *Advogado* para orar a nosso

fa-

favor sobre as faltas de urbanidade ; que nos vem , ou do berço pela má educaçāo , ou de nunca termos tido o uso de gentes de razaō , e de luzes.

5.

O homem intratavel , e sem urbanidade he huma estatua movida por engenho : pôde dizer-se sem hyperbole , que veio por engano , por desmancho , e até por escarneo da natureza , á vida Moral , e Civil : ha brutos , que convivem até com os animaes de outras especies.

U S U R A.

I.

S Ería para desejar , que acabasse de hu- na vez esta renhida contenda entre os *Escholasticos* , e os *Theologos* de melho- es princípios sobre a *Usura* ; ou que hu-

ma prepotencia da ultima força prohibisse de se adorar supersticiosamente a *Aristoteles*, o Principe dos *Atheistas*, nas imagens de seus arbitrios Aphorismos: Mas ha de acabar sómente, quando parecer vergonhoso a homens de senso succumbir cegamente por mais tempo ao prejuizo de huma Authoridade sem razaõ.

2.

O dinheiro vulgar de ouro, prata, ou cobre pertence pela sua natureza, e materia ao Reino Mineral, diz *Linnéo*; porém he do genero das mulas, que não param, diz *Aristoteles*. Se o tom de velho tem mais pezo, *Aristoteles* deve preferir; e se elle o diz de experientia, será porque o seu dinheiro nunca pario, talvez por ser nenhum: e eis-ahi o fundamento de não poder o dinheiro ganhar dinheiro. Mas eu não sei que haja causa mais secunda.

3.

A *Usura* he o *lucro do puro emprestimo*: explicaçāo santa ! Mas eu naō sei porque razaō he , que o emprestimo de huma cousa , que se consome com o uso , pertence ao *mutuo* , e o que se naō consome com o uso , pertence ao *commodato* ? Será porque assim o quizeraō ? Mas a *Vulgata Latina* do *Testamento Novo* no *Cap. 11.* de *S. Luc.* confunde estes dous emprestimos : refere a Parábola de hum certo , que vindo-lhe a casa já tarde hum hospede , e naō tendo paō para lhe dar , foi-se á meia noite inquietar a hum seu amigo , para que lhe emprestasse tres paens , e assim lhe diz : *Amice , commoda mibi tres panes.* Ora na verdade , custa-me a dizer que a *vulgata Latina* esteja errada , ou que seja huma Traducçāo infiel . . . e os paens eraō para comer ; parece que bem consumidos ficáraō com o uso dos dentes molares.

4.

São muito respeitaveis as Authoridades Ecclesiasticas , que se allegaõ a favor do mutuo sem ganho : eu respeito a todas , e sigo a todas. Mas não apparecerá huma só Lei , nem preceito , que me obrigue a partir do fructo dos meus suores , com quem não suou para elles ; ou que me obrigue a perder o dominio do meu dinheiro , com que eu posso lucrar , ou não lucrar , se eu não quizer , para que hum estranho tenha hum dominio fantastico sobre o meu bem real , e lucre com elle quanto quizer ; e eu reduzido a hum puro Expectador . . . No caso da urgente necessidade , então obriga-me o preceito da esmola , podendo ; mas nunca a huma certa quantidade pedida.

5.

Sendo tão apertado o preceito de não lucrar com o puro mutuo , *mutuum date* ,

ze , nihil inde sperantes ; quem daria áquelles *Theologos* a facultade de permitir a *Usura* no caso , que eu sinta detrimento , emprestando ? E quem he o que não sente este detrimento ? Quem será o que juntando huma grande somma de dinheiro , nada mais se propoem , do que consumí-lo no seu *necessario absoluto* , e mesmo no *relativo* , tendo precisaõ ? Será lícito sómente empregá-lo em terras , ou propriedades ? E aonde vem este preceito ? Ora consumindo-se aquelle capital em algum dos dous *necessarios* , ou em ambos juntos , a quem ha de ir pedir-se huma esmola ? Quem ha de compadecer-se por Lei de hum imprudente , ou de hum estragado ? Talvez que algum das quelles *Casuistas* não quizesse compadecer-se de hum destes miseraveis voluntarios : e pôde ser , porque elles de ordinario saõ mui apertados a respeito dos outros. Contou-se de hum certo , que sendo o mais rigoroso , que tem apparecido ; em materia do *Jejum* , com effeito na quelles dias de preceito almoçava choco-

late ; porque andava fazendo Livros , que ninguem lhe tinha encommendado.

6.

Seja sempre verdade , que do puro , e rigoroso *mutuo* naõ se pôde , nem deve licitamente levar ganho ; he preceito , he prohibido ; e he mesmo contra a natureza do *mutuo* ; que he hum simples acto de beneficia , e nunca contrato oneroso , em quanto *mutuo*. Mas tambem será sempre verdade , que do dinheiro dado a ganho , ou de outra qualquer cousa , se pôde , como em qualquer outra permutação , levar licitamente ganho : e assim , pelo alambicado aperto dós *Theologos* , cessaõ os Officios de hum acto benéfico para dar lugar a hum contrato oneroso. Agora estará a grande difficultade em saber , que nome se ha de dar ao contrato do dinheiro a ganho ? Parecia-me que se lhe podia chamar , *Contrato do dinheiro a ganho* ; o contrato he genero , e o dinheiro a ganho pôde ser a diferença : quan-

quando naõ agrade esta definiçāo ; por lhe faltar alguma formalidade da Eschola , pôde ficar anonymo ; maiormente por elle naõ vir na apostilla dō *Philosopho de Ara- bia*.

7.

Se as práticas do *Antigo Testamento* fossem regras perpetuas , e invariaveis , quem poderia dispensar , em que houvesse *Clero* sem titulo ; e que este pudesse ter propriedades , quando a Ordem *Levi- tica* foi instituida sómente para servir no Templo , e tinha sido excluida na divisaõ das terras ?

8.

Se nos tempos antigos lembrasse , que algum dia o dinheiro poderia vir a ser huma materia circulante , e que até mesmo entrasse na razaõ de genero , como se está vêndo , a questaõ da *Usura* muito ha que já naõ seria huma questaõ eterna , fastidiosa , e insoluyel . Virá ainda tempo , em

em que o ganho do dinheiro á ganho se-
rá como se convier : o que se pratica em
todos os Estados , mesmo Catholicos , e
aonde ha tambem *Theologos* , com o di-
nheiro chamado a *risco*. Ha de ser ao seu
modo , como se vio a respeito do Syste-
ma *Copernicano* , contra o qual se apre-
sentou hum montaõ de Textos da *Escri-
ptura*. Porém como os fins Santissimos da
Omnipotencia na Creaçõ do homem nem
foraõ , nem podiaõ ser outros , mais do
que fazê-lo eternamente feliz ; para isto
nada importava que se movesse o Sol , ou
a Terra ; o que importava era , que o ho-
mem fosse Santo ; o que elle podia ser ,
até mesmo sem nada saber *d'Astronomia*.
Parece tambem , que naõ será das Santis-
simas intençoens do Ser Supremo fazer
Negociantes , nem regular os contratos
puramente temporaes , em que ha boa fé ;
nem canonizar de Fé Divina , que o lucro
do dinheiro a ganho naõ deva entrar na
razaõ de contrato oneroso. O que elle quer
he imprimir nos coraçoens dos homens sen-
timentos de humanidade ; e animar a cada

hum

hum para com os seus similhantes aos Of-
ficios da beneficencia, que saõ livres de
toda a Lei positiva *quoad quotam*; pôde-
se muito bem encher o preceito de *date*
eleemosinam, arranchando-se o ganho do
dinheiro a ganho aos contratos onerosos.





Z E L O.

I.

Quem dê o seu justo ; e devido valor a tudo quanto nos cerca em torno , será muito menos zeloso de huns Sobrenomes , que nada accrescentaõ de virtude , nem de Heroísmo ao primeiro Appellido , que trazemos do Baptismo ; e que por muito favor nos acompanhaõ até á boca da cóva ; para onde entramos muitas vezes , como aquelle miseravel , que nem tem Nome , nem Sobrenome.

2.

Este grande zêlo , que deixamos ver desde os eminentes lugares de mandar , que occupamos , para que se evitem certos males , de que em outro tempo fomos talvez bem reprehensiveis , não he de

or-

ordinario para que os outros naõ dêm, como nós, no despenhadeiro: antes he a gloria de encher huma vigilancia, que se suppoem annexa á nossa condiçāo.

3.

Humā prova de ser *Pharisaico* o zélo, que temos, de que os outros se emendem de certos vicios, he que sendo nós reprehensiveis de outros talvez maiores, naõ cuidamos em emendá-los. Naõ havia mais máos observantes da Lei substancial de *Moysés*, do que alguns dos *Mestres* da *Synagoga*; mas naõ soffriaõ, que alguém comesse o paó sem lavar primeiro as maõs.

ZOMBARIA.

I.

Esta zombaria; que se chama vulgarmente *escarneo Philosophico*, em que temos

mos com desprezo os papeis de alguns *Comicos*, que puderaõ achar graça diante de certas pessoas pelos desmanchos de huma loucura, ou verdadeira, ou artificial; he muitas vezes hum manhoso disfarce da inveja; ou de naõ sermos hum destes, a quem a opiniao da figura faz desculpavel o ser de vez em quando louco com loucos; ou de naõ sermos mesmo hum daquelles, que depois de huma boa subsistencia, e sem grandes fadigas, chegáraõ a valer até pela desprezivel arte de fazer despropositos, ou de dizer parvoices. Entaõ em nós seria *Philosophia*, o que nелles he desconcerto da maquina.

2.

A zombaria he de ordinario o ressentimento de hum amor proprio desordenado. Desaprova-se com hum ar de displacencia aquillo, que ou lembrou primeiramente, ou ainda que naõ lembrasse, naõ tinhamos os meios de nos preferirmos aos louvores do desinteresse, e da verdade:

ar-

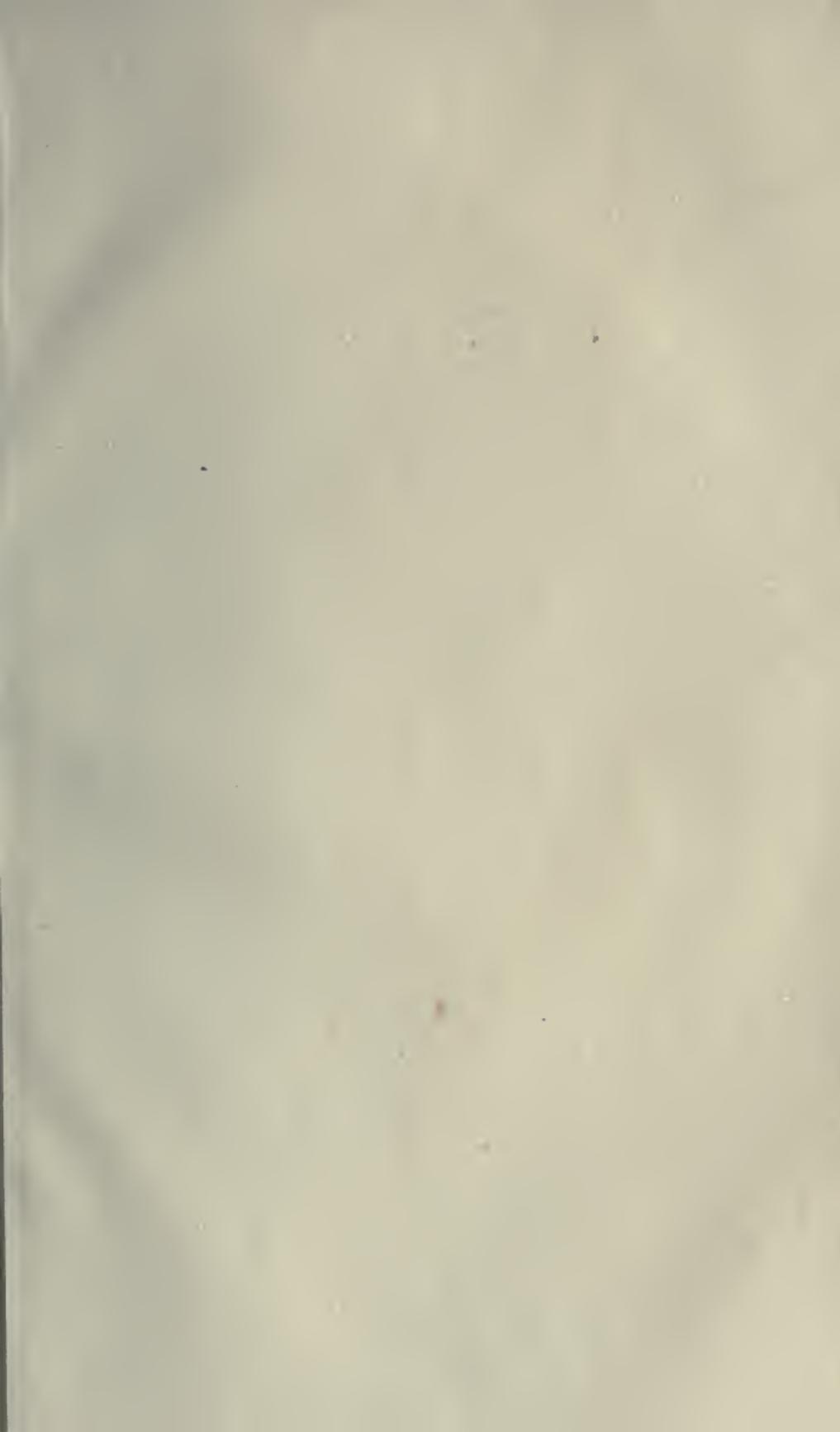
ardil prodigioso para nos termos sobre o
pé deste, talvez precipitado juizo avante-
joso, que o público tem formado de nós.

F I M.

PRO-

PROTESTAÇÃO.

Não he necessario , que se veja expressamente , basta que se sonhe , que em algum destes meus sentimentos não vou coherente com o sentir commun da Santa Igreja Universal , ou com o verdadeiro Systema de minha Patria , de que eu faço muita gloria , para eu me explicar , desdizer , ou retractar , sendo possivel , ou preciso. Sou igualmente Filho da Igreja , é Vassallo do Imperio.





PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BX Transfiguraçaso, M.
890 Obras posthumas de M.
T73 Transfiguração
t.1

UTL AT DOWNSVIEW

D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 14 10 03 14 006 5

